



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
MESTRADO EM ENSINO

**SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA
SECA: UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO
DESENVOLVIDO NO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIAGES**

Mirelton Souza Santos

Paripiranga/BA, setembro de 2020



Mirelton Souza Santos

**SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA SECA:
UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO
DESENVOLVIDO NO CURSO DE ENFERMAGEM DA UNIAGES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Recursos Tecnologias e Ferramentas no Ensino.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Neumann Martins

Paripiranga/BA, setembro de 2020

Mirelton Souza Santos

**SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA SECA:
UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO
DESENVOLVIDO NA UNIAGES**

A Banca Examinadora abaixo _____ a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação.

Profa. Dra. Silvana Neumann Martins - Orientadora
Universidade do Vale do Taquari- UNIVATES

Dr. Rogério José Schuck

Dra. Marli Teresinha Quartieri

Dra. Claudete Moreschi

Paripiranga/BA, setembro de 2020

ABC do Sertão
Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê
Luiz Gonzaga, 1954

QR Code 1 – ABC do Sertão



Fonte: www.youtube.com

*Dedico este trabalho ao meu amor Damião Santos, por viver
esse sonho comigo.*

Você é um Ser Tão especial. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Um dia sonhei que era professor. Ao acordar, percebi o quão infeliz estava na minha antiga profissão de bancário. Sempre quis ser professor. Desde criança, lembro-me das brincadeiras de escolinha e do prazer em escrever no quadro negro. Mas nem sempre o destino é uma escolha própria. Porém, nunca é tarde para correr atrás dos sonhos e ser feliz.

Este escrito é resultado de uma trajetória que não percorri sozinho, assim, aqui registro os meus agradecimentos aos que me acompanharam. Em primeiro lugar, agradeço:

- a Deus, mais do que me criar, deu propósito a minha vida. Vem Dele tudo que tenho, o que sou, e o que espero;

- aos Santos Cosme e Damião, pela proteção e pelas graças alcançadas. Luz que sempre está em meu coração!

- à Nossa Senhora do Bom Conselho, padroeira da minha cidade natal, Cícero Dantas/ BA: *“Tu és a estrela que me guia”*.

Conquistar os sonhos é possível para aqueles que têm fé. Nessa caminhada, a fé desse sonho também foi vivida pela minha família. Assim, agradeço:

- aos meus pais, Dona Maria e Seu Milton, pela educação em princípios e valores e, principalmente, em aceitar e apoiar minha felicidade. Amo muito vocês!

- à minha querida irmã Monaliza. Mesmo sem o som da sua fala, escuto seu amor, um sentimento puro, que me motiva a crer e a vencer obstáculos;

- aos meus avós, Vó Iva, Vovô Zito e Vovó Delfina (*in memória*), que durante esse percurso partiu, deixando saudades e o legado: *ser feliz é a única coisa que importa*. As idas para aulas do mestrado em Paripiranga proporcionavam o presente de visitar meus velinhos.

Já dizia o poeta que: *“Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”*. Nesse sentido, agradeço:

- a todos meus amigos, que de forma direta ou indireta me motivaram nessa caminhada.

- aos meus queridos alunos da Faculdade AGES de Tucano, pela acolhida e motivação. Ser professor para mim é realizar todos os meus sonhos, e também motivar sonhos de outras pessoas.

- à minha orientadora Profa. Dra. Silvana. Admiro o seu profissionalismo e sabedoria. Obrigado pelos os ensinamentos, incentivos e paciência.

- à AGES, principalmente ao seu idealizador, o Professor José Wilson. Sua história é inspiração. Sou grato, desde a graduação que transformou minha vida. Também por trazer a Univates e oferecer um mestrado com qualidade na aprendizagem.

- a todos os professores do Programa Minter em Ensino, que vieram até o Nordeste, partilhar seus conhecimentos e experiências. Meu muitíssimo obrigado.

E que venham outros sonhos, como versa Ariano Suassuna: *“O sonho é que leva a gente para a frente. Se a gente for seguir a razão, fica aquietado, acomodado”*.

RESUMO

O estudo trata sobre os efeitos de um ensino norteado por metodologias ativas na educação superior no fomento de competências empreendedoras em egressos do curso de Enfermagem, minimizando os efeitos de um cenário marcado pelo desemprego dos egressos. A investigação surge da necessidade de desvendar o potencial do ensino na empregabilidade, principalmente em situações de crise de emprego. Desse modo, a provocação central da pesquisa é: Como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem da UniaAGES no mercado de trabalho? A problemática de empregabilidade entre egressos do curso de Enfermagem é uma situação que assola as cidades interioranas, a exemplo da região semiárida da Bahia, onde o desenvolvimento do setor de saúde é limitado, o que é reflexo da escassez de recursos de um território castigado pela seca. Frente a essa situação, a pesquisa propõe uma interface entre metodologias ativas, empreendedorismo e enfermagem, buscando investigar as relações existentes entre essas proposições. Além disso, o estudo traz concepções teóricas voltadas a tais temáticas, pondera as bases conceituais do método de ensino ativo, apresenta fontes científicas em observância ao ensino com metodologias ativas no curso de Enfermagem, reúne estudos que confrontam as metodologias ativas e o empreendedorismo, e analisa as relações do empreendedorismo na Enfermagem. O caminho metodológico utilizado para atender os anseios desta pesquisa aproxima-se da abordagem qualitativa e pesquisa documental. Trata-se de um estudo de caso aplicado na Instituição UniAGES, pioneira em educação superior na região de Paripiranga/BA, no polígono da seca. Na consecução dos dados, foram realizadas ponderações ao Projeto Político Pedagógico Institucional e outros arquivos. Também

foram realizadas entrevistas com a coordenação do curso de Enfermagem da UniAGES, e com egressos de Enfermagem que empreenderam na sua profissão. No tratamento dos dados obtidos, foram elencados os fundamentos de Bardin (2009) acerca da análise de conteúdo, organizando as informações coletadas em categorias discursivas, conforme os desígnios da investigação. Tal método de análise resultou nos tópicos: O germinar e o agir no polígono da seca; O perfil egresso ageano; O agir nas Metodologias Ativas; Egressos de Enfermagem agindo através do empreendedorismo. Por meio do estudo, constatou-se que as metodologias ativas foram impactantes para a ação empreendedora dos egressos, e que o ensino ofertado pela instituição UniAGES reúne diretrizes metodológicas e filosóficas que preconizam o empreendedorismo. O estudo também permitiu refletir acerca da relevância do empreendedorismo como uma possível solução para a escassez de empregos na região.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Empreendedorismo. Enfermagem. UniAGES. Egressos.

ABSTRACT

The main theme of this study is the teaching of active methodologies at the University, contributing to the promotion of entrepreneurship. Into a scenario marked by unemployment of graduates of higher education. The research problem emerges from the need to unlock the potential of education in employability, especially in situations of employment crisis. Thus, the central provocation of the research is: How can teaching, guided by active methodologies, contribute to the development of entrepreneurship and the insertion of the graduate student of the Nursing course at UniaAGES in the job market? The problem of employability of the graduates of the nursing course is a situation that plagues the interior cities, mainly the semi-arid region of Bahia due to the limited development of the health sector, reflecting the scarcity of resources in a territory punished by drought. Faced with this situation, the research brought together the subjects: Active Methodologies, Entrepreneurship and Nursing instead of investigating the relationships between these propositions. Associating these themes as theoretical conceptions, he ponders the conceptual bases of the active teaching method; presents scientific sources in compliance with teaching with active methodologies in the nursing course; I gathered studies that confront active methodologies and entrepreneurship; also the relationships of entrepreneurship in nursing. In addition, the methodological path used to meet the desires of this research, comes close to the qualitative approach and documentary research, with a case study applied at the UniAGES Institution, a pioneer in higher education in the region, located in Paripiranga / BA in the drought polygon. In achieving the data, we considered the Institutional Pedagogical Political Project and other files, interviews applied to the coordination of the nursing course at UniAGES, and to the nursing graduates who undertook in their profession. In the treatment of the data obtained, the fundamentals

of Bardin (2009) were adopted, adopting content analysis, organizing the information collected in discursive categories, according to the purposes of the investigation. Thus, it resulted in the results: The germination and the action in the drought polygon; The egressed ageano profile; Acting in Active Methodologies; Nursing graduates acting through entrepreneurship, with information that makes it possible to verify that the active methodologies were impacting for the entrepreneurial action of the graduates, the teaching offered by the UniAGES institution brought together methodological and philosophical guidelines that advocate entrepreneurship at the expense of active methodologies. The study also reflects the construction of entrepreneurship for the scarcity of jobs in the region, through the dynamics of the active teaching method.

Keywords: Active Methodologies. Entrepreneurship. Nursing. UniAGES. Graduates.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Fases da análise do conteúdo	56
Figura 02 - Estrutura da Aula	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Perfil do egresso ageano.....	67
---	----

SUMÁRIO

1 SEMENTES DA PESQUISA	13
2 RAÍZES TEÓRICAS.....	19
2.1 Ensino com metodologias ativas	19
2.2 Metodologias ativas no ensino da Enfermagem.....	27
2.3 Empreendedorismo e educação empreendedora	33
2.4 Empreendedorismo na Enfermagem.....	43
3 RAÍZES METODOLÓGICAS	48
3.1 Caracterização da pesquisa	48
3.2 Lócus da pesquisa	50
3.3 Os sujeitos da pesquisa	51
3.4 Coleta de dados	53
3.5 Análise dos dados	54
4 FRUTOS DA PESQUISA	57
4.1 O germinar e o agir no polígono da seca	58
4.2 O perfil do egresso ageano	65
4.3 O agir nas metodologias ativas	75
4.4 Egressos de Enfermagem agindo através do empreendedorismo.....	87
5 A COLHEITA	100
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES	113

1 SEMENTES DA PESQUISA

“*Nada supera a calamidade da seca*”. Essa é uma frase de Euclides da Cunha (1902) na obra *Os Sertões*, que há mais de um século se repete nas falas dos sertanejos. Nesse cenário de sobrevivência na seca, obter uma colocação no mercado de trabalho e alcançar sucesso profissional ainda é um caminho desafiante. Com os estigmas de desamparo e miséria, a solução para alguns é fugir para os grandes centros urbanos em busca de emprego, educação e melhores expectativas de vida.

No ano de 2017, o Estado da Bahia decretou situação de emergência, e o território de identidade Semiárido teve 6,5% da população afetada, conforme a Superintendência de Proteção e Defesa Civil (SUDEC), órgão responsável por avaliar qual o contingente populacional de um município atingido pelos efeitos da seca. Portanto, todos os setores da economia foram afetados, demandando falta de recursos, empregos e o aumento da pobreza.

A seca é uma condição climática que condena o povo nordestino à escassez de oportunidades. No entanto, como já dizia o poeta Patativa Assaré (2000): “*Eu sou de uma Terra que o povo padece, mas não esmorece e procura vencer*”. Assim, podemos dizer que, para conviver com a seca, é preciso aprendizado constante para vencer desafios. Afinal, é um povo que aprendeu a captar e armazenar água, cuidar da produção em períodos de estiagens e a todo momento estamos inovando e criando estratégias para as questões ambientais, sociais e produtivas.

Nesse sentido, conviver com a seca, com as poucas oportunidades de trabalho e limitadas condições de vida faz parte da realidade de quem vive em muitas regiões do Nordeste brasileiro. Em meio a essa problemática, surgiu a ideia de desenvolver esse estudo tendo como base a dificuldade de empregabilidade dos egressos do Ensino Superior na região Semiárida da Bahia.

Nesse contexto, a motivação pelo tema da pesquisa nasceu da minha atuação no setor público, ocupando o cargo de agente de desenvolvimento territorial da região Semiárida da Bahia, vinculado à Secretaria de Planejamento do Estado, com função de organizar a comunidade e discutir os desafios de convivência com a seca, atrelando políticas públicas e fomento de desenvolvimento interiorano. Além disso, minha formação em Administração e Pedagogia, e minhas vivências como professor culminaram no interesse em pesquisar os temas: ensino, empregabilidade e empreendedorismo.

Contudo, dentro desse panorama pessimista, cabe refletir sobre a seguinte ideia: *“O sertanejo é antes de tudo um forte”* (Euclides da Cunha, 1902). A partir dessa perspectiva, talvez a seca não seja o maior dos problemas. Talvez seja preciso apenas um olhar diferente e compreender as oportunidades não visíveis. Talvez seja preciso ser empreendedor, ação que provoca e desperta nas pessoas a proatividade de reinventar uma nova paisagem para o seu lugar.

Sendo assim, acredita-se que a educação, por meio de um ensino preocupado com o mercado de trabalho, contribua para uma formação profissional, com competências e habilidades que estimulem ideias e inovações. Isso pode constituir profissionais dedicados, criativos, autônomos e transformadores do contexto local.

Com essa premissa, o problema estimulador da pesquisa foi a indagação: Como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem no mercado de trabalho?

Conforme já referido, a pertinência do problema se justifica pela carência de oportunidades no mercado de trabalho no interior do estado da Bahia, mais precisamente na região Semiárida. Segundo dados de 2018 do Conselho Regional de Enfermagem (Coren Bahia), a democratização do Ensino Superior e a implantação de instituições na região contribuiu para o gradativo aumento dos profissionais de Enfermagem sem ocupação nas cidades interioranas. Em outras palavras, os formandos da área da Enfermagem foram preenchendo as vagas ociosas existentes e o mercado ficou escasso.

No ano de 2013, a Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia, em consonância com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), mostrou que os empregos formais de profissionais da área de Ciências Biológicas, da área da Saúde e afins apresentaram dados negativos: em 2013, foram

628 postos de trabalho a menos em relação a 2012, ou seja, o saldo de desligamentos foi maior do que o de admissões. E seu histórico foi diminutivo desde 2010. Conforme o mesmo estudo, o índice de desemprego entre as profissões de nível superior vem aumentando, em especial no interior do estado, devido ao fato de as poucas ofertas de empregos, tanto no setor público quanto no privado, já estarem ocupadas. Esse dado também se deve a fatores de ordem econômica, como também às limitações no que diz respeito à habilidade de reinventar-se e de ser autônomo em algumas profissões. Diante desse cenário, tais profissionais acabam buscando empregos em regiões metropolitanas e até outros estados.

Outra informação relevante é do estudo realizado pelo Coren do Estado da Bahia, no ano de 2016, ao entrevistar profissionais da Enfermagem com matrícula ativa na instituição, e que não estavam empregados na função. A dificuldade de obter um emprego na área foi relatada por 74,5% dos profissionais. Além disso, a pesquisa revelou que 9,4% dos profissionais entrevistados relataram inatividade na profissão nos últimos 12 meses, o que indica uma situação de desemprego bastante preocupante.

Ademais, a Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia (SEI) divulgou, no final do ano de 2018, o saldo negativo de empregos formais nos territórios de identidade do estado da Bahia. Segundo o referido estudo, o Semiárido do Nordeste é uma das regiões mais críticas, marcada pela queda de 30% dos empregos formais.

Como se pode ver, os referidos dados refletem que profissões como a Enfermagem vêm enfrentando dificuldades na empregabilidade, devido às poucas vagas em hospitais, clínicas e postos de saúde já estarem ocupadas. Desse modo, o interior do estado da Bahia, precisamente no território do Semiárido do Nordeste, é marcado por dificuldades de empregabilidade de enfermeiros, presumível do frágil cenário econômico, decorrente das poucas empresas (públicas e privadas) que empregam tais profissionais.

O território de identidade Semiárido do Nordeste é composto por dezoito municípios, que possuem como fonte principal de renda a agricultura e a agropecuária de pequenos produtores, além de poucas empresas de pequeno porte. Portanto, a maior parte dos empregos formais são os dos setores públicos, tanto municipal quanto estadual. Devido aos restritos espaços de atuação, é difícil obter uma ocupação profissional, inclusive para os profissionais que possuem formação e qualificação.

Assim, em conformidade com o problema de pesquisa, o objetivo geral deste estudo foi: Investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem UniAGES no mercado de trabalho.

A fim de alcançar esse objetivo, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- Averiguar como acontece o ensino embasado no método ativo, no curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES;
- Conhecer, sob a ótica do coordenador do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES, quais as preocupações com a empregabilidade e o empreendedorismo emanados do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do curso;
- Analisar as percepções de três egressos, já empreendedores, sobre as aproximações entre o ensino de metodologias ativas no curso de Enfermagem e a inserção no mercado de trabalho.

O lócus da pesquisa foi o Centro Universitário UniAGES, instituição que oferta o ensino com método ativo, localizada na cidade de Paripiranga, no estado da Bahia, situada no polígono da seca. Atuante desde 2001, ofertando cursos de nível superior ao público advindo em sua maioria das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Este trabalho, que se constitui como um estudo exploratório, seguiu um percurso metodológico que partiu de reflexões acerca do Projeto Pedagógico Institucional e outros documentos organizacionais. Na sequência, foram realizadas entrevistas com a Coordenação do curso de Enfermagem e com três egressos do mesmo curso, diplomados pela UniAGES. Os entrevistados egressos foram escolhidos devido a suas histórias empreendedoras no território Semiárido do Nordeste baiano.

Com esse arranjo, o tema ápice do estudo é: O ensino de metodologias ativas na Universidade, contribuindo para o fomento do empreendedorismo. É uma pesquisa que possui relevância acadêmica por reunir tais assuntos e revisar a literatura científica. De tal modo, sua importância social está em auferir conhecimentos para a empregabilidade e o empreendedorismo, colaborando com o desenvolvimento social de estudantes e egressos. No tocante ao aspecto pessoal, me permitiu desbravar informações valiosas para minha formação como educador, pois possibilitou conhecer as raízes do ensino ativo e suas repercussões e resultados. Além disso, com este

trabalho, pude refletir que a educação transforma o mundo. Ou melhor, como destacado por Freire (2003, p.84): “*Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo*”.

Além deste capítulo, que contextualiza a problemática e os propósitos da pesquisa, o estudo está organizado em outros quatro capítulos: ‘Raízes Teóricas’, ‘Raízes Metodológicas’, ‘Frutos da Pesquisa’ e ‘A colheita’.

No capítulo ‘Raízes Teóricas’ estão organizadas as bases científicas dos temas principais, em tópicos: ‘Ensino com metodologias ativas’, que reúne os conceitos e aprendizagem do método ativo; ‘Metodologias ativas no ensino de Enfermagem’, que versa sobre estudos científicos do método na formação do enfermeiro; ‘Empreendedorismo e educação empreendedora’, que destaca as publicações sobre as metodologias ativas e suas relações com o empreendedorismo; ‘Empreendedorismo em Enfermagem’, que discute o tema na profissão, apresentando os principais e recentes estudos.

Em sequência, no capítulo ‘Raízes Metodológicas’ é ressaltado o caminho realizado na consecução dos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, destaco a abordagem científica utilizada, fundamentação dos instrumentos, contexto do campo de pesquisa, sujeitos envolvidos, procedimentos utilizados para coletar dados, assim como a organização e a análise dos dados produzidos.

Já no capítulo ‘Frutos da Pesquisa’ estão estruturados os dados coletados, os quais são aproximados aos fundamentos teóricos que sustentam este trabalho. Essa análise é feita a partir de pressupostos da técnica de análise de conteúdo, definida Bardin (2009). Desse modo, as informações estão apoiadas em teorias e organizadas em quatro categorias: a) O germinar e o agir no polígono da seca; b) O perfil egresso ageano; c) O agir nas Metodologias Ativas; d) Egressos de Enfermagem agindo por meio do empreendedorismo.

Por último, o capítulo ‘A colheita’ reúne discussões aprofundadas sobre os resultados obtidos conforme os objetivos da pesquisa e a problemática inicial. Assim, estabelece-se uma reflexão detalhada acerca da interface entre metodologias ativas, empreendedorismo e Enfermagem, destacando a empregabilidade da referida área. Desse modo, sem a pretensão de concluir o estudo, mas com a intensão de provocar reflexões e ações para outros resultados, inclusive combater a escassez de empregos, busca-se promover não só uma educação orientada para empregabilidade,

como também um ensino transformador, além de diferentes raciocínios e soluções para outros problemas.

Portanto, esses são os fundamentos e as aspirações que constituem o presente estudo. Um escrito que pode contribuir com a comunidade acadêmica, os professores, os alunos e os egressos, assim como com a sociedade em geral, por reunir conhecimentos relevantes sobre o ensino e suas repercussões, inserido em um cenário marcado pelas dificuldades da seca.

2 RAÍZES TEÓRICAS

“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. Paulo Freire

Este capítulo reúne as concepções teóricas dos temas pilares que circundam a pesquisa, em vista da relevância dos assuntos: Metodologias Ativas e Empreendedorismo, adentro do contexto da Enfermagem. Desse modo, essas relações estão organizadas nos seguintes tópicos: 2.1 Ensino com metodologias ativas, onde apresento além das bases conceituais, os principais discursos teóricos do método; 2.2 Metodologias ativas na Enfermagem, em que reflito acerca do ensino com método ativo no curso de Enfermagem; Empreendedorismo e educação empreendedora, no qual organizo teorias em detrimento das metodologias ativas e o empreendedorismo; 2.4 Empreendedorismo na Enfermagem, em que discorro sobre a prática empreendedora na profissão.

2.1 Ensino com metodologias ativas

A educação conquistou avanços significativos ao longo dos tempos. Ela se instalou, no Brasil, de forma catequizadora e dominante. No entanto, em novos contextos, integra um campo transformador, social e político. Essa nova forma de educar é reflexo da celeridade e dos anseios da sociedade contemporânea, que está preocupada em promover sujeitos ativos, dinâmicos, criativos e que acompanhem as necessidades da economia e do mercado de trabalho.

Portanto, é preciso aprender a pensar de maneira autônoma, romper com o silêncio da educação tradicional, na qual a voz ativa era apenas a do professor, que

possuía a função de transferir saber. De tal modo, é preciso uma quebra de paradigmas na educação, tornando o ensino é um acontecimento do aluno, o qual aprende a pensar, descobrindo respostas, buscando saberes e socializando com o mundo.

Logo, é primaz citar que *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (FREIRE, 2011). O autor é um dos pioneiros nos discursos de uma nova educação para os brasileiros, com o fundamento teórico de uma educação com voz ativa dos sujeitos. Ele defende a necessidade de um ensino que eleve os discentes, que estabeleça relações com a realidade local e projete autonomia do saber.

Assim sendo, Paulo Freire (2011) preconiza um modelo educativo que rompe com o tradicional ensino bancário, de depósito de informações, e a consciência ingênua do aluno. Apresenta uma educação libertadora, com propósito central de incentivar a autonomia dos pensamentos e reflexões críticas envolvendo o espaço social em que o aluno esteja inserido.

Nesse viés, a educação surge com função libertadora, firmando avanços para o espaço além do escolar. Assim, o autor defende a necessidade de um ensino preocupado com o ambiente externo, em específico com as realidades locais e anseios de cada contexto. Dessa forma, uma pedagogia coerente com a realidade de cada sujeito, em que a aprendizagem dialoga com o contexto social.

Gadotti (2011), à luz de Paulo Freire, enfatiza que a escola não pode ser mais um espaço, meramente de formação, informativa e segmentada para lecionar. A escola é sim um recinto para conhecer os múltiplos ambientes, para gerir o conhecimento social e construir um círculo de cultura.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo (GADOTTI, 2011, p. 01).

O pensamento educacional freireano se apresentou revolucionário na conjuntura política, econômica e social da década de 1960 no Brasil, devido ao debate caloroso acerca das contribuições da autonomia para o pensamento ou para senso crítico. Nessa abordagem, percebeu-se que as tecnologias proporcionam maior velocidades às informações e às relações, mas não garantem que o pensamento

crítico esteja sendo realizado. Ou seja, esses novos espaços, com o apoio das tecnologias digitais, por si só, não garantem a circulação do saber.

A partir dessa ideia, pode-se entender que o ensino tradicional ainda é recorrente na realidade brasileira, visto que as tecnologias são, muitas vezes, usadas para replicar práticas do século passado. Em Gadotti (2000), vemos que a era do conhecimento não é precisamente o período em que emergimos para construtivismo, mas sim, está relacionado a espaços de difusão de dados, consequências da informatização, que nem sempre conduzem o saber pensar.

Assim, de acordo com os objetivos da pesquisa, referenciar Paulo Freire (2011) é debater o quão importante é contextualizar o saber pensar na perspectiva do universo em que o aluno está inserido, possibilitando não apenas diretrizes para o campo profissional, mas consciência crítica para perceber e aproveitar as oportunidades.

Paulo Freire foi um dos pioneiros a problematizar os desafios concretos que impulsionaram a articulação de movimentos populares em direção à transformação das realidades sociais opressoras. Para o educador, um dos grandes problemas da educação paira no fato de os alunos não serem estimulados a pensarem autonomamente (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 268).

Destarte, Paulo Freire (2011) preconiza uma educação que valorize e reconheça contextos, histórias, culturas e o mundo que circunda os educandos, rompendo com o tradicionalismo engessado da educação bancária, que é pronta e obsoleta. O autor defende a necessidade da autonomia do ensino, de modo que professores e alunos sejam transformados no processo de ensino-aprendizagem com postura ativa e contextualizados com sua realidade local.

De tal modo, a pedagogia defendida pelo autor é um avanço para a educação brasileira, e seu método traz um marco teórico para o rompimento do ensino tradicional, instaurado desde os primórdios da educação no Brasil. Berbel (2011), com destaque na pedagogia de Freire, ressalta que:

Encontramos em Paulo Freire (1996) uma defesa para as metodologias ativas, com sua afirmação de que na educação de adultos, o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos (BERBEL, 2011, p. 25).

Assim, a pedagogia de Paulo Freire (2011) se apresenta como uma corrente teórica que quebra paradigmas do ensino tradicional e projeta a necessidade de uma nova educação para a realidade brasileira, em que ensino seja pautado nas metodologias ativas.

O debate das metodologias ativas surgiu em 1980, conforme destacam Mota e Werner (2018), como uma alternativa de romper com a tradição de aprendizagem passiva, em que prática didática era exclusiva do professor, o qual centralizava informações e conteúdos, como já vimos. Também, devido às transformações da sociedade, que se tornou um espaço colaborativo, surgiu a necessidade de um ensino com interação dos sujeitos, com postura ativa do aluno, autonomia e aprendizagens significativas. Dessa forma, os alunos estariam melhor preparados para o cenário dinâmico. Frente a esses objetivos, os métodos e técnicas do ensino ativo são capazes de estimular a interação aluno e professor, aluno com alunos e alunos com outros espaços.

As metodologias ativas com início na década de 1980 procuraram dar resposta à multiplicidade de fatores que interferem no processo de aprendizagem e à necessidade dos alunos desenvolverem habilidades diversificadas. Era necessário que o aluno adquirisse um papel mais ativo e proativo, comunicativo e investigador (MOTA; WERNER, 2018, p. 263).

Araujo (2015), no escrito 'Fundamentos da metodologia de ensino ativa' (1890-1931), traz um ensaio sobre os primórdios da metodologia, apresentando vários autores que fizeram diferentes passagens acerca do tema e colaboraram para sua ascensão. De acordo com o referido autor, W. James, J. Dewey e Adolphe Ferrière realizaram os primeiros estudos sobre a capacidade de aprendizagem dos alunos, partindo de uma perspectiva da Biologia e Psicologia. Isso se deu no final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, quando aconteceu a evolução do tema. Nessa linha do tempo, os debates sobre metodologias se tornaram frequentes, o que proveu uma nova performance na educação:

A metodologia de ensino, a educação, a pedagogia, a didática resultam de uma compreensão sócio-histórica, pela qual a estrutura, o contexto e a situação ou mesmo a circunstância são fundantes. Esse modo de conceber justifica a diversidade de metodologias de ensino, posto que as concepções de cultura, de homem, de existência, de educação, de sociedade, de história se entrelaçam com as concepções de professor, de aluno, de ensino, de aprendizagem, de didática, de pedagogia etc, o que imprime necessariamente posicionamentos teóricos, éticos, antropológicos, políticos, epistemológicos bem diversificados. Trata-se de um embate em processo, o

da superação da atividade como aquela que aciona a aprendizagem (ARAUJO, 2015, p. 14).

Entre esse caminho de debates, Dewey (2002) entende a educação como uma vivência de experiências ao invés da transmissão de temas abstratos. De tal modo, defende o ensino que faz uso de desafios educacionais na forma de problemas, ou seja, coerente com o modo como as pessoas, naturalmente, aprendem. Para Gemignani (2012, p. 13), parafraseando Freire, educar é um ato de conhecimento da realidade concreta, das situações vividas, ou seja, é preciso um ensino que aproxime a realidade do conhecimento, para uma aprendizagem significativa, que desperte ações, reflexões, que seja útil a aprendizagem no agir sobre o mundo que vive.

Quanto mais aprendamos próximos da vida, melhor. Teóricos como Dewey (1950), Freire (2009), Rogers (1973), Novack (1999), entre outros, enfatizam, há muito tempo, a importância de superar a educação bancária, tradicional e focar a aprendizagem no aluno, envolvendo-o, motivando-o e dialogando com ele (MORÁN, 2015, p. 18).

Como destacado, as metodologias ativas não constituem um fato recente. Trata-se de um debate teórico composto por várias concepções que contribuíram para o arranjo metodológico que versa a postura ativa do aluno no processo de aprendizagem. Diesel, Baldes e Martins (2017) reúnem os processos de ensino e de aprendizagem pautados nas principais teorias, como a aprendizagem pela interação social, preconizada por Lev Vygotsky (1896-1934), a aprendizagem pela experiência, de John Dewey (1859-1952), a aprendizagem significativa de David Ausubel (1918-2008), bem como a perspectiva freireana da autonomia (Paulo Freire, 1921-1997). Os referidos autores destacam a relevância das teorias no processo do ensino com métodos ativos e ressaltam a necessidade do uso consciente das teorias, ponderando os resultados sobre a aprendizagem dos estudos.

Assim, conforme Morán (2015), as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. O método necessita estar orientado com as necessidades do ensino. Para formar alunos proativos, é preciso um ensino com metodologias que envolvam atividades de tomada de decisões, contudo é preciso avaliar os resultados desse método. Assim, o ensino precisa de espaços de experimentação e também de avaliação.

Dessa forma, as metodologias ativas vão além da ruptura da transmissão do conhecimento. Conforme Barbosa e Moura (2013), a metodologia ativa fomenta a

aprendizagem ativa do aluno. Isso acontece quando ele interage com o “assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando –, sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor”. É um processo dinâmico, do qual o professor é um orientador, supervisor da aprendizagem e estimulador do pensar. Do mesmo modo:

Cabe ao professor regatar a necessidade da educação ser estruturada neste grande pilar: um ensino que não vise apenas a aprendizagem dos conteúdos específicos das disciplinas, mas que também apresente a intenção de ensinar o estudante a aprender a aprender, assegurando-lhe a busca pelo conhecimento em condições diferentes das apresentadas pelo professor, inclusive fora dos muros escolares (MOTA; WERNER, 2018, p. 274).

Conforme Berbel (2011), uma das maiores características da metodologia ativa é promover a autonomia do aluno e incentivar sua participação ativa na educação. Além disso, essa abordagem tem o potencial de despertar a curiosidade do aluno, contribuindo para uma formação atenta com visão ampla. Sendo assim, as aulas precisam articular teoria e prática, precisam relacionar conteúdos e matérias com vivências, precisam estimular os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento. Do mesmo modo, Morán (2015) destaca que trabalhar com metodologias ativas requer currículos mais flexíveis, com inversão de processos, com mudanças. É um momento de desconstrução, ou seja, de romper com o tradicionalismo de o professor ser o detentor do saber. É um momento de mudanças disruptivas, que quebrem os modelos estabelecidos.

Diante dos aspectos observados, a relevância da metodologia ativa no ensino deve-se aos resultados significativos tanto na vida escolar como vida pessoal dos sujeitos. Desse modo, a metodologia ativa orienta o processo de ensino-aprendizagem com foco na construção do conhecimento. Com esse enfoque, os métodos vão desde uma aula dialogada até estudos esquematizados com problematização de conteúdos, assuntos e disciplinas.

As possibilidades para desenvolver metodologias ativas de ensino-aprendizagem são múltiplas, a exemplo da estratégia da problematização, do Arco de Margueret, da aprendizagem baseada em problemas (problem-based learning – PBL), da aprendizagem baseada em equipe (team-based learning – TBL), do círculo de cultura. Vale esclarecer que outros procedimentos também podem constituir metodologias ativas de ensino-aprendizagem, como: seminários; trabalho em pequenos grupos; relato crítico de experiência; socialização; mesas-redondas; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; oficinas; leitura comentada; apresentação de

filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico-pedagógicas; portfólio; avaliação oral; entre outros (PAIVA et. al, 2016, p. 147).

Diversas são as técnicas norteadas por metodologias ativas, com potencial de promover aprendizagem com autonomia, como exemplifica Berbel (2011, p. 30): “o estudo de caso é um método da metodologia ativa que aproxima estudante da realidade com situações problemas”. Já o método de projetos é uma modalidade que associa atividades de ensino, pesquisa, criação e aprendizagem real. Outro procedimento é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP ou PBL), que tem como proposta a busca pela solução de problemas através do estudo de conteúdos, provendo assim a aprendizagem. Temos ainda o arco de Maguerez, que inclui cinco etapas - observação da realidade, definição de um problema, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade. Portanto, todos esses métodos apresentados elencam problemas ou desafios que requerem do estudante a busca por conhecimentos para responder a essas situações.

As metodologias ativas valem-se de inúmeros instrumentos e métodos, conforme referido anteriormente. Além disso, como destaca Morán (2015), essa abordagem pode ser usada em diferentes contextos, seja numa proposta interdisciplinar, no ensino híbrido ou na sala de aula invertida. Sendo assim, mais uma vez corrobora-se com a ideia de que as metodologias ativas favorecem modelos inovadores, disruptivos, que desconstróem os padrões, redesenham a sala de aula para a construção de conhecimento de diversas formas: problematização, desafios, atividades, jogos, entre outras dinâmicas que contribuam para motivar o aluno a buscar o saber. Assim, o autor defende a necessidade de inovações na educação com métodos ativos, para responder às cobranças do mercado de trabalho, o qual, por vez, é fruto da celeridade das transformações do mundo. É preciso, pois, formar profissionais com perfil inovador, criativo, empreendedor, aptos a conviverem em cenários de rápidas mudanças.

Do mesmo modo, Paiva *et al.* (2016) entendem que são apresentadas múltiplas modalidades e estratégias para o método ativo, aplicados desde a Educação Básica até o Ensino Superior, principalmente aos cursos da área de saúde. Os benefícios do método são aprendizagem relacionadas à autonomia, à integração de teoria-prática e ao desenvolvimento de visão crítica do aluno.

Em consonância, Gemignani (2012) destaca que as metodologias ativas são processos de ensino construídos através da ação-reflexão-ação. Conforme defende Freire, nesse movimento, os alunos são estimulados através de problemas ou situações práticas de experiências, a citar os métodos do Arco de Maguerez ou os da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que têm por finalidade promover a postura ativa do aluno na busca por conhecimentos. Assim, quando esses métodos são associados a problemas e à contextualização da realidade, propõem que os conteúdos sejam colocados em prática e, dessa forma, estimulam o pensar buscando solucionar essas provocações. O resultado desse processo é a aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa só é possível quando o aluno constrói o seu próprio conhecimento e para tal precisa estar mentalmente ativo. Quando os alunos estudam apenas para os momentos de avaliação, a aprendizagem corre o risco de ficar reduzida à memorização (MOTA; WERNER, 2018, p. 263).

Conforme já referido, o ensino através das metodologias ativas, além de provocar aprendizagem de conteúdos, desenvolve habilidades que o preparam para o mercado de trabalho. Sendo assim, Fini (2018) ressalta a necessidade de o Ensino Superior valer-se de metodologias ativas para promover aprendizagens que tenham efeito nas relações de trabalho. Partindo dos anseios de um mundo colaborativo, altamente informatizado e que muda numa velocidade cada vez maior, aprender a ser inovador é preciso. Dessa forma, um ensino estruturado com metodologias que estimulam o aluno a construir saberes, prepara-o melhor para o ambiente de trabalho. A autora fala da importância das metodologias ativas na formação profissional, destacando o papel das instituições de Ensino Superior em transformar a cultura tradicional do ensino padronizado, análogo e preocupado em reproduzir, em um ensino ativo, dinâmico e que atenda os anseios da sociedade do trabalho.

Do mesmo modo, Mota e Werner (2018) ressaltam que as metodologias ativas são métodos, técnicas e estratégias utilizadas para prover impactos através da educação. Os autores destacam a necessidade de uma educação orientada em promover o aprender a aprender e, para isso, é preciso transcender os muros da escola.

Como se percebe até aqui, o debate sobre as metodologias ativas propõe uma série de mudanças no contexto educacional. Apesar do vigoroso enfoque, ainda o

tradicionalismo do ensino impera nas ações de professores, nos arranjos da escola, da Educação Infantil até a universidade. Como consequência disso, acredito que os alunos provenientes de um modelo de ensino que não instigue a autonomia, não promova uma postura ativa e crítica, formando profissionais obsoletos, que reproduzem práticas, não sendo capazes de produzir algo novo. Nesse sentido, a metodologia ativa possui a função de redesenhar o perfil de algumas profissões.

Feitas essas considerações, parte-se para o próximo tópico, no qual reúno um apanhado teórico que aborda a metodologia ativa numa interface com à Enfermagem, ponderando a importância do ensino para a formação profissional.

2.2 Metodologias ativas no ensino da Enfermagem

Debates sobre os processos de ensino e de aprendizagem são recorrentes não apenas para a comunidade acadêmica, mas também em outros domínios da sociedade, tendo em vista que os resultados desses processos são percebidos nas relações de trabalho (empregabilidade). Assim, é pertinente que as áreas de formação reavaliem seus processos de ensino, de modo a oferecerem uma formação condizente com os anseios da sociedade e com a dinâmica do ambiente de trabalho.

Falando especificamente da Enfermagem, Backes *et al.* (2012) destacam que a formação dos profissionais dessa área deve levar em conta a evolução do mundo, das fronteiras, das tecnologias e dos estilos de vida. Dessa forma, essa formação requer flexibilidade e criatividade, através de uma pedagogia que oriente o agir profissional em meio às complexidades das situações cotidianas.

Backes *et al.* (2012) reforçam ainda que, para a construção do perfil profissional crítico, reflexivo e socialmente responsável pelo conhecimento, é preciso uma formação acadêmica orientada com metodologia ativa. Dessa forma, conforme o autor, serão possibilitados espaços educativos favoráveis à construção de sujeitos pensantes, capazes de ressignificar e reorganizar o saber.

Metodologia ativa e empreendedora na formação do profissional enfermeiro viabiliza a construção do conhecimento de forma inovadora e transformadora, pela valorização do diferente, do incerto e aleatório (...) no sentido de ampliar as oportunidades e possibilidades empreendedoras dos diferentes atores envolvidos no processo (BACKES, et. al, 2012, p. 602).

Do mesmo modo, Meira (2016) destaca, a partir do discurso de egressos e estudantes dessa área de atuação, que o ensino precisa realinhar o currículo tendo em vista as necessidades da profissão e do mercado. Assevera a necessidade de recursos metodológicos que desenvolvam liberdade, autonomia, relações com o ambiente para um ensino significativo, contextualizado e globalizado. No mais, ressalta que:

A utilização de metodologias ativas e inovadoras de ensino, como a problematização, são estratégias eficazes que podem gerar aprendizagem significativa. O cenário real para exercício do cuidado é o principal espaço para a formação ética, além de contribuir para o desenvolvimento do raciocínio clínico (MEIRA MDD, 2016, p. 21).

Em consonância, Carácio *et al.* (2013), ao apontarem os resultados do uso das metodologias ativas no ensino de Enfermagem, destacam que o método é de grande relevância para a aprendizagem, devido ao fato de os instrumentos de problematização proporcionarem conhecimentos condizentes com a realidade. Essa abordagem favorece a formação de profissionais diferenciados, que possuem múltiplas visões acerca das problemáticas que surgirem ao longo da caminhada profissional. Reflete ainda a necessidade da democratização do ensino ativo na formação do profissional de Enfermagem para as dimensões polivalentes de atuação, que culminam em um novo cenário da profissão. Ademais, os autores enfatizam:

Para formar estes profissionais, os currículos das IES têm um papel fundamental, devem buscar inserir o estudante no contexto real de forma articulada com os serviços de saúde, com o propósito de formar um generalista, crítico e reflexivo, que proporcione o cuidado em sua integralidade, sendo capaz de gerir na complexidade e heterogeneidade em que se apresenta (CARÁCIO *et al.*, 2013, p. 135).

Em meio a esses discursos, é possível destacar que os cursos superiores anseiam por um ensino que possibilite visão crítica, resolução de problemas e capacidade criativa. Carácio *et al.* (2013) ainda ponderam que os cursos das áreas de saúde, como Medicina e Enfermagem, necessitam de um currículo voltado para a problematização, não limitando a aprendizagem dos saberes a um ensino tradicional, baseado na transmissão de conhecimento. Assim, ratificam a necessidade de oferecer uma prática educativa, diretiva e reflexiva, por meio de uma abordagem multidisciplinar, de modo a preparar o indivíduo para o exercício profissional em diversos cenários.

Portanto, formar profissionais vai muito além de transmitir os conhecimentos relacionados à prática profissional. É preciso oferecer maneiras de construir conhecimentos de forma significativa, de modo que esse conhecimento seja útil tanto para a atividade profissional quanto para suas relações com mundo. De tal modo, as metodologias ativas surgem nesse processo de ensinar e de se relacionar com diversos contextos, como destacado em:

Como enfrentamento ao modelo tradicional imposto e aceito a longo tempo, tem-se lançado mão das chamadas metodologias ativas de ensino e aprendizagem, nas quais é dado forte estímulo ao reconhecimento dos problemas do mundo atual, tornando os alunos capazes de intervir e promover as transformações necessárias. O aluno torna-se protagonista no processo de construção de seu conhecimento, sendo responsável pela sua trajetória e pelo alcance de seus objetivos (FINI, 2018, p. 177).

A sociedade anseia por uma formação que desconstrua a tradição do ensino tradicional. Nesse viés, Fini (2018) disserta acerca das preocupações do Ensino Superior com a dinâmica social, pressiona a necessidade de um profissional hábil ao tempo globalizado, informatizado e contemporâneo aos diversos saberes. Assim, as instituições precisam inovar seus ensinamentos, realizando uma quebra paradigmática, a fim de formar profissionais capazes não só de assumir um papel crítico em meio a tantas transformações ocorridas como também atentos às enérgicas evoluções do mundo.

Em um ensaio sobre os perfis do ensino acadêmico, a autora ressalta que o caminho dessas instituições é propor uma evolução dos processos de aprendizagem, formando egressos alinhados com as necessidades do contexto e do momento. Enfatiza que as instituições podem manter um modelo curricular predominantemente disciplinar, contudo, devem priorizar o envolvimento do aluno com metodologias ativas. Podem também, de forma inovadora, romper as divisões disciplinares e redefinir projetos para que o aluno aprenda de forma problematizadora, obedecendo aos seus ritmos, significados, necessidades e se relacionando com os diferentes ambientes, saberes, métodos, disciplinas com planejamento e mediação de professores.

A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais; e que estas não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora (FINI, 2018, p. 178).

Destarte, Marin (2010) expressa que as metodologias ativas constituem um ensino de múltiplas dimensões, em especial para a área da Enfermagem. Assim, aprender de forma contextualizada aproxima os conhecimentos, facilita a apreensão dos conteúdos e gera significados relevantes.

Observa-se que a lógica utilizada pelos egressos para avaliar positivamente os cursos, em geral, revelou a aplicação de princípios das metodologias ativas, uma vez que, para eles, foi possível uma visão ampliada e contextualizada da realidade, a articulação teoria-prática, além do desenvolvimento da capacidade de conviver com e respeitar os diferentes saberes necessários ao cuidado integral. A troca de experiência, o envolvimento com outras categorias profissionais, o aprender a trabalhar em grupo e o buscar o próprio conhecimento, de acordo com as necessidades do cotidiano, também se mostraram como reais aquisições dos cursos (MARIN, 2010, p. 339).

Em meio aos enunciados de Marin (2010), é possível refletir que os estudos dirigidos, problematizados e organizados visam a um ensino que proporcione aprender dos conteúdos e relacionar teoria e prática, proporcionando uma percepção contextual e uma educação preocupada com ações cotidianas. Tal visão é ratificada no artigo “Círculos de cultura e qualificação profissional para agentes comunitários de saúde da unidade básica de saúde São José – relato de experiência”, de autoria de Vêras *et al.* (2015) que, fazendo um relato de experiências envolvendo os agentes comunitários vinculados à Unidade Básica de Saúde, evidenciam que a área da saúde necessita de uma educação com ensino contextualizado com a vivência do sujeito.

Nos serviços de saúde, deve ser oferecida aos profissionais uma educação permanente para que possam executar suas funções laborais da melhor maneira possível. No entanto, não é isso que se observa na prática. Quando ela existe, ocorre de forma tradicional, fazendo com que os conteúdos sejam simplesmente repassados e não discutidos. A educação permanente através dos Círculos de Cultura é uma forma de compartilhar conhecimentos de maneira a valorizar o saber prévio dos participantes, fazendo com que estes se tornem agentes ativos na (re)construção dos saberes (VÉRAS *et al.*, 2015, p. 57).

Assim, é valioso destacar que as vivências, os conhecimentos prévios e os estudos contextualizados oriundos de metodologias ativas remetem uma prática profissional consciente e não obsoleta. De tal modo, Marin (2010) traz um outro relato pertinente acerca da experiência de qualificação dos Agentes Comunitários de Saúde da cidade de São Paulo/SP. Com base em seus conhecimentos prévios, foi realizada uma (re)construção ativa dos saberes prévios com os adquiridos durante a

qualificação, de modo a articulá-los a situações cotidianas. Conforme preconizado pela metodologia de Paulo Freire, a construção de conhecimento a partir da autonomia do pensamento com seu contexto favorece uma educação problematizadora.

Para reafirmar essa discussão, no artigo “Socialização como processo dinâmico de aprendizagem na enfermagem. Uma proposta na metodologia ativa”, Carraro *et al.* (2011) propõem uma análise sobre como as atividades de socialização contribuem no aprendizado dos acadêmicos. Nessa publicação, que constitui-se em uma investigação qualitativa envolvendo a participação de dez estudantes do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), os autores revelam, através do método ativo de aprendizagem, momentos proveitosos de revisão, reflexão, avaliação, integração, reafirmação de valores e fortalecimento do vínculo teoria-prática, oportunos para a carreira acadêmica, ao crescimento pessoal e profissional.

Desse modo, Carraro *et al.* (2011) mostram, por meio de um cenário rico de experiências pedagógicas, que o aprendizado nasce da socialização, da troca, da reflexão e de análise do seu desempenho. Também nasce do reconhecimento, das potencialidades e fragilidades. É na integração com o ambiente que o futuro profissional constrói seus próprios espaços, suas ações voltadas pra o fazer-refletir-fazer, envolvendo seu corpo, seu ambiente e sua história. Ademais, é na interação que ele constrói valores e constitui-se um sujeito autônomo que circula e atua sobre toda a vida social de forma independente e participativa, sendo capaz de tomar decisões e assumir suas escolhas.

Na área de saúde, o ensino voltado para a aprendizagem significativa é uma das novidades das instituições de Ensino Superior. Ilias (2010) aponta essa abordagem como um caminho inovador, que transforma os aspectos técnicos em ações originais e criativas. Desse modo, mais uma vez evidencia-se que as instituições devem buscar novas formas de ensino-aprendizagem e de organização curricular, integrando teoria/prática, ensino/serviço, com finalidade de refletir sobre problemas reais capazes de transformar a realidade social.

Contudo, as metodologias ativas nem sempre são aceitas nos cursos de teor metódico, isto é, em cursos voltados principalmente para conteúdos técnicos, como é o caso da Enfermagem, que habitualmente valoriza uma cultura de ensino tradicional. Tais cursos apresentam resistência ao método e criam objeções que conduzem

desafios para a aprendizagem. O artigo intitulado “Metodologias ativas de ensino/aprendizagem: dificuldades de docentes de um curso de Enfermagem”, de Mesquita, Menezes e Ramos (2016), trata das dificuldades vivenciadas pelos docentes na implementação de metodologias ativas no curso de graduação em Enfermagem de uma instituição federal, localizada no Rio Grande do Norte. Entre os empecilhos mais acentuados estão os problemas curriculares, a aplicação dos conteúdos, resistência de docentes e dificuldade de compreensão da aplicabilidade de metodologias ativas na prática dos professores.

Frente a esses dados, os autores concluem que não é tarefa fácil romper com a educação tradicional, pois exige habituar-se a um novo ritmo de ensino, que envolve conquistar sentimentos. Também mencionam que essa transição envolve a segurança e confiança com o novo método de aprendizagem. Para isso, é preciso planejamento, reflexão e desconstrução para a mudança. Também é fundamental acreditar no novo, permitir um novo fazer pedagógico, orientado para um novo contexto: “a formação de enfermeiros ativos, críticos, reflexivos, criativos, sobretudo com a certeza de que o aprendizado é um estado dinâmico e sem limites” (MESQUITA; MENEZES; RAMOS, 2016, p. 483).

Já o artigo “Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem”, de autoria de Ilias (2010), analisa as fortalezas e fragilidades do método ativo de aprendizagem, na ótica dos estudantes de Medicina e Enfermagem de uma instituição de Ensino Superior do município de Marília, no estado de São Paulo. A pesquisa mostra, através de entrevista com os estudantes que tiveram contato com as metodologias ativas, aspectos significativos do método, como a integração entre os ciclos básico, o favorecimento de relações interdisciplinares, a formação de conexões biopsicossociais e a organização para trabalho em grupo. Outra contribuição da metodologia para os estudantes foi a problematização: os problemas encontrados pelos próprios alunos na realidade em que estavam inseridos favoreceram a “aproximação ensino/serviço e para uma compreensão ampliada e integrada da diversidade das necessidades encontradas no cotidiano dos profissionais de saúde” (ILIAS, 2010, p. 17).

Contudo, o referido estudo também apresentou fragilidades, a citar: a mudança do modelo de ensino e a resistência gerada pelos estudantes que não incorporaram os fundamentos da metodologia, causado pelo ausente conhecimento do ofício estudantil frente à problematização. Ressalta ainda que “na construção de um novo

modelo, os indivíduos precisam ter maior participação e envolvimento no processo de atenção” (ILIAS, 2010, p.18).

Em suma, ainda são limitados os estudos científicos que relacionam as metodologias ativas com a Enfermagem ou com outros cursos da área de saúde. No entanto, a bibliografia reunida argumenta em defesa do ensino das metodologias ativas no curso de Enfermagem, visto que favorecem a aprendizagem de conteúdos e técnicas, mas principalmente porque contribuem para a construção de um perfil profissional com características inovadoras, que seja capaz de reinventar a profissão.

Como destacado, o cenário profissional está se ampliando, setores e profissões estão se reinventando, ocupando outros espaços que carecem de criatividade para a inovação. Desse modo, o ambiente anseia por profissionais habilitados não só em técnica, mas também em competências. Nesse viés é que se insere o empreendedorismo nesta discussão, que será assunto do próximo tópico.

2.3 Empreendedorismo e educação empreendedora

O termo empreendedorismo vem sendo debatido frequentemente na atual sociedade do conhecimento, característica de um momento que anseia por mudanças e ideias criativas. De acordo com Dornelas (2001), o empreendedorismo é reflexo da celeridade do mundo. Não é um modismo ou tendência, mas sim uma nova postura. Portanto, a economia, os meios de produção, os serviços no geral requerem uma postura inovadora para reinventar novos espaços.

O momento atual pode ser chamado de a era do empreendedorismo, pois são os empreendedores que estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade (DORNELAS, 2001, p. 06).

Toffler (2000) nos ajuda a entender o conceito de empreendedorismo com base na obra “A terceira onda”, na qual o autor evidencia o quanto a sociedade evoluiu. De acordo com a obra, a primeira onda é marcada pela agricultura e pelo conhecimento dos recursos da terra. Dali caminhamos para um segundo momento, apontado como a era massificada da industrialização. Prosseguimos, então, para uma nova etapa, sinalizada pelo apogeu da tecnologia. Nessa *terceira onda*, a velocidade de

informações e disseminação de conhecimentos faz o homem reinventar os negócios, o seu perfil profissional e outros diversos aspectos sociais. Nesse cenário, o empreendedorismo é o resultado de uma sociedade que anseia por novas ideias, dissemina e consome informação e conhecimento.

Apesar de ser um fenômeno recente, o empreendedorismo é uma discussão que surgiu no século XVI, na França, sendo atribuído a momentos ousados de estratégias. Conforme Colossi (2014), a origem do termo *empendedor* é decorrente do francês *entrepreneur*, com raízes no século XVI, na França, designando aos homens envolvidos na coordenação de operações militares. Adiante, o economista irlandês Richard Cantillon (1697-1734) empregou a palavra para nomear alguém que assumia o risco de comprar produtos de outras pessoas para vendê-los posteriormente. A seguir, Adam Smith, na obra “A riqueza das nações”, publicada em 1776, definiu o empreendedor como um proprietário capitalista. Igualmente, J. B. Say (1762-1832) atribui àquele que remete ao lucro.

Ademais, o conceito emergiu e possui uma denotação à capacidade de aproveitar oportunidades, ou até mesmo criá-las. Dornelas (2001) conceitua o empreendedor como aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização.

Empendedorismo significa fazer algo novo. Diferente, mudar a situação atual e buscar de forma incessante, novas oportunidades de negócio, tendo como foco a inovação e a criação de valor. As definições para empreendedorismo são várias, mas sua essência se resume em fazer diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados, buscar oportunidades e inovar (DORNELAS, 2003, p. 35).

Para Dolabela (2006), empreendedorismo é uma tradução da palavra *entrepreneurship*, que denomina iniciativa e inovação. É uma forma de ser, uma concepção, um relacionar com o mundo, descobrindo e transformando propostas positivas para si mesmo e para os outros. Do mesmo modo, Maximiano (2006) destaca que o empreendedorismo é um processo criativo, e sua definição, na essência, está relacionada à pessoa que tem capacidade de idealizar e realizar coisas novas.

O empreendedorismo está atrelado à área da Administração, como uma ferramenta necessária para desenvolver bons negócios. Chiavenato (2007) destaca que empreendedor não é só quem idealiza e opera negócios, mas também quem

administra e toca ideias já desenvolvidas em outras gerações de empresas. Ademais, o referido autor ressalta a importância do espírito empreendedor nas pessoas. Nesse contexto, enfatiza que o empreendedorismo se faz presente em pessoas que não se relacionam com a Administração, mas que possuem visão para captar oportunidades e desenvolver boas ideias.

Um dos autores pioneiros em abordagens sobre empreendedorismo, Peter Drucker (2011), entre as décadas de 70 e 80, alertou sobre a importância do tema e revolucionou a Administração, além de outras áreas do conhecimento, ao defender a sociedade empreendedora como uma sociedade da inovação, preocupada em novos negócios contínuos e duradouros, fundamentando no potencial de suas ações. Assim sendo, nessa sociedade, os profissionais empreendedores dialogam com as necessidades e oportunidades do mercado, não sendo apenas profissionais passivos, que tocam somente o dia a dia da empresa.

Visto que o empreendedorismo se tornou um fenômeno nas organizações, como ressalta a literatura supracitada, é observada também sua relevância no cotidiano dos indivíduos. Ou melhor, o termo não está vinculado somente a ações dentro de empresas e organizações, e sim a aspectos pessoais. Sendo assim, empreendedores também são os indivíduos capazes de tomar decisões e de ser inovadores diante de situações da própria vida. Nesse sentido, Muniz, Vasconcelos e Brandão (2011) destacam o empreendedor contemporâneo como aquele que possui um papel importante no desenvolvimento social e econômico, visto que contribuiu para a criação de negócios, para a identificação de oportunidades e para a inteligente tomada de decisões nas empresas e nas ações pessoais.

Assim sendo, o empreendedorismo é uma cultura em ascensão. Santos *et al.* (2016) entende que o espírito empreendedor é quando as pessoas estão motivadas a abrirem seus próprios negócios, a realizarem novos projetos, a terem visão de futuro, a organizarem demandas e a gerenciar ideias com criatividade, melhorando a própria condição de vida e das pessoas no entorno. O autor conclui que empreendedorismo é desenvolvimento pessoal, traz autorrealização, felicidade e desenvolvimento.

De tal modo, o espírito empreendedor não remete apenas a executivos bem conceituados e conhecedores de estratégias e planejamento. Está ligado também a comportamentos e atitudes sábias, que podem ser empregados de diversas formas, em diferentes espaços e por variados perfis de empreendedores. Baggio e Baggio (2014) enfatizam que não há uma concordância entre os teóricos sobre uma

classificação em relação aos tipos de perfis empreendedores. Os perfis mais observados são: empreendedores por necessidade, empreendedores por oportunidade, empreendedores corporativos, intraempreendedor e empreendedor social.

Roncon *et al.* (2009, p. 696) trazem a seguinte classificação:

Ao verificar os tipos de pessoas empreendedoras, encontrou-se na literatura diferentes tipos de empreendedor, a saber:

- Empreendedor artesão: o indivíduo que é essencialmente um técnico e escolhe instalar um negócio independente para praticar o seu ofício.
- Empreendedor tecnológico: o indivíduo associado ao desenvolvimento ou comercialização de um novo produto ou processo inovador e que monta uma empresa para introduzir essas melhorias tecnológicas e obter lucro.
- Empreendedor oportunista: o indivíduo que enfoca o crescimento e o ato de criar uma nova atividade econômica e que monta, compra e faz crescer empresas, em resposta a uma oportunidade observada.
- Empreendedor "estilo de vida": o indivíduo autônomo ou que começa um negócio por causa da liberdade, independência e/ou outros benefícios para seu estilo de vida, que seu empreendimento torna possíveis

Em Ruppenthal e Cimadon (2012), o empreendedorismo por necessidade ocorre quando, motivado pela falta de alternativa, o indivíduo cria projetos visando uma renda. A partir disso, ele inova, capta uma oportunidade e gera negócios com finalidade de conquistar uma alternativa de ganhos. Do mesmo modo, Bulgacov *et al.* (2011) destacam que o empreendedor por necessidade se concebe em uma situação de sobrevivência.

Já o empreendedorismo por oportunidade se constitui quando nascem produtos e serviços através de uma ideia inovadora e também da observação de carências do mercado. Para Aidar (2007), esse tipo de empreendedorismo é perceptível quando uma pessoa tem uma ideia acerca de um produto ou um serviço diferenciado, visto que agrega valor ao consumidor. Ou seja, o indivíduo tem a capacidade de aproveitar oportunidades.

Vale *et al.* (2014) entendem que o indivíduo é classificado como empreendedor por oportunidade e por necessidade a partir dos motivos e das consequências que o levam à iniciativa de criar negócios. Ademais, os autores referem que tais motivações ultrapassam as oportunidades e as necessidades, abarcando outros componentes, como atributos/expectativas pessoais, ambiente externo-associado ao mercado de trabalho, influência de terceiros, insatisfação com emprego e influência familiar.

Dessa forma, a importância do empreendedor para as empresas não se deve somente na idealização dos negócios, como também na manutenção de suas ações. Assim, surgem os empreendedores corporativos, que, segundo Dornelas (2008, p. 67), são colaboradores de empresas que, de forma individual ou grupal, promovem ações empreendedoras. Essas ações levam a práticas inovadoras, em observância ao mercado, gerando novos produtos ou serviços.

O empreendedorismo é uma ação preciosa nas organizações e, portanto, as empresas vêm desenvolvendo perfis de empreendedores corporativos através de incentivos, captação de colaboradores e organização de espaços para as oportunidades surgirem. Santos e Boas (2014) elencam que o empreendedorismo corporativo se tornou um comportamento de funcionários, fomentado por um ambiente propício a realizar ações inovadoras, para melhorar o poder competitivo da empresa.

Outro perfil empreendedor que vem sendo discutido e almejado pelo mercado de trabalho é o intraempreendedorismo. É um termo atribuído aos colaboradores e profissionais que se destacam devido a comportamentos e ações individuais e autônomas na profissão. São atitudes motivadoras, proativas, inteligentes e inovadoras, empregadas em práticas profissionais, sendo diferenciais nos seus serviços, e também na fabricação de produtos e outros processos de trabalho.

Para Burgelman (1983 *apud* LANA, 2016), um dos pioneiros a defender o intraempreendedorismo nas ações individuais do trabalhador, trata-se de um comportamento autônomo, estratégico, podendo ser formal e informal. O intraempreendedor formal é aquele que empreende na profissão de forma explícita, registrando seu negócio e assumido sua postura empresarial. Já o intraempreendedor informal é um indivíduo que, intrinsecamente, possui um perfil de comunicação, liderança, autonomia em suas práticas, sejam elas pessoais ou profissionais.

Na esteira desta investigação, convém citar, ainda, o empreendedorismo social, que é uma postura adotada principalmente instituições sociais, ONGs e empresas do terceiro setor. Boszczowski e Teixeira (2012) conceituam-no como ação empreendedora com nuances no desenvolvimento sustentável e também econômico, buscando a solução de problemas sociais e ambientais. Dessa forma, o empreendedor social é capaz de reunir conhecimentos e percepções em detrimento à resolução de conflitos que afligem a sociedade, por meio de negócios e propostas sustentáveis.

Com base nas considerações feitas sobre os diferentes tipos de empreendedores, percebe-se a multidisciplinariedade do empreendedorismo e sua importância nos diferentes espaços. Silva e Oliveira (2009) definem o empreendedor de forma holística, no campo profissional e pessoal, ratificando sua relevância para o mundo, em contextos econômicos e também para aprendizagens.

Partindo desse pressuposto, pode-se chegar à constatação de que um empreendedor não é simplesmente uma pessoa de negócios, um empresário. Um empreendedor transcende tal mito e passa a habitar o limiar de um novo entendimento: ele é aquele que, em qualquer nível de atuação, seja gerindo um empreendimento, seja exercendo suas funções empregatícias no ambiente de trabalho, até mesmo nas relações pessoais, consegue contornar situações adversas mediante sua criatividade, seu senso crítico, autocontrole, autoanálise constante e autoconfiança plena. Um empreendedor avalia o mercado, seja ele o mercado consumidor, os concorrentes ou os seres que o cercam na vida profissional e pessoal; busca atrativos para si, para seu negócio ou para sua vida; assume riscos procurando contorná-los, questiona, argumenta, interroga, vai além da mesmice, encontra e apresenta diferenciais (SILVA; OLIVEIRA, 2009, p. 71).

Diante desse contexto, outras questões ainda circulam o empreendedorismo: Como se tornar um empreendedor? Será que é algo inato do sujeito? Para Ribeiro e Krakauer (2016), o empreendedorismo é compreendido como um estilo de vida que nasce de uma motivação pessoal, ou da criatividade, ou da habilidade para lidar com conteúdo e situações novas. Contudo, como destaca Silva (2009), aprender a empreender é possível:

É possível ensinar uma pessoa a empreender? Muitos autores afirmam que sim. E, dentro da importância de se manter uma postura empreendedora, foca-se, nesse caso, na relevância da questão do ensino empreendedor (SILVA; OLIVEIRA, 2009, p. 73).

Do mesmo modo, Colossi (2014) ressalta o valor do conhecimento para desenvolver habilidades e para acompanhar os anseios da sociedade moderna. Assim, o empreendedorismo é uma habilidade que pode ser aprendida. Nesse contexto, Santos *et al.* (2016) defendem a necessidade de um sistema educacional voltado tanto para jovens quanto para adultos, que incentive uma cultura empreendedora e desenvolva competências para um futuro promissor.

Visto que o empreendedorismo é uma necessidade, não só em relação à idealização de ações pessoais, como também em relação ao perfil profissional, é preciso desenvolver competências e habilidades empreendedoras para estar inserido

nesses espaços e obter sucesso. Dessa forma, vislumbra-se a educação como o caminho para conquistar uma visão e o pensamento empreendedor.

Nesse viés, Dornelas (2008) volta-se para a educação empreendedora, mencionando alguns exemplos discutidos na Conferência da Educação Empreendedora ocorrida na Europa, no ano de 2006, em que essa abordagem foi concretizada. Dentre esses exemplos, citou uma situação, no Ensino Fundamental, em que crianças são estimuladas a ter ideias dentro e fora da sala de aula, em equipes, planejando e agindo de forma empreendedora. Também mencionou, como exemplo de uma educação empreendedora, o fato de os currículos das escolas incorporarem o tema empreendedorismo de forma mais efetiva nos cursos. Ainda referiu a promoção de cursos de formação de professores, para que estes conheçam a realidade do empreendedorismo nas empresas, estudem os casos de sucessos e até realizem estágios em ambientes empreendedores. Já na Educação Superior, a educação empreendedora não somente deve dar foco à criação de empresas, mas também devem ser realizados momentos de estudo de casos empreendedores locais e regionais.

Do mesmo modo, Silva e Oliveira (2009) ressaltam que o empreendedorismo nas salas de aula precisa ser estimulado, uma vez que o conhecimento é fonte para o pensamento criativo e autoconfiante. Os autores destacam, ainda, a importância de observar a realidade para objeções futuras, e que os professores precisam ter afinidades com a área, sendo também empreendedores em suas ações.

Assim, Leite (2002) pondera que, para existir educação empreendedora, é primaz uma prática ativa no ensino, ou seja, os alunos precisam ser motivados a exercerem o que é ensinado de forma prática. De tal modo, é preciso um ensino que ofereça trabalho em grupo, percepções de oportunidades, troca de informações, capacidade para o desenvolvimento e potencial de transformação.

Desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo de elaborar novos planos de vida. A formação empreendedora baseia-se no desenvolvimento do autoconhecimento, com ênfase na perseverança, na imaginação, na criatividade, associadas à inovação (SOUZA, et. al, 2004, p. 4).

Em consonância, Natsume (2004) aborda que o ensino diante da nova realidade do mercado de trabalho, precisa ir além da troca de informações e conhecimentos. É fundamental desenvolver nos educandos um perfil empreendedor

e, nesse sentido, as instituições de ensino, professores e demais envolvidos no processo requerem uma educação que motive e crie ambientes favoráveis para pensar no futuro, comprometidos com a solução de problemas, visionários, atentos e com postura proativa.

Temos agora a obrigação de educar nossas crianças e jovens dentro de valores como autonomia, independência, capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e gerar riqueza, capacidade de assumir riscos e crescer em ambientes instáveis, porque, diante das condições reais do ambiente, são esses os valores sociais capazes de conduzir países ao desenvolvimento (DOLABELA, 1999, p. 41).

No mais, Dolabela (2006) declara que o empreendedorismo é reflexo da convivência, das emoções e das experiências. Logo, carece ser motivado por um ensino que estimule hábitos e valores, possibilitando um olhar desbravador.

A abordagem didática deve submeter o aluno a situações similares àquelas em que encontrará na prática. O objetivo é fazer com que os alunos frequentemente cruzem os muros da escola para entenderem o funcionamento do mercado, e estando em sala de aula, submetê-los a processos de trabalho semelhantes àqueles desenvolvidos pelos empreendedores (NATSUME, 2004, p. 86).

Em reforço a esse pensamento, Johan (2018) aborda que o empreendedor não pode apenas ser considerado um indivíduo que nasce com vocação, mas alguém que possui habilidades e competências que o levam a ser empreendedor. Conseqüentemente, o empreendedorismo pode ser apreendido com uma formação. Nesse sentido, é necessário que a educação fomente a capacidade empreendedora dos indivíduos em todos os níveis, desde crianças até adultos. A formação de empreendedores deve se dar por meio de um ensino que favoreça ao ambiente criativo.

Salienta-se por meio dos artigos mais citados que a educação empreendedora tem sido tema de pesquisa e estudo nos últimos anos, sendo apontada como estratégia para a promoção e disseminação do empreendedorismo. Por meio do ensino-aprendizagem este importante papel tem sido desenvolvido, contribuindo para formação e o despertar não só de novos empreendedores, mas também de indivíduos impactados de forma positiva frente ao desenvolvimento e crescimento econômico e social, como a promoção das organizações nas quais estão inseridos (JOHAN, 2018, p. 142).

Pandolfi e Lopes (2013) reúnem uma bibliografia científica sobre educação empreendedora com foco ao mundo acadêmico. Com base nos autores, é possível destacar que a nova literatura advoga a favor do ensino do empreendedorismo destacando o seu poder de transformação social. Contudo, o conceito de educação empreendedora ainda é um dogma. Tida como conservadora, ela não é considerada uma educação reparadora da celeridade dos negócios. Logo, os autores ressaltam a necessidade de avançar no debate de educação empreendedora, ponderando acerca do ensino do empreendedorismo além das empresas, isto é, que fomente práticas educativas para o existir humano.

Nesse cenário, percebe-se que a escola, em seus diversos níveis e modalidades, tem sofrido, em seus currículos, a invasão e influência de noções como competência, individualidade e empregabilidade, e esse quadro parece indicar que a lógica da educação está caminhando em direção unicamente à lógica de um mercado, que, cada vez mais, pretende prescindir do trabalhador (PANDOLFI; LOPES, 2013, p. 192).

O autor chama a atenção para o fato de que o ensino deve estar voltado para a sensibilidade empreendedora, e não meramente à criação de negócios. Ou seja, é discutida a necessidade de uma educação que torne o indivíduo empreendedor em situações cotidianas. Nessa perspectiva, é preciso ensinar a tomar decisões e a transformar dificuldades em oportunidades.

Nesse propósito de educação, o ensino do empreendedorismo deve acontecer além de uma disciplina ou matéria interdisciplinar nas escolas e universidades, visto que não é apenas uma instrução, mas sim uma formação. Desse modo, Teixeira, Santos e Fortes (2018) mostram que o empreendedorismo carece de metodologias que adentrem na formação, durante todo o curso e em todas as relações do aluno. Os autores enfatizam que o empreendedorismo é avesso ao ensino tradicional e, de tal modo, ressaltam a importância da autonomia do aluno e do papel do professor facilitador nesse processo, transformando a sala de aula em um laboratório de aspirações. Nesse sentido, percebe-se uma afinidade entre a educação empreendedora e uma abordagem de ensino voltada para as metodologias ativas.

A sociedade atualmente vivencia mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais constantes, e assim como os demais setores da sociedade, a educação também é impactada com essas transformações. Sendo assim, surge a necessidade emergente do Ensino Superior no Brasil sair do modelo tradicional em detrimento de modelos de ensino e aprendizagem inovadores. Nesse cenário, surge a educação empreendedora como uma metodologia

ativa para ensinar empreendedorismo (TEIXEIRA; SANTOS; FORTES, 2018, p. 139).

Paralelamente a esses discursos, Silva, Henz e Martins (2017) trazem reflexões acerca do ensino do empreendedorismo por meio de uma prática pedagógica norteada por metodologias ativas no ensino dos cursos de graduação. Nesse estudo, as autoras investigaram concepções dos estudantes acerca da disciplina Empreendedorismo, a qual foi concretizada com estratégias pautada no ensino ativo. O estudo destacou a satisfação dos pesquisados na promoção de aulas dinâmicas e na convivência com os conteúdos, o que contribuiu para uma postura empreendedora. Nesse sentido, os autores refletem que:

De modo geral, os novos métodos de ensino, que colocam em xeque o modelo tradicional e conservador, têm se mostrado como ferramentas potenciais para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, auxiliando no papel formador da Universidade. Além disso, a partir das colocações dos sujeitos participantes, o empreendedorismo em sala de aula ultrapassa o papel da educação, ele alcança, ainda, outros contextos e aspectos, sociais e pessoais, e prepara o acadêmico não só para os desafios de sua futura profissão, mas para os desafios da vida (SILVA; HENZ; MARTINS, 2017, p. 40).

Diante de tal contexto, evidencia-se uma compatibilidade perfeita entre o empreendedorismo e as metodologias ativas. Essa interface é fundamental para a edificação de um profissional habilitado para o empreendedorismo. Para Jardel *et al.* (2017), as metodologias inovadoras para o ensino do empreendedorismo no formam sujeitos críticos, que criam e disseminam oportunidades. Do mesmo modo, os docentes são colaboradores desse processo, tidos como empreendedores do saber.

Assim, aspectos como os novos arranjos profissionais, a diminuição dos empregos formais, os problemas de crises econômicas e a competitividade profissional fazem o empreendedorismo se tornar alternativa para novos campos de atuação e novos mercados. Desse modo, o empreendedorismo se aproxima da educação, e a formação profissional anseia por métodos de ensino que propaguem essa ideologia.

Portanto, diante das literaturas elencadas, confirma-se que o empreendedorismo seja um campo de conhecimento que envolve uma postura, uma ação, uma transformação. Trata-se de uma aptidão necessária a profissionais atuantes em diferentes cenários e fundamental em muitos espaços da sociedade. Devido à atual conjuntura da economia, chamada de criativa, o empreendedorismo é uma abordagem corrente, que vem quebrando paradigmas em muitos setores,

ressignificando novos mercados e profissionais, além de ser a esperança para problemas, como o desemprego.

Desse modo, o próximo tópico propõe uma discussão sobre o empreendedorismo na profissão da Enfermagem. O referencial aborda o empreendedorismo como alternativa de empregabilidade e novos negócios para a profissão.

2.4 Empreendedorismo na Enfermagem

Como mostrado no tópico anterior, o empreendedorismo vem ampliando setores da economia. Nesse sentido, o historiador Harari (2018) adverte sobre as mudanças nas profissões, causadas pela ascensão das tecnologias, principalmente a inteligência artificial e os novos costumes da sociedade contemporânea, que irão provocar o fim dos empregos formais e extinguir profissões arcaicas. Para sobreviver em meio a esse cenário, o autor alerta para a revolução do empreendedorismo.

Nesse contexto, o empreendedorismo é uma competência necessária em muitas profissões, porém, ainda alguns ofícios têm dificuldades de conquistá-la. Essa perspectiva converge com as ideias de Sobrinho (2013), segundo o qual um dos desafios da Enfermagem é romper com a invisibilidade da sua profissão no empreendedorismo.

Unir a Enfermagem ao empreendedorismo não foi tarefa fácil para esses profissionais. Mas com interesse, estudo e, principalmente, foco nas suas escolhas, o profissional de Enfermagem consegue alcançar resultados que podem superar suas próprias expectativas (SOBRINHO, 2013, p. 750).

Em meio a um ambiente tão competitivo, a visão empreendedora é capaz de descobrir espaços ainda não explorados. Backes, Gomes e Erdmann (2015, p. 107) ressaltam o potencial do empreendedorismo na Enfermagem:

A Enfermagem tem, portanto, várias razões e possibilidades para exercer o empreendedorismo. Primeiro, por ser uma profissão que tem uma compreensão ampliada da realidade, isto é, das necessidades do ser humano em suas diferentes dimensões. Segundo, pela possibilidade de explorar novos espaços, independente do contexto ou das condições sociais. Terceiro, por ser a profissão do cuidado e para o cuidado, por isso a profissão do futuro.

No mesmo estudo, Backes, Gomes e Erdmann (2015) concluíram, por meio da análise qualitativa do processo de incubação (suporte técnico, preparatório do empreendedor) de um grupo focal de profissionais de Enfermagem de hospitais da Região central do estado Rio Grande do Sul, que a ferramenta empreendedorismo possibilitou o repensar da profissão, em que as práticas rotineiras e mecanizadas foram substituídas pela possibilidade de instigar ideias criativas e de desenvolver oportunidades. Desse modo, destacam a relevância da Enfermagem e do empreendedorismo em diferentes dimensões, espaços e construções do cuidado.

O emprego padrão em um órgão público ou na iniciativa privada, regido por um gerenciamento organizacional, é um aspecto que vem sendo modificado, como elenca Roncon *et al.* (2009) na pesquisa “Estudantes de Enfermagem têm perfil empreendedor?”, um estudo que objetivou conhecer o perfil dos estudantes concluintes do curso de graduação em Enfermagem quanto ao empreendedorismo. Em meio às novas colocações do mercado de trabalho, o profissional que possui habilidades empreendedoras é promissor. Assim, diante de um cenário profissional cada vez mais competitivo, possuir postura otimista, determinação, autonomia/independência, tendência criativa e capacidade para assumir riscos, remetem diferenciais importantes para colocação no mercado de trabalho.

Diante dos resultados deste estudo, faz-se necessário que seja repensado qual perfil é desejável para o enfermeiro. É necessário também que este perfil projetado seja orientado para as atividades sistêmicas e para os resultados, confiança em si mesmo, persistência e determinação, além de dedicação para concluir uma tarefa e alcançar as metas estabelecidas (RONCON *et al.*, 2009, p. 699).

As práticas empreendedoras na Enfermagem ainda são tímidas, assim também, são poucos os registros acadêmicos que norteiam resultados de ações da profissão com fomento à atividade empreendedora. Morais *et al.* (2013) escreveram um artigo com práticas de Enfermagem empreendedoras e autônomas, oriundo de uma pesquisa aplicada a onze enfermeiros com empreendimentos. Os autores comprovaram um novo cenário para a Enfermagem, em que é possível explorar e promover uma prática de forma autônoma e inovadora.

O estudo evidencia que o enfermeiro possui campo de atuação para o empreendedorismo, indo ao encontro da afirmativa de que o profissional empreendedor tem a possibilidade de disponibilizar serviços de Enfermagem

envolvendo a prestação de cuidados, educação, pesquisa, administração ou consultoria (MORAIS *et al*, 2013, p. 697).

Assim, o empreendedorismo na Enfermagem oportuniza numa visão holística da profissão. Moraes *et al*. (2013) mostraram algumas facetas da Enfermagem empreendedora, elencando possibilidades voltadas para os negócios: instituição de moradia temporária e permanente para idosos; clínica de assistência domiciliar; consultoria e atendimento de Enfermagem em áreas especializadas; assessoria e serviços que oferecem treinamentos; cursos preparatórios e de aperfeiçoamento de profissionais. Desse modo, seu estudo evidenciou a possibilidade de ampliação da atuação profissional. Mostrou também os progressos da profissão ao interagir com novas possibilidades.

Da mesma forma, Sanna e Ben (2015) ressaltam que o enfermeiro empreendedor é uma realidade em ascensão. No escrito “Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo”, destacam o crescente número de empreendimentos idealizados e geridos por enfermeiros no estado. Os autores também refletem sobre a criação de novos espaços de atuação, além dos recintos tradicionais e das técnicas habituais da profissão. O empreendedorismo se tornou um potencial de oportunidades, contudo, é preciso inovação e criatividade para ocupar esses novos campos de atuação carente de serviços.

A Enfermagem tem várias razões e oportunidades para ter o seu próprio empreendimento. Primeiro, por ser uma profissão que tem uma compreensão das necessidades do ser humano de forma integral e contextualizada. Segundo, porque a Enfermagem tem potencial e oportunidades para explorar novos espaços sociais, não necessitando submeter-se aos espaços tradicionais de cuidados, em que prevalece a noção de doença. E ainda, o estímulo ao empreendedorismo é de inevitável relevância por possibilitar a conquista de novos campos e impulsionar o crescimento econômico do país (SANNA; BEN 2015, p. 43).

Nesse contexto, Backes (2009) disserta sobre a profissão do enfermeiro e o mercado de trabalho, também vislumbrando novas modalidades de prestação de serviços. O autor chama a atenção do empreendedorismo social como um compromisso com a vida. Reflete o quão diversas são as possibilidades de atuação, frente à autonomia profissional da Enfermagem, contudo, é preciso uma visão empreendedora, valorização, reconhecimento, autoestima e compromisso social.

É fundamental despertar a visão empreendedora social do Enfermeiro desde a graduação para que os acadêmicos adquiram uma visão mais ampliada da profissão de Enfermagem, com competência política, na possibilidade de atuação que vai muito além do trabalho institucionalizado, porém não mercantilizado, além da tarefa de motivar e criar estratégias para que a profissão conquiste mais voz e vez nos diversos campos de atuação profissional (BACKES, 2009, p. 642).

Portanto, o empreendedorismo na Enfermagem é uma desconstrução do perfil ideológico da profissão e, para isso, é preciso uma formação que possibilite ao profissional oportunizar novos ambientes de atuação. Andrade *et al.* (2017) discutem os entraves na gestão de Enfermagem, marcados pela ausência de educação para formação do perfil empreendedor, e também a falta de difusão da arte empreendedora no setor. Assim, definem como estratégia tanto para a atividade rotineira, quanto para a profissão, a importância de uma educação empreendedora, que consista na formação de suas técnicas e de sua atuação, ou seja, uma educação que faça o profissional se contagiar por uma cultura empreendedora para alcançar objetivos, metas no ambiente de trabalho em comum na sua trajetória de atuação.

Para tanto, salienta-se a indispensabilidade da criação de ambientes favoráveis à divulgação e ao ensino de empreendedorismo no qual estejam incluídos espaços de discussão e reflexão da temática (ANDRADE *et al.*, 2017, p. 582).

Roncon *et al.* (2009) também ressaltam a importância de um ensino preocupado com o empreendedorismo, capaz de conduzir os estudantes de Enfermagem a desenhar um novo perfil para a profissão. Ademais, destacam que:

Para que o ensino do empreendedorismo se torne mais eficiente, é preciso adotar metodologias próprias, diferentes das adotadas para o ensino convencional. Nesses termos, é necessária uma abordagem andragógica e fundamentada no "aprender fazendo", que utilize técnicas como oficinas, modelagem, estudos de caso, metáforas e dinâmicas. Por isso, também o professor precisa adequar-se, tornando-se muito mais um incentivador e condutor de atividades do que alguém que dita procedimentos padrões. É necessário que também o professor seja empreendedor (RONCON *et al.* 2009, p. 699).

Do mesmo modo, Sanna e Ben (2015) salientam a importância da formação do perfil empreendedor para o enfermeiro:

É preciso considerar que a formação, e a preparação adequada é uma importante forma de estimular o empreendedorismo no enfermeiro, provocando mudanças efetivas na visão desse profissional, possibilitando no

futuro, abertura de novas empresas com atividades de Enfermagem condizentes com as demandas sociais, mas também com as necessidades do mercado de trabalho (SANNA; BEN, 2015, p. 44).

Enfim, a educação orientada para o empreendedorismo é o caminho para a Enfermagem redescobrir novas formas de atuação. Os cuidados em saúde vêm se transformando e, por isso, é preciso que os profissionais acompanhem essas mudanças e construam novas oportunidades para seu ofício. Do mesmo modo, o ensino que estimule habilidades e competências empreendedoras formará profissionais em consonância com as demandas do mercado.

Em meio aos discursos da bibliografia supracitada, entende-se que o empreendedorismo é um dos mecanismos para atuação profissional no atual mercado de trabalho, seja nas ações e no exercício de atividades já existentes, através de uma prática profissional dinâmica, proativa, inteligível e orientada para o sucesso da carreira, seja na criação de oportunidades para novos espaços de atuação, com novas ideias, novos segmentos e criação de negócios. Nesse viés, apesar do estigma de uma profissão organizada em contextos tradicionais das corporações de saúde, vêm-se descobrindo novos campos de atuação, orientados por uma sociedade dinâmica, que anseia por serviços humanizados, diferentes, práticos e eficazes. Dessa maneira, é preciso redesenhar a profissão, compreender que a arte de cuidar pode ser realizada de diferentes formas, em diversos espaços e com sucesso.

Conforme evidenciado até aqui, a literatura sobre o atual cenário do ensino e das profissões, numa perspectiva contemporânea, apresenta a necessidade da ruptura dos padrões. Quando se tratou das metodologias ativas, ficou evidente que romper com o ensino bancário e com a aprendizagem mecânica contribui para a formação de profissionais autônomos, criativos, inovadores, proativos e dinâmicos. Essas características são coerentes com o processo social das mudanças do mercado de trabalho, primaz em todas as profissões. Tais habilidades condizem com o perfil arrojado e dinâmico do empreendedor. Nessa linha, a Enfermagem precisa se aproximar dessas abordagens, a fim de transpor a cultura de um perfil técnico e subordinado, o que pode favorecer a empregabilidade do setor no atual cenário.

Por fim, esse arranjo teórico justifica a relevância e assimetria dos temas metodologias ativas, empreendedorismo e Enfermagem. Sendo assim, dou sequência a este trabalho apresentando, no próximo capítulo, o caminho metodológico realizado ao longo desta pesquisa.

3 RAÍZES METODOLÓGICAS

A busca por conhecimentos carece de metodologias, conforme destaca Gil (2007). O autor também conceitua a pesquisa como um procedimento racional e sistemático, que necessita da utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos para atingir conhecimentos e contribuições relevantes.

Com esse propósito, o presente capítulo traça o caminho metodológico eleito para o desenvolvimento da pesquisa, explanando acerca dos seguintes aspectos: tipo de pesquisa, lócus da pesquisa, procedimentos técnicos, população e amostra do estudo, coleta dos dados e formas de análise dos dados. Enfim, são apresentados os métodos que dão sustentação ao objetivo do estudo.

3.1 Caracterização da pesquisa

De acordo com seus objetivos, esta investigação aproxima-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Segundo Gil (2007, p. 06), a pesquisa qualitativa detalha o problema estudado, tendo “como intento aprimorar ideias e descobrir concepções acerca do problema”.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com a análise numérica e sim com a compreensão acerca das percepções do público pesquisado. Conforme vislumbra Gil (2007), esse tipo de pesquisa é conveniente quando se pretende reunir levantamentos bibliográficos ou entrevistas com pessoas que tiveram experiências e práticas com o problema pesquisado, visto que possibilita analisar de exemplos que auxiliam na compreensão dos conhecimentos.

Lakatos e Marconi (2010) complementam, referindo que uma pesquisa com abordagem qualitativa tem como premissa analisar e interpretar ações, atitudes e

comportamentos, com ênfase nos processos e significados. Desse modo, esse tipo de pesquisa aprofunda a compreensão de um universo de significados, causas, anseios, crenças, valores e atitudes, e tudo que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos procedimentos e dos acontecimentos que não podem ser restringidos à operacionalização de cálculos.

Sendo assim, a abordagem qualitativa é adequada ao objetivo deste estudo, qual seja investigar sobre como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem UniAGES no mercado de trabalho. A abordagem de cunho qualitativo permitiu averiguar as particularidades, causas, formas, consequências e significados desta provocação temática.

Para alcançar o referido objetivo, partiu-se, inicialmente, para a pesquisa documental, com a intenção de explorar informações dos documentos institucionais relacionados aos desígnios da pesquisa. Lakatos e Marconi (2010) definem a pesquisa documental como uma valiosa estratégia para consecução de dados e informações de cunho qualitativo, a partir da análise de documentos, como regulamentos, normas, jornais, arquivos escolares e diferentes fontes que revelam informações para o problema investigado.

Ademais, para atender os anseios da pesquisa, realizou-se um estudo de caso, o qual permitiu conhecer a realidade do fenômeno estudado e compreender resultados de forma dinâmica, especificamente em um contexto de estudo. Conforme enfatiza Gil (2007, p. 58), o estudo de caso é uma análise sobre um indivíduo, uma organização, um grupo ou um fenômeno. Tais elementos podem ser estudados nas mais diversas áreas do conhecimento. Do mesmo modo, Triviños (1987) defende o estudo de caso como uma categoria de pesquisa que permite uma análise do objeto investigado.

Nessa percepção, o estudo de caso foi realizado no cenário da UniAGES, com os sujeitos egressos empreendedores da Enfermagem. De tal modo, foi possível alcançar resultados que revelam características do ensino das metodologias ativas, suas relações com educação empreendedora, a empregabilidade e o poder de transformação do ensino acadêmico.

3.2 Lócus da pesquisa

Definir o cenário da pesquisa é de suma importância para o percurso metodológico. Assim, a escolha pela a Instituição UniAGES deu-se pelo fato de ser a pioneira em Educação Superior na Região Semiárida da Bahia, atuante desde 26 de fevereiro de 2000, autorizada pela Portaria Ministerial n.º 347/2001. Essa instituição representa a inserção do Ensino Superior no interior baiano.

A UniAGES é um case de sucesso, que simboliza um potencial do empreendedorismo na educação. Emergiu do Colégio Associação de Jovens para Integração Social (AJIS), fundado em 1982, pelo Professor Wilson, natural de Paripiranga/BA. Ele idealizou de início um reforço escolar para crianças e jovens da cidade, localizada no polígono da seca, uma região marcada pelo baixo desenvolvimento econômico.

Com o tempo, o Colégio AJIS se tornou Faculdade AGES. Apesar das dificuldades locais, o número expressivo de alunos, grande parte advindo de outras cidades da região, favoreceu o crescimento da economia da cidade. A instituição ganhou reconhecimento pelo engajamento educacional e econômico na região, ampliando suas dimensões, com a implantação de *campus* pelos interiores dos estados da Bahia e Sergipe.

Atualmente, Centro Universitário AGES (UniAGES) integra a ReAGES, rede de ensino com cinco Faculdades integradas nas cidades de Jacobina/BA, Jeremoabo/BA, Lagarto/SE, Tucano/BA e Senhor do Bomfim/ BA. Possui aproximadamente 5,6 mil alunos no primeiro semestre de 2020, e um número expressivo de 16 mil egressos.

Além do histórico de sucesso na região, apresenta resultados significativos na avaliação do Ministério da Educação (MEC). Também conta com diferenciais metodológicos, fatores que me instigaram a conhecer como acontece o ensino, aplicação do método ativo, as repercussões da metodologia na carreira profissional dos egressos, quais as preocupações com a empregabilidade e o empreendedorismo.

Portanto, desenvolver a pesquisa na UniAGES permitiu diversas reflexões a partir de um cenário que representa o empreendedorismo, o ensino, as metodologias ativas e os egressos diante dos problemas locais.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são constituídos pela população e pela amostra do estudo, os quais possibilitam a visualização e representação dos elementos que compõem o trabalho. Para Lakatos e Marconi (2010), a população refere-se ao conjunto de sujeitos envolvidos no estudo, que apresentam ao menos uma característica em comum. Já a amostra, segundo o autor, é uma parcela convenientemente selecionada dessa população. Nessa mesma linha, Gil (1999) define o universo ou população como um grupo de sujeito que possuem determinadas particularidades, e a amostra como um subgrupo do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se apreciam as propriedades desse universo ou população.

Nesse sentido, de acordo com os desígnios desta pesquisa, a população estudada são os egressos da UniAGES - Centro Universitário de Ensino Superior, localizado na cidade de Paripiranga/BA. Logo, esse é o universo que compõe a pesquisa, ou seja, é um estudo com a inserção do egresso no mercado de trabalho através do empreendedorismo.

Assim, com base nos dados já citados na justificativa deste escrito, que revelam a situação de desemprego de profissionais egressos, é pertinente enfatizar que o curso de Enfermagem foi escolhido em meio ao universo de cursos de nível superior, devido às características do perfil profissional do enfermeiro e seu modo de atuação. Trata-se de uma profissão tida como técnica, em que dificilmente tem-se abertura para o empreendedorismo. Isso porque temos a cultura de o ofício de enfermeiro estar centralizada em postos de trabalhos definidos e restritos, na maioria das vezes, aos hospitais e às unidades de saúde.

Por conseguinte, delimitar a amostra do estudo é buscar possibilidades de resultados que possam ser direcionados para toda a população estudada. Em razão disso, é preciso pensar na amostra com rigor, como ressalta Gil (2010):

Quando a amostra é rigorosamente selecionada, os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo (GIL, 2010, p. 109).

Para a seleção da amostra foi levado em consideração o problema que circunda o tema da pesquisa. Além disso, foram consideradas as seguintes

inquietações, que também motivaram a constituição deste estudo: Como o ensino de metodologias ativas pode promover uma educação empreendedora? Esse ensino é capaz de despertar uma postura empreendedora nas profissões culturalmente tidas como não autônomas?

Além dessas, também se buscam respostas às seguintes perguntas: quais profissões enfrentam dificuldades no mercado de trabalho das cidades interioranas da Bahia? Qual o público de concluintes que apresenta casos de sucessos no empreendedorismo movido por um ensino de metodologias ativas? O ensino consegue transformar uma realidade marcada por poucas oportunidades de emprego?

Portanto, definiram-se como amostra do estudo três enfermeiros, egressos e empreendedores na região do Semiárido do Nordeste no estado da Bahia, diplomados entre 2012 e 2015. Essa escolha tem o intento de responder aos questionamentos apresentados anteriormente e obter resultados significativos sobre a temática estudada, principalmente no sentido de conhecer as experiências com o ensino das metodologias ativas e suas relações na atividade empreendedora e empregabilidade na profissão. Limitou-se a amostra aos egressos diplomados entre os anos de 2012 a 2015. Esse intervalo de tempo foi considerado porque, conforme o Sebrae (2005), o empreendedorismo é considerado promissor quando ele sobrevive no cenário econômico por três anos. Assim, esses três anos permitem uma visualização do empreendedorismo acerca da sobrevivência de suas ideias e dos respectivos negócios no mercado e no ramo de atuação. Além disso, esse período de tempo ajuda a entender as experiências desses egressos.

Além dos egressos empreendedores do curso de Enfermagem, também foi entrevistado o Coordenador do Curso de Enfermagem da UniAGES, com o propósito de verificar como acontece o ensino acadêmico desenvolvido na Instituição e de ponderar informações do Projeto Pedagógico Institucional em detrimento das preocupações com a empregabilidade dos egressos.

A escolha da amostra do estudo obedece a uma ordem intencional que, de acordo com Costa Neto (1977), é quando o pesquisador deliberadamente elege certos elementos para pertencer à amostra, por ponderar tais elementos representativos da população. No mais, não há uma ordem probabilística na escolha da amostra. Segundo Levine (2008), os itens ou indivíduos são selecionados sem se conhecer suas respectivas probabilidades de seleção. Nessa mesma perspectiva, segundo Gil

(2010), a amostra intencional ou por julgamento é utilizada em estudos qualitativos, que vale-se do critério de representatividade dos grupos investigados, ou seja, é quando o pesquisador seleciona os membros do grupo, da organização ou da comunidade que julgar mais adequados para fornecer repostas ao problema proposto.

Em síntese, com essa amostra, pretende-se não só conhecer como despertar o empreendedorismo na profissão, mas também examinar como acontece o ensino e a formação para o mercado de trabalho. Além disso, pretende-se avaliar quais as preocupações dos egressos com a empregabilidade.

Convém referir que, seguindo aos padrões de pesquisa científica, os sujeitos envolvidos no estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice A, no qual concordaram com a participação do estudo e tiveram a garantia de respeito aos direitos enquanto sujeitos da pesquisa. Nesse documento são, também, explanados os objetivos do estudo bem como esclarecidos os riscos e benefícios dos sujeitos, provendo a liberdade do participante em participar de forma livre e consciente.

3.4 Coleta de dados

Diante dos objetivos da pesquisa, para a obtenção de dados e informações, foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado (APÊNDICE B, D). Essas entrevistas, conforme já referido, foram realizadas com o coordenador do curso de Enfermagem da IES UniAGES e com três enfermeiros, egressos e empreendedores da região Semiárido do Nordeste da Bahia, diplomados entre 2012 a 2015,

Nesse contexto, o roteiro da entrevista foi pensado em sinergia com os objetivos da pesquisa. De acordo com Minayo (2001), esse instrumento de coleta de dados envolve um planejamento prévio, que organiza a conversa e contribui para a investigação.

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um

direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados (QUARESMA; JUREMA, 2005, p. 75).

Seguindo esses preceitos, a entrevista foi realizada de forma virtual e *online* pela plataforma de videoconferência *Zoom*. Devido à pandemia da Covid-19, não foi possível entrevistar os sujeitos de forma física. Desse modo, foram seguidas as orientações de isolamento social preconizadas pela Organização Mundial de Saúde no período, zelando pela saúde dos envolvidos. Vale mencionar que a entrevista foi gravada com prévia autorização dos entrevistados.

A entrevista foi guiada por um roteiro de perguntas, dando a liberdade ao entrevistado e ao entrevistador discorrer sobre assuntos que contemplassem as perguntas, desde que estivessem dentro dos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, a técnica de entrevista semiestruturada possibilitou organização, flexibilidade, autenticidade e consistência de informações.

Buscando conhecer a metodologia, os princípios, o contexto histórico do Centro Universitário UniAGES, bem como estabelecer análises e auferir reflexões sobre o ensino nessa instituição, foi realizado um estudo documental do Projeto Político Institucional AGES, levando em consideração os registros de 2008 a 2017. Nessa análise, evidenciou-se que, de 2008 a 2015, as diretrizes metodológicas e filosóficas direcionadas ao perfil egresso são as mesmas. Houve mudança somente em 2017, ano em que a AGES passou de Faculdade para Centro Universitário.

Outros documentos analisados foram: relatório da Comissão Própria de Avaliação (CPA), um programa que faz o acompanhamento ao perfil do egresso publicado em 2018; Manual AGES do aluno, publicado em 2020; os informes internos do Jornal Comunicação; as matérias jornalísticas da imprensa local; e informações do *website* institucional. Esses registros permitiram conhecer particularidades do ensino, missão e visão institucional, relações com a comunidade, envolvimento com os egressos, méritos e resultados da avaliação do MEC, entre outras ponderações relevantes para o estudo.

3.5 Análise dos dados

Após a coleta de dados, foi realizada a análise dos dados. Como destaca Gomes (1998, p. 09): “Fazer pesquisa não significa simplesmente coletar dados, mas

fundamentalmente coletar dados e analisá-los à luz de uma teoria, um método, revelando uma originalidade entre a pergunta formulada e a realidade abordada”.

A organização e análise dos dados são processos importantes, de tal modo, necessitam apresentar clareza e concisão com os propósitos da pesquisa. Conforme Gil (2007, p. 195), nos estudos qualitativos utilizam-se preferencialmente os procedimentos analíticos no tratamento dos dados, visto que o pesquisador possui mais autonomia na organização e também na análise das informações coletadas.

Dessa forma, Gil (2007, p. 196) enfatiza etapas importantes para a análise dos dados de uma pesquisa qualitativa, a citar a redução dos dados. Esse processo constitui-se em selecionar e simplificar as informações, através de categorias, agrupando-as e organizando-as para que os resultados encontrados se tornem conclusivos. Ademais, de acordo com o autor, a apresentação dos dados é a forma sistemática de organização e explanação, que pode acontecer de diferentes formas: em forma de texto, de diagramas, de mapas e de outras maneiras que possibilitem uma leitura coerente das informações e que conduzam a produção de conhecimentos. Por conseguinte, é preciso realizar uma significação dos dados, ou seja, estabelecer explicações coerentes, validades para as informações.

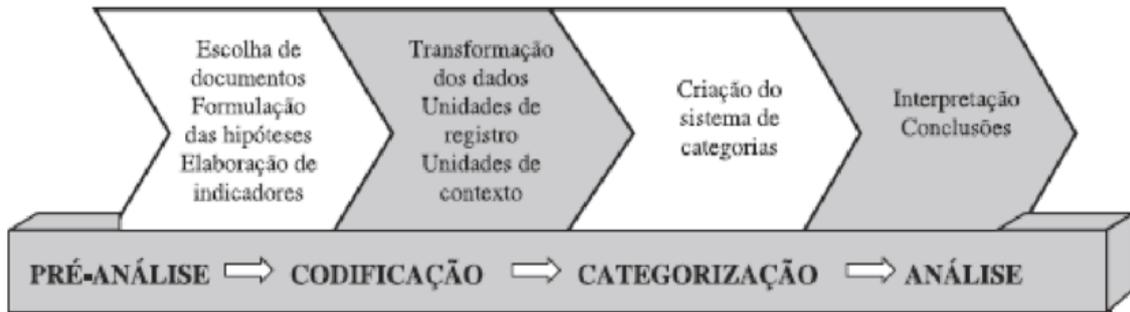
Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão da literatura, ainda na etapa do planejamento da pesquisa. Essa bagagem de informações, que contribuiu para o pesquisador formular e delimitar o problema e construir as hipóteses, é que o auxilia na etapa de análise e interpretação para conferir significado aos dados. Mediante o auxílio de uma teoria pode- Análise e Interpretação se verificar que por trás dos dados existe uma série complexa de informações, um grupo de suposições sobre o efeito dos fatores sociais no comportamento e um sistema de proposições sobre a atuação de cada grupo. Assim, as teorias constituem elemento fundamental para o estabelecimento de generalizações empíricas e sistemas de relações entre proposições (GIL, 2007, p. 179).

Em consonância, Minayo (2001, p. 44) defende três formas de análise de dados: análise de conteúdo, análise de discurso e análise dialética. Cada um desses procedimentos possui um tratamento diferenciado em relação à organização e sistematização dos dados. Diante os objetivos da presente pesquisa, os dados foram organizados e analisados conforme os pressupostos da análise de conteúdo.

De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo temática contempla os seguintes passos: organização dos discursos em conteúdos, através de uma pré-

análise, exploração do material e o tratamento dos resultados com a inferência e a interpretação, conforme ilustrado pela Figura 01:

Figura 01 - Fases da análise do conteúdo



Fonte: Bardin (2009).

Conforme ilustrado pela figura, as fases da análise do conteúdo iniciam-se com a pré-análise, etapa que envolve a escolha do documento, formulação das hipóteses e elaboração de indicadores. Na sequência, é aplicada a codificação dos dados, ou seja, os dados são transformados em formas de registro ou de contexto. Por conseguinte, tem-se a categorização, que trata da formulação de um sistema de categorias, extraindo a interpretação e conclusões dos dados coletados.

Tendo em vista os propósitos da pesquisa, a análise dos dados se aproximou da proposta teórica de análise de conteúdo, apresentada por Bardin (2009). Com isso, foi possível compreender considerações das entrevistas, codificando e classificando elementos com inferências teóricas, em busca de resultados condizentes com os objetivos traçados. Assim sendo, para a análise dos dados, os discursos foram classificados conforme temática, reunidos em categorias, as quais foram estabelecidas com base nas teorias científicas, bibliográficas e discursivas.

Os procedimentos metodológicos aqui apresentados deram origem aos dados e às informações apresentadas discutidas no próximo capítulo.

4 FRUTOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento e discuto os dados coletados das entrevistas semiestruturadas realizadas com o coordenador do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES e com os três egressos empreendedores, formados na Instituição. Cabe reafirmar que essas entrevistas tiveram o propósito de investigar o ensino desenvolvido pela UniAGES e suas relações com o desenvolvimento do empreendedorismo e com a inserção do egresso do curso de Enfermagem no mercado de trabalho. Também, nesta etapa do trabalho, são apresentadas informações extraídas dos documentos institucionais da UniAGES e registros secundários.

Com base nos fundamentos de Bardin (2009) para interpretar e analisar as informações diretas e indiretas dos dados coletados, foi adotada uma pré-análise. Nessa etapa, realizo a codificação dos assuntos, levando em consideração a representatividade e a pertinência com o propósito da pesquisa. Assim, o material foi organizado conforme unidades de contexto, que deram origem às seguintes categorias: 4.1 O germinar e o agir no polígono da seca; 4.2 O perfil egresso ageano; 4.3 O agir nas metodologias ativas; 4.4 Egressos de Enfermagem agindo através do empreendedorismo.

Em “O germinar e o agir no polígono da seca”, reúno dados emanados do Projeto Pedagógico Institucional e outros registros que contam a história da UniAGES. Além disso, abordo sua missão, visão, princípios filosóficos, metodológicos, avaliações do MEC e as trago algumas reflexões pertinentes dos entrevistados acerca da Instituição.

A categoria “O perfil egresso ageano”, compreende as concepções do Planejamento Pedagógico Institucional em detrimento do perfil egresso característico

do método ativo. Nessa seção também são referidas as ações da Instituição AGES em relação ao acampamento dos egressos, e são feitas reflexões acerca da empregabilidade por meio do empreendedorismo dos profissionais de Enfermagem, e suas relações com o método de ensino aplicado.

O tópico “O agir nas metodologias ativas” organiza as informações sobre o ensino desenvolvido, em destaque ao método ativo aplicado ao curso de Enfermagem. Essa etapa também pondera sobre as informações do currículo, projeto pedagógico, ações e vivências aplicadas em sala de aula e suas relações com o empreendedorismo.

A unidade temática “Egressos de Enfermagem agindo através do empreendedorismo” propõe uma reflexão sobre as experiências de três egressos do curso de Enfermagem e suas relações entre o ensino das metodologias ativas, empreendedorismo e empregabilidade.

4.1 O germinar e o agir no polígono da seca

Como dito por Ariano Suassuna: *"Eu não posso entender o mundo sem literatura"*. Assim, dentro deste estudo, a literatura nos ajuda a entender o contexto em que o trabalho foi desenvolvido. Em “Entre padres e coronéis”, obra de Carregosa (2019), o narrador apresenta uma Paripiranga/BA que carrega uma história de tradição colonial, escravocrata, que castigou o seu povo com regime coronelista, aniquilou com os povos indígenas, tornando-se conhecida por ser terra de cangaceiros e por integrar o polígono da seca. Não muito diferente do imaginário das cidades interioranas do nordeste brasileiro, Paripiranga é como a Seara Vermelha de Jorge Amado (1946): traz uma saga em cada história, marcada pelas dificuldades como a fome, miséria, má distribuição de renda, monopólio de terras e outras inúmeras desigualdades de uma região que é castigada pela seca.

Como em um romance, coexiste a esperança de dias melhores para a região. Especificamente em relação a Paripiranga/BA, sua narrativa se tornou mais próspera a partir da educação. Nesse viés, em 1982, surgia na cidade o Colégio AJIS, idealizado pelo Professor Wilson, com oferta de Educação Infantil. Com dedicação e muito trabalho, essa instituição se tornou referência na cidade, oferecendo também o Ensino Fundamental e Médio. Em 26 de fevereiro de 2001, foi autorizado o

credenciamento da Faculdade AGES, pela Portaria Ministerial n.º 347/2001, publicada no Diário Oficial da União.

Atualmente, Centro Universitário AGES (UniAGES) é pioneiro em Educação Superior e responsável pelo desenvolvimento da Região Semiárida do Nordeste da Bahia. Conta, atualmente, com 26 cursos de graduação, além de 14 cursos de pós-graduação *lato sensu*. A instituição integra a ReAGES, rede de ensino com cinco Faculdades Integradas nas regiões de: Jacobina/ BA, Jeremoabo/BA, Lagarto/SE, Tucano/BA, Senhor do Bonfim/BA e as Faculdades de Medicinas em Jacobina/BA e Irecê/BA.

De acordo com o site da UniAGES, a história da instituição é um *case* de sucesso na região. O projeto inicial partiu de uma Associação de Jovens para Integração Social (AJIS), idealizado por um jovem humilde que persistiu nas dificuldades e, por meio da educação, transformou sua realidade. Com isso, pretendeu dinamizar ações comunitária para aquela localidade, contribuindo com a qualidade do ensino.

Conforme publicação no próprio site da AGES, *“o sonho germinou dando frutos saborosos, gradativamente, à medida que investimentos eram aplicados para garantir a todos uma educação de qualidade”*. Assim a AJIS se transformou em AGES, com a premissa linguística do verbo AGIR, sem perder suas características. A AGES Colégio e Instituição de Ensino Superior se tornou a pioneira e reconhecida Escola de Ensino Superior no Norte e Nordeste do país.

Segmentada no setor de educação, a Faculdade AGES contribuiu significativamente para o desenvolvimento da economia local, segundo matéria realizada pela emissora Bahia TV, no ano de 2009. A prosperidade econômica da região, e principalmente da cidade de Paripiranga/BA, já era perceptível naquele período. Devido ao fluxo de alunos, a cidade se tornou um polo da educação na região, recebendo inúmeros estudantes, que movimentaram os setores de construção civil, hotelaria, transportes, restaurantes e outros serviços. Conforme o PIB estadual da Bahia em 2009, a região era considerada a mais pobre do Estado, devido aos impactos da seca. Apesar das dificuldades de desenvolvimento local, o projeto de educação da Faculdade Ages trilhava um caminho vitorioso, com resultados expressivos, aumentando a empregabilidade na cidade e em toda região. Além disso, os egressos formados na Faculdade AGES ocupavam vagas ociosas que exigiam qualificação superior.

No mesmo ano de 2009, o Censo da Educação Superior idealizado pelo MEC/INEP/ Diretoria de Estatísticas Educacionais, mensurava o potencial do Ensino Superior no desenvolvimento de cidades interioranas e o crescimento da qualificação e formação superior para a empregabilidade local. Em Paripiranga e região, esse aspecto é atribuído a Faculdade AGES.

Outro ponto atrelado à história da Faculdade AGES, e que é significativo para este estudo, é o Índice Geral de Curso (IGC), um indicador de qualidade do Ensino Superior, que avalia anualmente as Instituições de Ensino Superior conforme critérios:

1. média dos CPCs do último triênio, relativos aos cursos avaliados da instituição, ponderada pelo número de matrículas em cada um dos cursos computados;
2. média dos conceitos de avaliação dos programas de pós-graduação stricto sensu atribuídos pela CAPES na última avaliação trienal disponível, convertida para escala compatível e ponderada pelo número de matrículas em cada um dos programas de pós-graduação correspondentes;
3. distribuição dos estudantes entre os diferentes níveis de ensino, graduação ou pós-graduação stricto sensu, excluindo as informações do item II para as instituições que não oferecerem pós-graduação stricto sensu (MEC, 2020).

A primeira avaliação do MEC foi no ano de 2007. Conforme registros no Banco de dados do INEP, o MEC avaliou a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de AGES como IGC 4. De acordo com o indicador, a Instituição é considerada acima da média, ou excelente, no cumprimento das Exigências do MEC.

No ano de 2008, a Faculdade AGES é avaliada com IGC 4. Nesse mesmo ano, seis cursos foram ajuizados pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), com objetivo de aferir as habilidades e competências acadêmicas, técnicas e profissionais dos ingressantes e concluintes dos cursos autorizados. A instituição obteve, no referido ano, o Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD), índice de qualidade que mensura os resultados do Enade, classificado em 3, 60 ou conceito 4, que é considerado acima da média pela organização avaliadora.

Em 2009, com IGC 3, a Faculdade AGES foi destaque no ranking nacional entre as melhores instituições do país, considerada pelo MEC a primeira no Estado de Sergipe, que é uma honraria importante, pois a instituição fica localizada na divisa entre Sergipe e Bahia. Já no estado da Bahia, se classificou em terceiro lugar, sendo destaque em todo o Nordeste pela 13^a colocação. Do mesmo modo, no ano de 2010, o IGC se manteve 3.

Em 2011, com o IGC 4, os resultados também foram expressivos, visto que permaneceu no primeiro lugar no Estado de Sergipe e sétimo lugar no Estado da Bahia. O jornal Cinform, na edição nº 1494, publicou uma matéria divulgando os resultados do MEC:

Faculdade Ages é destaque na avaliação do MEC. Em Sergipe, a instituição alcançou comparado às faculdades particulares do Estado. Não precisa fazer parte da Faculdade Ages, localizada no município de Paripiranga, na Bahia, para desvendar o sucesso que a fez entrar no ranking das melhores instituições de Ensino Superior do país. Na lista divulgada pelo Ministério de Educação - MEC -, entre as 2.176 unidades públicas e privadas analisadas no Brasil, a Faculdade Ages ficou na 297ª posição, e das 1.947 instituições particulares avaliadas, alcançou o 186º lugar. Na Bahia, a Faculdade Ages, distante aproximadamente 360 quilômetros de Salvador, ficou em 7º lugar. Mas foi no território sergipano que a Faculdade Ages ganhou maior destaque. Localizada a 110 quilômetros de Aracaju, alcançou o pódio de 1º lugar entre todas as instituições particulares avaliadas em Sergipe. E quanto à análise geral das IES públicas e privadas, ficou em 2º lugar, ou seja, logo depois da Universidade Federal de Sergipe - UFS (JORNAL CINFORM, 2011).

Nas avaliações consecutivas realizadas entre 2012 e 2015, a Faculdade AGES manteve o IGC 4, índice de Excelência. Em 2016, obedecendo aos critérios do MEC, a Faculdade Ages foi credenciada a Centro Universitário, tornando-se UniAGES, sendo avaliada nos anos de 2017 e 2018 também com IGC 4. O Jornal Comunicação, edição 26, publicado pela própria instituição, registrou a avaliação do MEC e ponderou acerca da importância do índice e da colocação do Centro Universitário entre os melhores do país.

O MEC publicou, na última terça-feira, 18/12 /2018, os INDICADORES DE QUALIDADE das Instituições de Ensino Superior do Brasil, avaliadas em 2017. Pelo sétimo ano consecutivo, o Centro Universitário AGES está na posição de EXCELÊNCIA, com IGC conceito 4 (quatro). Concorrendo com instituições de ensino particulares e públicos de todo o país, o UniAGES é reconhecido como o 7º MELHOR CENTRO UNIVERSITÁRIO DO BRASIL! A AGES, mais uma vez, destacou-se pelo número de cursos com notas de excelência e nenhum deles com conceito mediano. Após a conquista do conceito 5, no reconhecimento do curso de Farmácia, na semana passada, e 5 para o reconhecimento do Curso de Direito, em 2017, conquistamos um CPC 4 (quatro) em todos os cursos avaliados em 2017 (JORNAL COMUNICAÇÃO, 2018).

Os dados do MEC descrevem o potencial da Faculdade AGES entre as Instituições de Ensino Superior do estado e do país, números que contam a história da Escola que se tornou Faculdade, e da Faculdade que se transformou em Centro Universitário.

Em 2017, a instituição se expandiu de forma física pelas regiões da Bahia e Sergipe. De acordo com o site da Faculdade AGES, a expansão externa surgiu através de manifestações de interesse público, apoio moral de representantes e autoridades do poder público e também pela comunidade que iria reduzir custos de deslocamentos e estadias. Desse modo, a Instituição realizou estudos estratégicos e decidiu implantar as Faculdades Integradas AGES nas seguintes cidades: Jacobina (BA); Jeremoabo (BA); Tucano (BA); Senhor do Bonfim (BA) e Lagarto (SE).

A partir disso, a Faculdade AGES ganhou grandes projeções na região Nordeste, principalmente no interior dos estados de Sergipe e da Bahia, com um raio de abrangência direto de 72 municípios, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Instituição. Em 2019, sua proeminência educacional e marca passou a integrar o grupo Ânima de Educação. Assim, a marca AGES ganhou projeção nacional e passou a ser administrada pela ANIMA HOLDING S.A., que é uma das maiores organizações educacionais privadas do país, conforme o estudo da Consultoria Hoper Educação, em 2018, que mensurou as matrículas ativas, números de instituições e receitas líquidas (PRESSE, 2017).

Nesse contexto histórico, é válido refletir sobre as razões do sucesso da UniAGES. Em informe institucional do Jornal Comunicação, edição 26, a instituição credita o reconhecimento de Excelência dos Índices do MEC aos excelentes alunos e docentes que representam a instituição, os quais se dedicam à trajetória acadêmica, estando conscientes de que a qualidade do ensino é primordial para trajetória profissional, o que, conseqüentemente, contribui para a satisfação pessoal. Desse modo, os diferenciais que projetam esse reconhecimento consistem no método ativo de ensino, além do programa de formação docente, da infraestrutura tecnológica e de criatividade na gestão. A publicação ainda ressalta: “com os conceitos do UniAGES sempre em destaque, chegamos à conclusão de que estamos no caminho certo”.

Com o credenciamento para Centro Universitário UniAGES, a sua missão institucional se ampliou:

Tendo como premissa básica a ideia de que toda instituição de Ensino Superior deve estar voltada ao desenvolvimento do indivíduo e da região em que está inserida, o Centro Universitário AGES impõe essa missão considerando que a educação em nível superior tem como responsabilidade formar indivíduos participativos capazes de analisar e refletir sobre o seu papel na sociedade e, conseqüentemente de apresentar soluções para minimizarem os problemas sociais e educacionais de sua região.

O Centro Universitário AGES tem como propósito principal construir novos conhecimentos necessários para o desenvolvimento das regiões nordeste da Bahia e centro-sul de Sergipe e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas; formar profissionais competentes nas áreas de educação, saúde, justiça, contabilidade, administração, social e engenharia partindo do pressuposto de que é através da educação que se promove a melhor qualidade de vida e se contribui para o desenvolvimento da região e do país. O Centro Universitário AGES acredita que a educação constitui a única saída para a resolução dos problemas sociais, uma vez que forma indivíduos para participarem como sujeitos transformadores de seu meio, agentes do processo de desenvolvimento e multiplicadores do conhecimento. Esta é a missão de que o Centro Universitário AGES se incumbiu: a de promotora do desenvolvimento da região e da melhoria da qualidade de vida através da educação (UniAGES, 2020).

A missão é a enunciação da existência de uma empresa. Conforme Chiavenato (2005, p. 63), na missão, a empresa declara sua finalidade para a sociedade, comunica valores, estratégias e seu propósito orientador. Em paralelo com a missão enunciada no PPI de 2014, a AGES mantém seu conceito em formar profissionais com observância ao desenvolvimento local.

Igualmente, a nova missão explana a importância de formar profissionais que apresentem soluções para minimizar os problemas sociais e educacionais de sua região, aptos a construir novos conhecimentos para a continuidade do crescimento. Esse comparativo com a missão de 2014 reluz a preocupação da UniAGES com a continuidade do desenvolvimento da região, que envolve economia, empregabilidade e também em criar novas oportunidades.

Em entrevista com os egressos empreendedores sujeitos desta pesquisa, interoguei como avaliam a Instituição AGES, no tocante ao ensino e às repercussões desse ensino na região. Nos discursos, percebi muito entusiasmo com a Instituição AGES, o que ficou evidente em falas como a do egresso E1: *“Graças a AGES, não sou apenas enfermeira, sou empreendedora, sou líder, sou auditora, humana e crio minhas oportunidades”*. Os diferenciais do ensino ofertado pela Instituição também são celebrados pelo o egresso E2: *“A Faculdade AGES transformou vidas e toda região (...) a preocupação em ofertar um ensino com qualidade, com aprendizagem”*.

O egresso E3 foi estudante do colégio AGES, que ingressou na Instituição no Ensino Médio, e atuou como funcionário da ReAGES. Esse entrevistado ressaltou que a Instituição desenvolveu não só a cidade de Paripiranga/BA, como também outras cidades da região, através de seus profissionais e, atualmente, continua promovendo ações transformadoras.

Diante dos discursos, é possível perceber o grau de satisfação com o ensino ofertado pela AGES, em que se evidenciou um valor afetivo pela marca da instituição. Marcuzzo, Gubiani e Lopes (2012, p. 06) destacam a importância de mensurar a satisfação com o ensino:

A satisfação do aluno não é somente um indicador da qualidade, mas é ela própria, um componente da aprendizagem, uma vez que quando o aluno está satisfeito, estão presentes fatores, como o aumento de confiança, que também têm impacto na qualidade do processo educativo.

Do mesmo modo, em entrevista com a coordenação do curso de Enfermagem, o investigado referiu a posição da Faculdade AGES entre as melhores Universidades do país. Atribui esse feito ao ensino pautado em metodologias ativas, que contribui para o desenvolvimento mútuo do graduando. Ademais, ressaltou que o sucesso da Faculdade AGES é devido à empregabilidade dos egressos. Referiu que conhece muitos casos de egressos que auferiram sucesso na profissão, em vista de terem sido aprovados em concursos federais, estaduais e municipais, ou estarem ocupando cargos de alto escalão na administração pública, ou terem se dedicado ao empreendedorismo.

Durante a entrevista com os egressos, percebi as correlações entre a história da AGES e a própria caminhada acadêmica e profissional dos sujeitos. Na fala do egresso E1: *Acompanhei todo o processo de crescimento da Faculdade AGES, torcia e torço muito pelo avanço da mesma (...) reconheço sua importância para a região.* Igualmente, o egresso E2 ressaltou: *A direção, professores, profissionais da AGES conheciam nossa história e nós a deles, por isso, foi mútuo a troca de empatia.*

Diante desses discursos, da missão empresarial, dos registros de avaliação do MEC e da narrativa contada pela própria instituição em seu *website*, conheci uma história de empreendedorismo através da educação, que transformou a região. Os egressos entrevistados são testemunhas desse agir e avaliam com satisfação o ensino ofertado pela instituição.

Em suma, a UniAGES criou seu próprio espaço, apesar de estar longe dos grandes centros urbanos, cenário propício para uma instituição de cunho privado. Diferentemente, localiza-se em meio à seca, sendo a pioneira em Educação Superior na região. Com isso, levou qualificação às pessoas, formando profissionais e gerando outros negócios diretos e indiretos a sua atividade.

Sendo assim, germinar e o agir da Faculdade AGES é um *case* de sucesso, tanto no empreendedorismo, quanto na qualidade do ensino, aspecto corroborado pelos índices do MEC e também pelos entrevistados. No mais, a pesquisa possibilitou conhecer mais que um espaço acadêmico, como elencado pelo egresso E1: “A AGES é um espaço particular, motivo que somos chamados de *ageanos*”.

4.2 O perfil do egresso ageano

Na educação, coexistem inúmeras finalidades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) versa, no Art. 2º, que “a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O Art. 3º da mesma lei ressalta que o ensino carece ser ministrado com base nos princípios: “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. Já o Art. 43º aponta especificamente para a finalidade do Ensino Superior: “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”.

Desse modo, a educação, independentemente do nível de ensino, tem como premissa básica o pleno desenvolvimento do educando. Em específico, o Ensino Superior é uma etapa da formação que norteia a qualificação profissional. Em razão disso, precisa percorrer caminhos para atingir os objetivos de uma formação profissional e também acompanhar as exigências e a dinâmica do mercado de trabalho. Cidral *et al.* (2001) compactuam com esse fundamento e defendem a importância de a Instituição de Ensino Superior (IES) construir e identificar o seu perfil egresso.

Desse modo, é importante que as IES façam a gestão de egressos pois, com isso, poderão conhecer os reflexos do ensino desenvolvido e refletir sobre as tendências do mercado de trabalho. Michelan *et al.* (2009) destacam que o controle dos egressos é uma etapa da gestão educacional. O ensino e os alunos estão no primeiro plano dos esforços de IES, contudo, não menos importante são os egressos, sendo fundamental monitorar suas principais atividades relativas à atuação profissional.

Conforme Michelan *et al.* (2009), não só a gestão de egressos como também o acompanhamento de egressos por meio de programas institucionalizados na política

do projeto pedagógico são um potencial organizacional para compreender diversos fatores do ensino, tais como potencialidades, competências, habilidades e fragilidades. Ademais, esse acompanhamento proporciona detectar dificuldades ou novas oportunidades na inserção no mercado de trabalho. Portanto, a instituição precisa planejar, organizar, controlar e avaliar o ensino como um todo. No que diz respeito aos itens 'controle' e 'avaliação', a contribuição dos egressos é fundamental para mensurar os facilitadores e as barreiras na inserção do mercado de trabalho.

Dias Sobrinho (2015) versa acerca da importância da qualidade educacional do Ensino Superior. Para conhecer os efeitos desse ensino, é preciso avaliar o perfil do formando e suas relações com o mercado de trabalho. O autor destaca que a formação superior não é um produto acabado e, portanto, a atuação dos egressos precisa ser acompanhada, elencando não somente a produtividade profissional, mas outras competências adquiridas na formação. Assim, a instituição tem subsídios para avaliar a qualidade de ensino e não apenas de produtividade.

A pertinência é, portanto, o compromisso social da educação superior no que concerne o desenvolvimento humano sustentável da região e de sua população, em articulação com a promoção dos valores que tendem à universalidade. As dimensões científicas, técnicas, éticas, estéticas, políticas, econômicas que constituem a complexidade da vida social devem ser fundadas em valores democráticos, tais como cooperação e a solidariedade, que são constitutivos da comunidade social (DIAS SOBRINHO, 2015, p.13).

Do mesmo modo, Amatucci (2009) enfatiza que o perfil do egresso do Ensino Superior precisa atender as características regionais, adequando-se e compreendendo as carências do mercado de trabalho. Conforme o autor, a instituição deve estar preocupada com o desenvolvimento regional, com a qualificação do educando e com a qualidade do ensino. O escrito de Amatucci (2009) ainda ressalta que:

Acreditamos que a escola deva preocupar-se com o futuro emprego (ou outra forma de trabalho) de seus alunos. As escolas não brotam em lugares onde não são necessárias, mas são frutos de uma real demanda regional. Se não atender a essas necessidades, os egressos não encontrarão ocupação, ou terão que deslocar-se para fazê-lo – caso em que a instituição estará prestando um desserviço à comunidade (AMATUCCI, 2009, p. 89).

Portanto, o acompanhamento e a gestão dos egressos são ações necessárias em Instituições de Ensino Superior, sejam elas de cunho público ou privado. A

construção do perfil do egresso, conforme Amatucci (2009), deve levar em conta as demandas técnicas da profissão e as demandas do ambiente profissional. Do mesmo modo, Cidral *et al.* (2001) ressaltam a importância de construir o perfil egresso por abordagem de competências. Isso significa dizer que um curso de Ensino Superior precisa desenvolver competências profissionais, competências de empregabilidade e de educação continuada, na compreensão sistêmica e dinâmica profissional.

Aliado a isto, deve haver uma preocupação contínua com os aspectos metodológicos da prática de ensino e da integração universidade-empresa com o intuito de aproximar as vivências do ambiente acadêmico e as necessidades das organizações e da própria sociedade. Por fim, a integração entre conhecimento explícito e conhecimento tácito que caracteriza a abordagem por competências, responde ao desafio proposto pela Lei de Diretrizes e Base de Ensino de construir uma Educação Superior compromissada com a produção e divulgação cultural, científica e tecnológica, e com a formação de profissionais aptos a ingressar no mercado de trabalho. Este compromisso da Educação Superior implica em desenvolver um ensino orientado ao aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (CIDRAL *et al.*, 2001, p. 151).

Nesse contexto, convém referir que o PPI (2017) da UniAGES enumera 29 premissas para um perfil do egresso da Instituição. Trata-se de um compilado de habilidades e competências emanadas dos objetivos filosóficos, pedagógicos e metodológicos da Instituição. O Quadro 1, a seguir, enumera essas características:

Quadro 01 – Perfil do egresso ageano

PERFILEGRESSOAGEANO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Comprometer-se com os problemas sociais e educacionais de sua região; 2. Analisar e refletir sobre o papel do educador na sociedade; 3. Desenvolver-se de forma crítica, responsável e eficaz, com vistas à produção cultural e ao exercício transformador do trabalho; 4. Resolver os problemas mais frequentes, segundo uma ação integrada, crítica, eficiente e comprometida com a realidade social; 5. Compreender as realidades do mundo, contextualizando-as de forma adequada; 6. Refletir, com rigor e de maneira integrada, sobre os diversos e diferentes contextos; 7. Promover a crítica e o agir sobre as especificidades locais, sem perder a dimensão do global; 8. saber pensar; 9. Aprender a aprender; 10. Saber lidar com novas tecnologias; 11. Ter iniciativa para resolver problemas; 12. Ter capacidade para tomar decisões; 13. Ser criativo; 14. Ser autônomo; 15. Estar em sintonia com a realidade contemporânea; 16. Considerar as diferenças sociais e culturais na concepção de projetos e no planejamento de intervenções no contexto escolar; 17. Ser capaz de mobilizar-se sempre para o exercício mais atualizado das atividades profissionais;

18. Desenvolver competência de gestão em sua área de atuação;
19. Saber respeitar os conhecimentos prévios de superiores, colegas de profissão e subordinados;
20. Conhecer os fatos de sua profissão e ter domínio teórico para explicá-los;
21. Pesquisar constante, atentando para a dinamicidade em suas atividades profissionais, observando sempre que o conhecimento é construção permanente e mutável;
22. Investigar o contínuo desenvolvimento de sua profissão, o que lhe dá competência para o perfeito exercício de suas atividades profissionais;
23. Conhecer a variedade de oportunidades profissionais e as características da profissão;
24. Conscientizar-se da importância do trabalho que exerce para as pessoas e para a sociedade visando sempre à formação da cultura, da organização social, de construção da realidade e de interação social;
25. Conscientizar-se da necessidade do domínio de vários outros conhecimentos, como, por exemplo, de novas tecnologias e do conhecimento de línguas estrangeiras;
26. Estar preparado para o domínio de estratégias metodológicas para o exercício de sua profissão;
27. Conhecer as leis e normas que regem a profissão no país;
28. Ter conhecimento na área de disciplinas afins, embora não tenham sido parte implícita no currículo de seu curso;
29. Ser consciente da sua postura profissional atuando em sua prática como sujeito formador de cidadãos críticos e participativos para o exercício da cidadania.

Fonte: PPI AGES (2017).

Conforme as diretrizes do PPI (2017), é esperado que o egresso: seja comprometido com os problemas sociais e educacionais da região; seja capaz de perceber sua relevância na sociedade; seja um agente de organização, transformação e desenvolvimento, através de sua formação e do seu trabalho. Espera-se que, por meio do senso crítico, tenha apreendido competências ao longo de sua formação acadêmica, tais como: teórico-prático (domínio de conhecimentos científicos); relacional (colaborativa); político-social e gestor (contexto social).

De acordo com o PPI (2017), o egresso precisa compreender e atender as demandas atuais do mercado de trabalho, além de colaborar para a intervenção social no desenvolvimento da cidadania. No mais, o documento enfatiza a importância de a Educação Superior formar profissionais que compreendam os complexos problemas sociais, políticos e econômicos do tempo, e que compreendam sua importância nesse contexto.

Portanto, as orientações que o PPI (2017) preconiza através de suas premissas ideológicas e metodológicas são condizentes com uma educação que promova o saber pensar, aprender a aprender, saber lidar com novas tecnologias, saber resolver problemas, com criatividade, autonomia, criticidade e compromisso social. Além dessas características, o documento apresenta adjetivos que nomeiam as competências e habilidades esperadas por um egresso ageano: conhecedor; pesquisador; investigador; conhecedor e consciente.

Além dos registros das características do perfil do egresso UniAGES no PPI e nos Planos de Cursos, a Instituição também realiza o acompanhamento dos egressos, através de programas institucionais. De acordo com um informe institucional no *website* da UniAGES, no ano de 2018, a instituição lançou o Programa de Empregabilidade do Egresso AGES (PeAGES), com finalidade de inserir no mercado de trabalho os seus diplomados. Outro objetivo do programa é o desenvolvimento da região, através de ações empreendedoras e inovadoras.

O programa prevê a necessidade de os egressos refletirem o cenário atual, em especial a região em que estão inseridos, e busca por alternativas de empregabilidade, através do empreendedorismo na profissão de formação, inovando nas práticas profissionais. Conforme a justificativa do programa, a instituição acredita no método ativo para provocar estudantes e egressos ao pensamento crítico, autonomia e a capacidade de resolver problemas. A publicação destaca que “indivíduos pensantes são capazes de solucionar os problemas do dia a dia”. Em justificativa ao cenário de incertezas da sociedade atual, no tocante à empregabilidade, é preciso uma formação de excelência e competência, que transcenda essa realidade incerta e projete um olhar empreendedor para vencer essas adversidades.

Apesar de a instituição oferecer uma formação de qualidade e de excelência no currículo, o futuro profissional é incerto. Dessa forma, a UniAGES mais uma vez, revela a preocupação com a ocupação profissional dos egressos e com o desenvolvimento da região ao instituir um projeto de financiamento a projetos empreendedores, chamado de “Investidor Anjo”. Nesse programa, a instituição contribui com capital financeiro e intelectual para desenvolver projetos de egressos. Esses projetos precisam agregar viabilidade econômica, transformação local, e os egressos carecem ter perfil de liderança, criatividade e consciência global para exercer uma administração de sucesso.

Outra ação oferecida pela Instituição em valorização ao perfil egresso é o prêmio Mérito UniAGES, o qual visa valorizar e reconhecer o potencial empreendedor dos egressos, em forma de homenagem. Esse prêmio reconhece negócios e ações de impacto social de egressos nas cerimônias de formaturas.

São a partir de histórias como essas que instituição acredita que o seu estudante, aproveitando as competências estudadas, deve ser estimulado para a construção de um produto/serviço que garanta o diferencial

competitivo em sua área de formação e atuação, habilitando novos profissionais que contribuirão para o desenvolvimento da região. A AGES orgulha-se pela grande conquista empreendedora, egressos! (UNIAGES, 2018).

No ano 2015, a UniAGES, por meio da CPA, publicou a avaliação do Perfil Egresso do Centro Universitário AGES, estudo realizado com finalidade de mapear e reunir informações dos egressos para buscar a melhoria permanente da qualidade do ensino, das condições de oferta de cursos e conhecer as demandas do mercado para atingir a empregabilidade dos formandos. Em suma, o objetivo do programa é acompanhar o perfil do egresso ageano, avaliando as habilidades e competências apreendidas através dos currículos e da metodologia da instituição. Também busca conhecer sobre a aprendizagem profissional adquirida durante o curso, a fim de criar mecanismos de melhorias do ensino, atingir as exigências do mercado de trabalho e consequente sucesso do egresso. Para atingir esses objetivos, o programa destaca as seguintes premissas:

1. Avaliar a qualidade dos cursos oferecidos pelo Centro Universitário AGES e o grau de demandas quantitativas e qualitativas geradas pelo mercado e a sociedade;
2. Avaliar o desempenho institucional, por meio do acompanhamento da situação profissional do egresso;
3. Avaliar o desempenho da Instituição, através da pesquisa de satisfação do egresso quanto ao plano de carreira na IES;
4. Confrontar o perfil esperado do egresso com a efetivação do Projeto Pedagógico, como fonte de autoavaliação na perspectiva de um ensino de excelência;
5. Incentivar a participação do egresso nos processos pedagógicos da IES;
6. Identificar o índice de satisfação do egresso, avaliando sua perspectiva quanto à sua formação e as demandas da sociedade de mercado e as suas expectativas quanto à formação profissional continuada;
7. Traçar o perfil do egresso para um mundo globalizado, com defesa do meio ambiente, da sustentabilidade e do agir ético;
8. Valorizar o egresso por meio da contratação profissional na IES e nas empresas da região;
9. Manter o banco de dados com registros atualizados dos egressos em um canal aberto e aglutinador das experiências e opiniões destes profissionais;
10. Promover encontros regionais, cursos de extensão e palestras direcionadas aos profissionais formados pelo Centro Universitário AGES;
11. Instigar os egressos para o empreendedorismo (UNIAGES CPA, 2015).

Portanto, através de aplicação de questionário por meio da plataforma do Google, com questões objetivas e subjetivas, encaminhadas em forma de *link* por e-mail, SMS ou integrado ao site do Centro Universitário AGES, foi empregada uma pesquisa que obedeceu a ciclos: a) ao término da graduação, no ato do requerimento

do Diploma; b) um ano após a formação, quando é realizada a pesquisa de análise das expectativas dos egressos por meio de questionários enviados por correio eletrônico, c) a instituição disponibiliza permanentemente a Pesquisa de Análise das Expectativas dos Egressos em seu *website*, no intuito de que haja a participação espontânea dos mesmos, ao visitarem o site do Centro Universitário AGES, em qualquer período.

O questionário é composto pelas seguintes perguntas: 1. Você estava empregado (a) durante a sua Graduação? 2. O curso contribuiu para a sua formação pessoal e profissional? 3. Você trabalha na área que fez a graduação? 4. O curso de graduação ajudou na sua vida profissional?

Dessa forma, no ano de 2014, 799 alunos concludentes responderam às perguntas. Os resultados apontam que 79% dos entrevistados relataram que o curso contribuiu totalmente para sua formação pessoal e profissional, 16% disseram que contribuiu parcialmente e 5% disseram não ou não responderam. Nesse estudo, ficou evidente que 41% dos entrevistados trabalham na área de formação, 26% disseram não trabalhar, 15% trabalham em uma área completamente diferente e 18% em uma área próxima.

Com base nesses dados, o documento aponta que o curso de graduação contribuiu significativamente na formação pessoal e profissional dos egressos, desenvolvendo competências cognitivas, além de propiciar satisfação no trabalho e na vida dos formados.

O Centro Universitário AGES construiu uma boa imagem na região e até em nível nacional por suas avaliações (internas e externas) serem positivas. Isso também gera frutos para o estudante, pois ele passa a ser objeto de desejo das várias organizações existentes no mercado. O currículo pautado nas competências contribui a partir da perspectiva de destacar conhecimentos, habilidades e atitudes para um bom profissional (UNIAGES CPA, 2015).

Ademais, a pesquisa pretendeu auferir a empregabilidade na área de formação. A respeito desse aspecto 68% dos entrevistados estão empregados na área de formação acadêmica, e 32% informaram que atuam em áreas diversas. Entretanto, mencionaram que a graduação foi relevante para o atual exercício profissional.

Por último, com o objetivo de refletir sobre a missão organizacional da IES, qual seja “transformar e desenvolver a região através da educação”, foi questionado se os egressos permanecem atuando na região de origem. Os dados são altamente

positivos, com 94% dos entrevistados residindo e atuando em sua região. Com essa informação, o estudo avalia “o quanto o projeto de formação tem alcançado seu objetivo e, potencializado o desenvolvimento local” (UniAGES CPA, 2015).

Desse modo, conforme os registros, é possível perceber que a UniaAGES possui uma política de acompanhamento dos egressos, além de oferecer programas e projetos voltados para esse mesmo público. Assim, observa-se que há uma sincronia entre o PPI, os estudos da CPA e os princípios Institucionais.

Adentro dessa temática de política de acompanhamento dos egressos, na entrevista semiestruturada que realizei com a coordenadora do curso de Enfermagem da UniAGES, foi questionado: A IES acompanha a situação de empregabilidade dos egressos? Como é realizado esse acompanhamento? Nesse sentido, a coordenadora destacou que a Instituição faz um acompanhamento dos egressos por meio de pesquisas do setor responsável, além de criar programas de empregabilidade e disponibilização de vagas, a exemplo da preceptoria de estágios, da própria clínica universitária e também do corpo docente, que é ocupado em parte pelos egressos, que são incentivados e valorizados nas contratações da própria Instituição. Mencionou que ela mesma é egressa do colégio AGES e da Faculdade AGES, onde cursou sua graduação em Enfermagem. A coordenadora ainda referiu:

C1: É uma ação particular do colegiado de Enfermagem e minha, manter o contato frequente com os egressos. Através de grupos de WhatsApp, que tem por finalidade compartilhar materiais de estudos, vagas de emprego, editais de concursos públicos, criar grupos de estudos. Sendo essas as formas de acompanhar e manter uma comunicação, um elo com os egressos.

Ainda na discussão sobre os egressos, frente a essa política de acompanhamento que a Instituição realiza e das experiências da coordenação, questionei quais eram as concepções sobre o perfil egresso do enfermeiro formado na AGES. A coordenadora afirmou que as características dos profissionais atuantes no mercado, em especial dos formados na Instituição, são de profissionais críticos, que sabem resolver problemas, sejam eles de saúde ou não, que possuem uma visão holística e são dotados de competências e habilidades. Esses elementos, segundo ela, projetam-nos para várias áreas de atuações.

C1: Conheço histórias de muitos egressos que são empreendedores na sua profissão, enfermeiros concursados, contratados diante de uma vivência ou

apresentação de algum projeto na sua localidade, fruto de alguma experiência enquanto discente que acarretou em oportunidades profissionais.

Essa fala se relaciona com o perfil registrado no Programa de Acompanhamento aos Egressos (2015), o qual elenca os seguintes adjetivos aos egressos da instituição: “empreendedores, proativos, criativos, que valorizem a inovação e apresentem perfil diferenciado para a transformação da realidade”. Essa fala é compatível, também, com a filosofia e a concepção metodológica desenvolvido pelo PPI (2017) da IES.

Na perspectiva dos egressos empreendedores entrevistados, eles avaliam o seu perfil da seguinte forma:

E1: Eu percebo a diferença com os profissionais formados em outras Faculdades, eles são mais técnicos, automáticos, menos comunicativos ou interagem menos. Já com os colegas da mesma Instituição, vejo diferenças, como: diálogos com toda equipe, postura criativa, envolve a comunidade, somos ótimos em saúde preventiva. Acho que esse seja nosso perfil.

E2: Compreendo que fomos educados para ser autônomos, líderes, continuar estudando, não ser um profissional acomodado.

E3: Visão ampliada dos fatos, no atendimento, entender um problema como um todo, não ficar tão focado em algo biológico, muitas vezes o problema, não é apenas biológico, você precisa estudar todas as dimensões de forma relacionada, dentro de um contexto, traz uma nova visão.

De uma forma geral, o perfil do egresso de Enfermagem no seu contexto global está voltado à subordinação à rotinas técnicas, como destacam Copelli *et al.* (2010, p. 04): “No processo de educação em Enfermagem, os enfermeiros geralmente são formados para atuarem como bons empregados e executores de ordens”. Porém, a profissão do enfermeiro vem se modificando com o passar dos tempos, para atender a nova dinâmica do mercado, em que se almejam profissionais criativos, não apenas qualificados em técnicas. O mercado almeja diferenciais competitivos, como destacado:

A Enfermagem tem caminhado e explorado um novo mercado de trabalho. O desafio apresenta riscos, mas também benefícios e oportunidades de exercer trabalho autônomo e inovador à população. A profissão tem adquirido maior visibilidade, espaço e reconhecimento, capaz de partir de sua posição subordinada e voltada às atividades técnicas, para um profissional que vem ganhando espaço ao assumir a gestão de serviços de saúde, com seu potencial autônomo, especialista, e empreendedor (MORAIS, et. al, 2013, p. 699).

A sociedade com todo seu dinamismo, impulsionada pelos novos costumes, ciências e tecnologias, desenvolvem constantemente novos padrões. Desse modo, os empregos, assim como as profissões ganham novos formatos. E o empreendedorismo é uma demanda do mercado, como destaca:

A formação de profissionais com espírito empreendedor provoca mudanças na visão das pessoas, tornando-as mais críticas, reflexivas e socialmente responsáveis pela ampliação de oportunidades e possibilidades empreendedoras condizentes com as demandas sociais e as necessidades do mercado de trabalho. Este tem exigido que os trabalhadores sejam mais qualificados, proativos e empreendedores. Por isso, na Enfermagem, têm se buscado avançar nas práticas assistenciais e de cuidado (CARVALHO et. al, 2016, p. 11).

Nesse contexto, o perfil egresso desejado para o profissional de Enfermagem possui uma interface clara com o empreendedorismo. Por isso, é preciso fomentar uma formação consciente a essas características. Durante as entrevistas com os egressos e também com a coordenação do curso, foi possível perceber a relevância do empreender na profissão:

C1: O empreendedorismo na Enfermagem ainda é pouco explorado, contudo, nossos alunos vêm conquistando mercados através dessa prática.

E1: Para obter empregabilidade, foi através do empreendedorismo, acredito, que essa será a fonte de emprego do futuro.

E2: Além do empreendedorismo é preciso conhecer e ter habilidades em gestão. É preciso se reinventar a todo momento.

E3: De fato o empreendedorismo realmente trouxe mais lucro para mim.

Por fim, essa unidade de análise ponderou conhecimentos sobre o perfil dos enfermeiros egressos da Instituição, através dos discursos dos entrevistados e dos documentos institucionais que preconizam esse perfil. Ficou evidente que o empreendedorismo é uma habilidade desejada e, no caso dos formados entrevistados, foi uma realidade possível, devido à formação na UniAGES.

Nesse prisma, na categoria de análise a seguir, pondero acerca do ensino ofertado pela UniAGES, que é pautado nas metodologias ativas. Traço uma interface dessas informações com as vivências e experiências dos egressos empreendedores.

4.3 O agir nas metodologias ativas

Após conhecer o perfil egresso preconizado pela Instituição e também na fala e na experiência da coordenação do curso sobre esse assunto, convém destacar os dados e as informações coletadas com a entrevista semiestruturada aplicada aos três egressos empreendedores. Isso possibilitou conhecer as percepções dos egressos ageanos de Enfermagem, formados com um ensino norteado por metodologias ativas e ponderar quais suas relações com o empreendedorismo e a inserção do mesmo no mercado de trabalho.

Para alcançar essas informações, o início da entrevista foi marcado por questionamentos sobre a trajetória escolar, o ensino e as experiências com as metodologias. Nesse contexto, perguntei-lhes: Em qual cidade realizou e concluiu o Ensino Infantil, Fundamental e Médio? Escola pública ou privada?

E1: Eu sou natural de Tucano/BA, iniciei meus estudos na zona rural, cursei até o fundamental. O ensino médio já cursei na cidade de Tucano. Iniciei estudar tarde, já com dez anos, devido a distância da escola, tinha que estar crescida para ir sozinha para a escola, que ficava 4km da minha casa, percurso que realizava todos os dias andando. Minha trajetória escolar não foi fácil, no meu povoado não existia a cultura de incentivo aos estudos, só fui entender a importância de estudar, quando estava adulta e queria trabalhar, para vencer na vida.

E2: Eu nasci em Canudos/BA, quando criança estudei o ensino infantil no município de Canudos/BA. Meus pais foram tentar a vida em São Paulo, fiquei com minha avó em Euclides da Cunha BA, e lá cursei o ensino fundamental e médio.

E3: Sou de Paripiranga, sempre residi aqui e concluí até oitava série no ensino público, no primeiro, segundo e terceiro ano a própria Faculdade Ages tinha um colégio de aplicação, era para estudantes de baixa renda, teve processo seletivo, iniciei minha caminhada na Ages a partir desse momento, e aí dentro do colégio de aplicação já tinha essa metodologia voltada para a faculdade, desde o ensino médio já fui preparado para esse novo mundo, de colocar o estudante no centro do saber, tudo isso instigou desde ensino médio: o ensino aprendizagem, desde o ensino médio era monitor de química, na faculdade também me tornei monitor, algo que sempre foi instigado pela instituição.

As cidades dos egressos são: E1: Tucano/BA, distante 129 km da UniAGES/Paripiranga; E2: Canudos/BA, que fica a 216 km da UniAGES/Paripiranga; e E3: Paripiranga/BA. Essas cidades ficam localizadas na região Nordeste da Bahia. Todos os egressos realizaram o Ensino Infantil e Fundamental em escolas públicas situadas nas cidades mencionadas. Os egressos E1 e E2 concluíram o Ensino Médio

na escola pública, e somente E3 cursou o Ensino Médio na escola privada, na modalidade de bolsista.

Nota-se que os relatos são particulares e distintos, contudo, apresentam uma convergência nos temas: dificuldades, trabalho, emprego e sobrevivência, conforme as falas em E1: *“Quando estava adulta e queria trabalhar, para vencer na vida”*, E2: *“Meus pais foram tentar a vida em São Paulo”* e E3: *“Era para estudantes de baixa renda, teve processo seletivo, iniciei minha caminhada”*.

As memórias da escola revelam dificuldades, ao mesmo tempo em que creditam à educação a alternativa para o desenvolvimento, como ressaltou E1: *“Só fui entender a importância de estudar”* e E2: *“Esse novo mundo”*. Nesse contexto, em Freire (2011) é possível destacar que o reconhecimento e a sensibilidade em educação como elemento transformador da vida é possível graças à consciência de liberdade, ou seja, é possível quando somos educados para a criticidade.

Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior ida outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, faz-lo mais humano (FREIRE, 2011, p. 08).

Assim, as narrativas dos entrevistados reportam memórias afetivas com a escola, com a família e com a localidade. Informam suas vivências marcantes, descrevem suas angústias e também admirações mais relevantes.

Recordar dos tempos de escola é conhecer as narrativas particulares e íntimas do entrevistado. Lima (2014) ressalta que quando as pessoas recordam os fatos marcantes da vida escolar, possivelmente irão refletir os assuntos mais significativos no tempo e no espaço. Com esse propósito, questionei aos entrevistados sobre como acontecia o ensino nos anos iniciais da trajetória escolar, que rendeu os diálogos:

E1: Durante o ensino básico, ou seja, no infantil, no antigo ginásio e na formação técnica, a metodologia dos professores e da escola sempre foi tradicional, com muita cobrança em repetir os conteúdos, em decorar respostas prontas, sem entender a importância e funcionalidade dos assuntos. Os professores sempre autoritários e temidos. Sou do tempo da palmatória, de castigos quando errava a resposta.

E2: Fui alfabetizado com método tradicional, transmissão de conhecimento, o professor copiava os assuntos no quadro, tinha que memorizar tudo,

inclusive as respostas, quando ingressei na Faculdade foi um choque. Era acostumado a estudar, memorizado respostas.

E3: Desde o ensino infantil e fundamental, principalmente na rede pública que ainda existe esse método tradicional de depositar realmente o conhecimento no aluno, sempre fui muito passivo a tudo, então, esperava as respostas dos professores, não tinha tanto incentivos, era aquela caixinha onde era depositado todos os conhecimentos que o professor sabia, mas não tinha realmente aquele estímulo do aluno buscar o conhecimento como teve na faculdade.

Os relatos dos entrevistados sobre os métodos aplicados no Ensino Básico são condizentes com uma metodologia tradicional. Na perspectiva de Paulo Freire (2011), é uma educação bancária, realizada através do depósito de informações do professor para o aluno. São características desse método:

A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicado” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2011, p. 33).

Nesse contexto, Freire (2011) alerta que esse método não promove a criatividade, não conduz ao conhecimento e ao desenvolvimento da autonomia. Na educação bancária acontece a ilusão de aprendizagem:

Esta concepção “bancária” implica, além dos interesses já referidos, em outros aspectos que envolvem sua falta de visão dos homens. Aspectos ora explicitado, ora não, em sua prática. Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes” (FREIRE, 2011, p. 36).

No relato de cada egresso, é possível identificar as fragilidades do método tradicional. Do mesmo modo, eles expõem sua insatisfação com a escola e com o ensino no período. E1: *sem entender a importância e funcionalidade dos assuntos* e E2: *sempre fui muito passivo a tudo*. Quando passam conhecer outro método e, principalmente, quando a aprendizagem acontece, gera-se uma satisfação e, ao mesmo tempo, um reconhecimento das fragilidades do antigo método. Da mesma forma, Freire (1978) relata que o ensino libertador é aquele que conscientiza e politiza, em especial, é aquele em que se aprende a aprender.

Ademais, sobre o método da trajetória escolar em paralelo com o ensino ofertado pela UniAGES, questionei como acontecia o ensino durante a graduação na AGES, e os egressos avaliaram:

E1: A metodologia ativa me ajudou a aprender os conteúdos, sua importância e utilidade. Para uma formação na área de saúde, é de grande importância entender os conteúdos, além do conhecimento técnico, específica, na metodologia ativa aprendemos a resolver problemas.

E2 O método ativo é o avesso, o aluno que busca as respostas através da pesquisa e leitura. A aula era organizada em etapas com problemas reais, que tínhamos que entender os problemas, identificar os assuntos e propor respostas ao caso. A cada problema relacionava diferentes disciplinas, conteúdos para um entendimento do biopsicossocial dos sujeitos estudados.

E3 Todas as matérias eram integradas, era uma prova única, onde tinha todas as disciplinas nela, e aí realmente leva você a pensar todas aquelas áreas, todas juntas, conseguir integrar o problema como o todo, foi bastante chocante, mas instigador. Realmente era preciso estudar, buscar o conhecimento, ele não era depositado pelo professor, mas o aluno corria atrás do conhecimento, o professor apenas dava orientações "o caminho" que deveria seguir.

Os discursos revelam a consciência do método, e principalmente a satisfação do ensino ofertado. O egresso E1 ressaltou: *Após estudar com o método ativo, me tornei mais ativa, mudei minha postura, hoje sou mais confiante*. Do mesmo modo, E2 ressaltou seu contentamento através do método apreendido na graduação:

E2 Tudo isso ajudou muito ao profissional que sou hoje, e a faculdade Ages que garantiu esse caminho, quando comecei a fazer outro curso isso auxiliou bastante, não tenho dificuldade em aprender, foi esse preparo que obtive no Colégio aplicação e também na Faculdade Ages.

Frente ao discurso do egresso E2, é memorável destacar sua cognição a respeito do método. Em Souza, Vilaça e Teixeira (2020), é abordado que as metodologias ativas instigam o estudante a participar ativamente do seu processo de aprendizagem. Para isso acontecer é preciso o rompimento com o método tradicional de ensino, baseado na cultura de transmissão de conhecimento. Essa experiência foi explanada pelos egressos:

E1: Um ensino muito diferente durante a Faculdade, alguns termos eram desconhecidos, no primeiro semestre pensei em desistir, tinha dificuldade em escrever as provas dissertativas, mas com leitura, pesquisa e o apoio dos professores, passei a compreender o método ativo.

E2: No início da Faculdade, estudar através do método ativo foi muito difícil, até se adaptar e compreender o objetivo do método.

E3: E por ter adentrado no Colégio de Aplicação da Faculdade Ages era um ensino diferente, foi quando aconteceu um choque na transição do ensino fundamental para o ensino médio, apesar de não ser um ensino estruturado com a metodologia ativa, não era com matérias integradas, já deu para ir se acostumando ao novo método, mas na faculdade foi que realmente aconteceu aquele boom ! Aí meu Deus!

Os discursos dos egressos mostram estranheza, dificuldade e embate na apresentação ao método ativo, devido à formação com o método tradicional de ensino. Nessa perspectiva, para a metodologia acontecer, é preciso que haja a quebra de paradigmas, principalmente com o habitual ensino catequizador.

No combate à educação bancária, que limita o sujeito a aprender sem entendimentos, é preciso uma ruptura dessa cultura, promovendo um ensino e uma aprendizagem que estimule a criatividade, o desenvolvimento dos sujeitos e das suas relações com o mundo que o cerca. Paulo Freire (2011) destaca que é preciso uma educação libertadora, problematizadora que resulte em consciência e inserção crítica na realidade de mundo. Desse modo, a educação problematizadora:

Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder do criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emersão das consciências.

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a torna-se crescentemente crítica (FREIRE, 2011, p. 40).

Freire (2011) mostra que o método de ensino é um fator determinante no desenvolvimento dos sujeitos, principalmente nas suas relações com o mundo. Preconiza a importância da educação problematizadora para o enfrentamento dos desafios e também autonomia de suas ações.

De acordo com o PPI (2017), o ensino desenvolvido pela UniAGES é institucionalizado como método ativo. Essa abordagem objetiva promover uma educação dialógica, através da problematização, nivelando teórica, prática, contexto local, globalidade e protagonismo do aluno para entender e atender a cidadania, desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Desse modo, o PPI (2017) preconiza um ensino que promova a aprendizagem significativa, ou seja, o indivíduo irá aprender com significados quando há relações do novo conteúdo com a estrutura do seu conhecimento prévio. Conforme a psicologia de Ausubel, Novak e Havesian (1980), a aprendizagem acontece de forma significativa quando o educando relaciona os conteúdos com suas informações prévias, na busca de conhecimentos a ser apreendidos, sem memorização e sim com relações cognitivas.

O *website* da UniAGES destaca o método de ensino desenvolvido na IES:

Método Ativo é o processo de ensino em que os estudantes ocupam o centro das ações educativas por meio da problematização da realidade, como estratégia pedagógica, com o objetivo de alcançar e motivar os aprendizes à construção de conhecimentos, competências e habilidades, sejam humanas ou profissionais, considerando que, frente ao problema que eles se envolvem, examinam, refletem e estabelecem relações, atribuindo novos significados para suas descobertas. A acepção originária do método diz respeito ao caminho a ser seguido – do grego *meta* = atrás, em seguida, através; e *hodós* = caminho –, referindo-se, por conseguinte, aos passos que deverão ser dados para se atingir um fim (UniAGES, 2020).

O Manual do Aluno, publicado em fevereiro de 2020, pela ReAGES, norteia práticas administrativas e pedagógicas da UniAGES e também das Faculdades Integradas da rede. O documento vislumbra o método de ensino da instituição como Método AGES:

Método AGES mantém o Método Ativo como estratégia pedagógica, promovendo o ensino de forma que os estudantes ocupem o centro das ações educativas, por meio da problematização da realidade. Dessa forma, os “Cenários de Práticas Reais ou Simuladas” possibilitam a aplicação dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas no decorrer do processo de ensino e aprendizagem (Manual do Aluno, 2020, p. 10).

Conforme o mesmo Manual do Aluno (2020), o Método AGES visa potencializar o desempenho do estudante através de aulas estruturadas, programas de leituras, produções acadêmicas, iniciação científica e gestão participativa, com o propósito de formar “pessoas proativas, empreendedoras, críticas, autônomas e cidadãs”.

A metodologia da UniAGES acontece por meio da técnica de problematização. Assim, as aulas são organizadas em encontros em que os estudantes projetam os passos do estudo de caso apresentado pelo professor. Além disso, ao longo dos encontros, os problemas lançados pelo professor são analisados e, a partir daí, são realizadas tempestades de ideias, formulação de perguntas de aprendizagem, criam-

se os objetivos de aprendizagem, fazem-se leituras, teorizações e assim solucionam-se os problemas destacados. Atrrelados a esses estudos, acontecem encontros de prática profissional, em que o aluno vivencia, experimenta e exercita as teorias em aulas laborais e dinâmicas, chamadas de aulas morfofuncionais.

O Manual do Aluno UniAGES (2020) destaca as etapas do Método AGES:

O primeiro passo é o que denominamos de ESTUDOS PRELIMINARES, que corresponde a abertura do caso. Neste encontro, deverá ser realizada a apresentação do problema, com a tempestade de ideias, seleção de pontos-chave, perguntas de investigação, hipótese de trabalho e objetivos de aprendizagem, mapa conceitual e texto síntese. Esta etapa é determinada pela dinâmica do trabalho que está acontecendo.

A partir do segundo encontro, teremos o desenvolvimento do caso: TEORIZAÇÃO. Nesta, haverá a socialização da leitura teórica por um orador do grupo (teorização de todas as perguntas levantadas), com sistematização na lousa, como parte do debate, além da Produção individual do que foi sistematizado e discutido com ênfase para resolução do caso. Essa etapa poderá ser enriquecida com micro casos e outras estratégias, a critério do professor. Durante a teorização também acontecem as aulas práticas e de simulação.

Durante esse período teremos, pelo menos, uma aula MORFOFUNCIONAL, na qual há a apresentação pelos grupos da solução desenvolvida (tomada de posição) de cada um para o caso, com argumentos teóricos, através de cenários de aprendizagem que deverão contemplar os objetivos pedagógicos e as práticas profissionais.

O Método AGES prevê a etapa de fechamento do caso. Conforme o Manual do Aluno 2020, essa etapa encerra os estudos do primeiro caso de cada unidade estruturada de estudo. Atualmente, o currículo conta com duas unidades, uma delas envolvendo de 50% das competências do currículo, e a outra 100% das competências do currículo. Para cada unidade, é destinada uma Semana Estruturada de Trabalhos Acadêmicos (SETAC). Nesse contexto, a SETAC visa estudos organizados: estudos preliminares, teorização, morfofuncional e fechamento do caso das competências (assuntos, conteúdos) do currículo, com finalidade de desenvolver habilidades profissionais na formação. A cada SETAC e também nas competências de 50% e 100% do currículo, acontecem as avaliações de competências e habilidades, que seguem a estrutura de estudo de caso.

Do mesmo modo, em entrevista, a coordenação do curso de Enfermagem ressaltou que o ensino por meio das metodologias ativas proporciona aulas estruturadas, em que os estudantes vivenciam práticas e teorias de forma concomitante:

C1: Desde as aulas até os nossos estágios, programas e projetos da instituição, no qual os discentes vivenciam momentos de prática e teorização, com observância a sua realidade local. Não existe um instrumento somente de método ativo, são em várias formas e contextos que empregamos as metodologias ativas, ações que projetam o aluno para o protagonismo e o desenvolvimento de saberes.

No Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do ano de 2014 são encontradas as concepções político-filosóficas, teóricas e metodológicas da Instituição no referido ano. O documento, organizado em 15 tópicos, enuncia que a missão da Faculdade AGES é: “O desenvolvimento das regiões nordeste da Bahia e centro-sul de Sergipe. Além de ter como foco a educação para melhoria da qualidade de vida das pessoas”. A seguir, relacionam-se as metas da instituição, conforme o referido documento:

- I- Formar profissionais com uma visão holística e crítica da realidade, capacitados para atuarem na construção de uma sociedade democrática
- II- Tornar-se excelência no ensino para às necessidades atuais do mundo multifacetado.
- III- Ser um centro de referência em metodologias ativas entendidas como propostas que colocam os estudantes no centro do processo e o docente como o sujeito que cuida da aprendizagem deles.
- IV- Ter atividades de pesquisa por meio de sustentação econômica aos projetos a serem desenvolvidos pela sua comunidade;
- V- Apresentar iniciação à formação científica de seus docentes e discentes;
- VI- Ser um espaço de divulgação e socialização dos conhecimentos produzidos pela sua prática científica;
- VII - Atender às demandas sociais, dentro da sua área de saber, através de pesquisas relacionadas a essas demandas.
- VIII- Ser um centro promotor de atividades artísticas e culturais, envolvendo o segmento acadêmico e a comunidade;
- IX – Inserir-se nas atividades desenvolvidas pela comunidade, fazendo-se presente em diversos segmentos para fortalecer a sua atuação e sua participação como promotora da melhoria social e educacional;
- X- Estabelecer programas com fins sociais e educacionais de modo que consiga atender às necessidades da região em que está inserida;
- XI- Desenvolver, produzir e preservar a produção cultural e artística da região (PPI AGES, 2014).

Rememorando o PPI de 2014, é perceptível que os princípios institucionais filosóficos que norteiam as práticas acadêmicas dialogam com as diretrizes para uma educação contemporânea preconizada pela UNESCO e sistematizadas por Edgar Morin (2000), em sua obra “Os Sete Saberes necessários à Educação do Novo Milênio”, quais sejam: Aprender a conhecer (apropriar-se de saberes); Aprender a ser (tornar-se uma pessoa melhor); Aprender a fazer (criar procedimentos e soluções); Aprender a conviver (respeitar as diferenças); Aprender a aprender (desenvolver a metacognição).

O PPI de 2014 ressalta também os princípios pedagógicos da instituição, que são políticas que orientam o ensino e regem a concepção e construção do PPC dos cursos. Nesse sentido, são políticas para o ensino:

- a) Metodologias ativas;
- n) Currículo flexível e integrado;
- c) Currículo orientado por competências profissionais;
- d) Interdisciplinaridade;
- e) Transdisciplinaridade;
- f) Metodologias de incentivo à pesquisa;
- g) Aprendizagem significativa;
- h) Aprendizagem por práticas educativas: aprender com foco na realidade;
- i) Metodologias de incentivo à leitura;
- j) Avaliações interdisciplinares;
- k) Aprender a aprender.
- l) Problematização.
- m) Uso de tecnologias
- n) Princípios Pedagógicos
- o) Aprendizagem ativa;
- p) Aprendizagem relacional;
- q) Metadisciplinaridade;
- r) Aprendizagem em grupo;
- s) Aprendizagem por competências profissionais e pessoais;
- t) Aprendizagem complexa;
- u) Aprender a conhecer, fazer, conviver, ser e transcender;
- v) Aprendizagem para transformação (PPI, 2014).

Como pode ser visto acima, os princípios pedagógicos do PPI (2014) institucionalizam as metodologias ativas. No ano de 2009, conforme o PPI (2009), a Faculdade AGES implantava o ensino com método ativo. Na época, as ações eram restritas à estratégia de Estudo de Caso, obedecendo a sete passos: 1. Observação da realidade, 2. Identificação dos termos desconhecidos, 3. Tempestade de ideias, 4. Construção e apresentação do Problema, 5. Objetivos de aprendizagem, 6. Teorização, 7. Estudo de hipóteses e Solução.

Em 2014, o PPI (2014) institucionalizou o Método Ativo em 11 passos. Nesse ano, também foi oficializada a aula estruturada, que tem a finalidade de cultivar uma sistematização do método, oferecendo um roteiro de estudos aos estudantes que os auxilia na resolução de problemas. Tais problemas refletem a teoria e a prática, com dimensões globais e regionais, focando em atender competências conceituais, procedimentais e atitudinais do currículo disciplinar. Em consequência, busca-se uma aprendizagem significativa, que confronta conhecimentos prévios ao conteúdo aprendido, para construir saberes que respeitam padrões culturais e a forma de pensar, o que contribui para a autonomia e o protagonismo do estudante. Desse

modo, o PPI (2014) ressalta 11 passos para aula estruturada, conforme a Figura 02 ilustra:

Figura 02 - Estrutura da Aula

ESTRUTURA DA AULA Métodos Ativos: Técnica da Problematização <small>Com a orientação do professor, os estudantes apresentam SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA proposto, na posição de profissionais da área em formação.</small>	
PASSOS	PROCEDIMENTOS
1. Observação da Realidade	Os estudantes observam a realidade e levantam dados para a problematização.
2. Construção e apresentação do PROBLEMA	O professor define as competências profissionais, a lista de conteúdos e constrói um problema.
3. Identificação dos TERMOS DESCONHECIDOS	Os estudantes identificam e pesquisam os termos desconhecidos.
4. TEMPESTADE DE IDÉIAS	Exposição de opiniões pessoais, pelos estudantes, sobre o problema em análise (individual ou em grupos). Espaço para questionamentos.
5. Seleção dos PONTOS-CHAVE	O professor seleciona os pontos relevantes para investigação e posterior solução do problema.
6. Definição de OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	Os estudantes expõem seus objetivos como sujeitos da aprendizagem, pessoas, cidadãos e futuros profissionais.
7. Levantamento de HIPÓTESES DE SOLUÇÃO.	Em grupos, duplas ou individualmente, os estudantes levantam as hipóteses de solução do problema.
8. Orientação para a TEORIZAÇÃO	O professor orienta bibliografias e passos para investigação e solução do problema, com rigor científico.
9. Confronto das HIPÓTESES	Os estudantes confrontam suas hipóteses de solução com os condicionantes e limitações da própria realidade
9. TOMADA DE POSIÇÃO ou APLICAÇÃO À REALIDADE.	Os estudantes assumem uma posição frente ao problema. Formalizam e/ou interferem na realidade, quando possível.
10. INTERVENÇÃO DOCENTE e Considerações Finais.	O professor fará as considerações finais sobre os objetivos da aula, com exposições e novas orientações, quando necessário.
11. AVALIAÇÃO FORMATIVA	Avalia as competências pessoais, profissionais e objetivos de aprendizagem.

Fonte/referência: Arco de Manguerez

Fonte: PPI AGES (2014).

Dessa forma, o ensino acontece em consonância com os princípios filosóficos, pedagógicos e metodológicos da instituição, convergindo para uma formação com visão holística e humana. As competências e habilidades profissionais contemporâneas trabalhadas ao longo dos encontros colaboram para a empregabilidade e para o desenvolvimento mútuo.

Na entrevista com os egressos, questionei se o ensino durante a graduação em Enfermagem estava orientado a outras dimensões da formação (não somente saberes técnicos), com preocupações para gestão, empregabilidade e capacidade empreendedora. Em meios aos discursos, E1 abordou as atividades e, principalmente, os projetos de extensão de que participou na Instituição: *No primeiro projeto integrador que participei, percebi a importância do enfermeiro como líder, gestor e responsável pela manutenção da saúde de uma localidade.* Do mesmo modo, E2 ressaltou:

E2: Sim! Recordo de oficinas, seminários, estágios que nos apresentava para o mercado de trabalho. A exemplo de cursos de feridas, doméstica, cuidados com idoso, que estimulam ao home care. Além dos trabalhos acadêmicos, da participação em projetos, como o projeto integrador. Foram experiências que agregaram na formação e principalmente no engajamento com o mercado de trabalho.

Contudo, o egresso E3 foi mais objetivo e referiu que: *nem sempre, eram lançados conhecimentos sobre gestão e empreendedorismo.* Ademais, ressalta que foi uma deficiência do currículo, mas os projetos de extensão contemplavam essa necessidade. Além disso, alguns professores enfatizavam a possibilidade de enfermeiro empreendedor.

E3 Acredito que hoje já mudou, já conversei com alguns estudantes e profissionais que formaram recentemente, percebo que a Instituição está envolvendo assuntos de empreendedorismo e outras faces que a Enfermagem pode ter, como a estética, home care, curativos. Mas na minha época não tinha essas vertentes, era algo mais generalizado.

Igualmente, questionei a atual coordenadora do curso de Enfermagem da UniAGES se a matriz curricular do curso possui disciplina(s) direcionada(s) para o ensino do empreendedorismo. Em resposta, a coordenadora defendeu a importância do empreendedorismo, da educação empreendedora e lamentou o fato de, na grade curricular do curso de Enfermagem da instituição, ainda não constar disciplinas da área de gestão e empreendedorismo. Referiu que essa ausência deve-se ao fato de a grade curricular ter sido elaborada em 2010, quando a importância desses assuntos

ainda não era tão evidente quanto hoje. Contudo, asseverou que no próximo semestre, a instituição será contemplada com uma unidade temática de disciplinas voltadas ao empreendedorismo e ao emprego.

Roncon e Munhoz (2009, p. 696) referem que, para o sucesso de empregabilidade do enfermeiro, é fundamental uma atitude empreendedora:

Para que o ensino do empreendedorismo se torne mais eficiente, é preciso adotar metodologias próprias, diferentes das adotadas para o ensino convencional. Nesses termos, é necessária uma abordagem andragógica e fundamentada no “aprender fazendo”, que utilize técnicas como oficinas, modelagem, estudos de caso, metáforas e dinâmicas. Por isso, também o professor precisa adequar-se, tornando-se muito mais um incentivador e condutor de atividades do que alguém que dita procedimentos padrões. É necessário que também o professor seja empreendedor. Diante dos resultados deste estudo, faz-se necessário que seja repensado qual perfil é desejável para o enfermeiro. É necessário também que este perfil projetado seja orientado para as atividades sistêmicas e para os resultados, confiança em si mesmo, persistência e determinação, além de dedicação para concluir uma tarefa e alcançar as metas estabelecidas (RONCON *et al.* 2009, p. 696).

Portanto, com base no relato dos egressos e da coordenação do curso, o ensino do empreendedorismo no curso de Enfermagem inexistiu enquanto disciplina. Contudo, o ensino estava orientado para uma prática empreendedora visto que as aulas são permeadas com fundamentos e princípios filosóficos que estimulam a criatividade, autonomia, visão crítica e outros adjetivos que remetem ao empreendedorismo.

Nesse contexto, Gadotti (2012) ressalta a relevância dos temas trabalho, emprego, empregabilidade na educação e em qualquer nível de ensino:

Concordamos que é preciso formar um trabalhador polivalente, capaz de adaptar-se no mundo do trabalho, capaz de cumprir múltiplas e diferentes funções, ser autônomo, em oposição à educação tecnicista, utilitarista e bancária. Entretanto, é preciso saber se formamos um trabalhador crítico ou completamente despolitizado (GADOTTI, 2012, p. 4).

Diante dos elementos levantados até aqui, corrobora-se a importância do método de ensino no desenvolvimento pessoal, estudantil e também profissional. Os egressos atestam essa evidência traçando um comparativo entre suas vivências com o método tradicional, ao longo da Educação Básica, e as com o método ativo, ao longo da graduação. Também se ratifica que uma abordagem de ensino norteada por metodologias ativas contribuiu para desenvolver as habilidades e competências a formação empreendedora dos entrevistados. Assim, apesar de não terem cursado

uma disciplina específica de empreendedorismo, seu estímulo foi possível através do agir nas metodologias ativas.

Ainda com representações nas metodologias ativas, trago a próxima categoria de análise, na qual, busco explicar sobre como aconteceu o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção dos egressos entrevistados no mercado de trabalho.

4.4 Egressos de Enfermagem agindo através do empreendedorismo

As preocupações com a empregabilidade são recorrentes tanto para estudantes, quanto para a escola. Quando se trata de Educação Superior, essa apreensão também é necessária. Assim, é necessário realizar avaliações dos currículos, dos métodos e também das estratégias de ensino, a fim de averiguar se esses elementos contemplam as demandas de empregabilidade. De tal modo, entender os desafios do mercado trabalho é fundamental para um desenho conceitual de uma formação coordenada com a dinâmica social, com as inovações e as tecnologias da ciência. Nessa perspectiva, Werthein (1999) pondera que:

O mercado oscila em ritmo imprevisível (...) Além disso, há o aspecto do desemprego devido ao uso de tecnologias. O emprego para vida toda desapareceu, como afirma o Relatório Pérez de Cuélla (...) não basta educar. É preciso empregar convenientemente o indivíduo educado, oferecendo aos jovens possibilidades de usar os conhecimentos adquiridos (WERTHEIN, 1999, p. 14).

Nesse contexto, questionei os egressos sobre como eles avaliam o mercado de trabalho para o enfermeiro na região. Na opinião de todos os entrevistados, é um mercado de trabalho que carece de profissionais da área. Contudo, essas vagas inexistem, devido ao poder público realizar, na maioria das vezes, poucos investimentos em saúde. Assim, o egresso E1 destaca que:

E1 O mercado de trabalho para o profissional de Enfermagem é muito escasso. Geralmente as cidades da nossa região conta com um hospital apenas, com capacidade para 4 profissionais de Enfermagem, em clínicas de grande porte é preciso um ou dois enfermeiros, também são poucas empresas desse ramo em cidades do interior (...). Acredito que existem poucos empreendimentos privados na área de saúde.

A fala do egresso E1 é coerente, visto que o fator saúde é uma necessidade primária, ou seja, é um setor requisitado e necessário. Em contrapartida,

investimentos no setor são fundamentais, seja pelo poder público ou iniciativa privada, com implantação de hospitais, clínicas de especialidades e outros serviços de saúde na região. Nessa mesma linha, destacou o egresso E2:

E2: Oportuno para empreendedores, escasso para os cargos formais das empresas públicas e privadas da área de saúde. Tem meses que tenho que rejeitar serviços ou até mesmo contratar auxiliares para me ajudar na agenda de home care. Para isso, foi preciso me tornar conhecido como o enfermeiro a domicílio, para alguns colegas é uma função sem o glamour da profissão. Para mim é a forma mais humana da profissão. Com empatia e dedicação ofereço o meu melhor, sempre sou indicado pelos pacientes.

Igualmente, o egresso E3 considerou o mercado *valioso para os enfermeiros que sabem se reinventar e criar suas oportunidades*. Destacou que os empregos formais geralmente acontecem por indicações e essas vagas já estão ocupadas. Além disso, de acordo com esse entrevistado, dificilmente surgem vagas no setor público, considerado concorrido:

E3: A nossa região é escassa a empregabilidade do enfermeiro na área hospitalar, porém têm outras vertentes profissionais através do empreendedorismo do enfermeiro, porém, muitos não observam essa nova face, que gera renda, gera satisfação profissional e também acarreta em transformação social. Para isso, o enfermeiro precisa se colocar, o que observo que muitos são passivos, ficam esperando cair do céu. Tem que buscar empreender, incentivar as pessoas também a buscar esse conhecimento.

Analisando os diálogos de avaliação do mercado de trabalho para o enfermeiro na região, nota-se que as respostas dos egressos são semelhantes. Assim, pressupõe-se que, na região, a profissão enfrenta dificuldades de empregabilidade, devido ao fato de existirem poucas vagas nos setores de saúde. Além disso, a facilidade de acesso ao Ensino Superior na região, como destacado pelo egresso E1, fez crescer o número de profissionais e o mercado não acompanhou essa demanda.

Da mesma maneira, Roncon e Munhoz (2009, p. 696) avaliam que os empregos com vínculo salarial, horário rígido, isto é, os trabalhos comuns da profissão do enfermeiro, estão cada vez mais extintos:

Com tão poucas oportunidades, o emprego assalariado na área de saúde em curto espaço de tempo estará caminhando para a extinção no Brasil a exemplo de países da América do Norte e Europa. O novo milênio chegou e com ele a “Era do Conhecimento”, como muitos chamam, proporciona acesso a um número de informações muito maior do que podemos absorver, e, ao

mesmo tempo, nunca se teve tanta incerteza sobre o futuro profissional. O que fazer? Quais as alternativas? (RONCON *et al.* 2009, p. 696).

Nesse contexto, o autor avalia a necessidade de criar uma nova cultura para a empregabilidade desses profissionais:

Principalmente na área de saúde não estão faltando oportunidades. O que falta é uma melhor condução da carreira entendendo-a como um negócio e não como sacerdócio. Aos poucos a postura profissional do enfermeiro tem mudado, mas agora o mundo requer destes profissionais um grande salto. Urge a necessidade de se redesenhar a carreira, mudar de carreira, mudar de empresa ou até mesmo abrir um negócio próprio, tornando-se um empreendedor. Mesmo optando por continuar na folha de pagamento da empresa como assalariado, pode-se agir e pensar como um intraempreendedor (RONCON *et al.* 2009, p. 696).

Na entrevista, indaguei os entrevistados se foi difícil obter uma ocupação profissional no mercado de trabalho após concluir a graduação. Narraram que:

E1: Sim! muito difícil, conclui em 2015, logo distribuir currículos na minha cidade nas clínicas, hospital e na secretaria de saúde. A resposta que obtive e que não tinha vaga em aberto. A cada semestre enviava currículos, também para outras cidades da região. Até o momento não conseguir trabalhar através desses currículos, nem aprovação em concurso público.

E2: Já previa que seria difícil obter um emprego de início. Os cargos em hospitais e unidades públicas, são através de indicações política, eu sempre fui omissa para a política partidária, tentei através de currículo e demonstrando meu potencial. Cheguei a atuar na UBS da cidade de Canudos/BA. Através de um convite da secretaria de saúde, que conheceu meu currículo em um curso que ofertei de forma gratuita para os gestores em saúde. Contudo, foi um contrato de dois anos, logo fui exonerado devido a troca de gestão. Fiquei desempregado por dois anos.

E3: Sim! O contato com pessoas influentes vai determinar muito na sua carreira, mas, quando você é uma pessoa que vem do método ativo, tem uma mente aberta, tem que se jogar nesse mundão, tem que se jogar na sociedade, aí você consegue garantir um espaço.

Conforme a avaliação realizada pelo mercado de trabalho para o enfermeiro, é desafiador obter uma empregabilidade na área. Como agravante desse contexto, todos os três entrevistados constatam a ausência de vagas e a indicação política para os cargos em organizações públicas. Dentro desse panorama, porém, constata-se que essa carência de vagas no mercado fez com que as competências empreendedoras adquiridas ao longo da graduação, ao vivenciar aulas norteadas por metodologias ativas, foram fundamentais para que os egressos encontrassem uma alternativa de atuação na área:

E2 Quando decidir atuar como home care, de forma informal, de início obtive vários clientes, é uma área pouco explorada, principalmente em cuidados com feridas e cuidados com a saúde do idoso. Estudei valores e é principalmente saúde preventiva para idosos, terapias alternativas, cuidados paliativos. Foi nos cuidados paliativos para enfermos terminais, que percebi a importância do meu trabalho. É da vacância de profissionais nessa área. Apesar de ser doloroso, é o máximo que familiares podem fazer para os entes queridos, um profissional que cuide em sua casa, alivie dores, aplique e administre medicação, utilize aparelhos respiradores e outros para o alívio do sofrimento.

E3: As pessoas precisam ter esse start de empreender, é preciso empreender com capacitações, se tornar um profissional habilitado, fazer investimentos enquanto profissional, ser o melhor realmente e também investir financeiramente, tanto em cursos, abrir empresas de home care, de curativos, na área de estética que é crescente.

As experiências dos egressos revelam o quanto o mercado de trabalho na região é oportuno para o empreendedorismo, que conste uma alternativa promissora para a empregabilidade. Nessa vertente, reafirma-se, mais uma vez, a importância do empreendedorismo na profissão e, do mesmo modo, o valor do ensino para o empreendedorismo.

O historiador Harari (2018), na obra “21 lições para o século 21”, ressalta a preocupação com o fim dos empregos, atribuindo substituição de atividades humanas à tecnologia e, principalmente, à inteligência artificial:

Para compreender a natureza desse desafio tecnológico, talvez seja melhor começar com o mercado de trabalho. Desde 2015 tenho viajado pelo mundo e conversado com funcionários de governos, empresários, ativistas sociais e estudantes sobre os impasses da humanidade. Quando ficam impacientes ou entediados com essa conversa de inteligência artificial, algoritmos de Big Data ou bioengenharia, basta eu mencionar uma palavra mágica para atrair novamente sua atenção: empregos. A revolução tecnológica pode em breve excluir bilhões de humanos do mercado de trabalho e criar uma nova e enorme classe sem utilidade, levando a convulsões sociais e políticas com as quais nenhuma ideologia existente está preparada para lidar. Essa conversa sobre tecnologia e ideologia pode soar muito abstrata e remota, mas a perspectiva real de desemprego em massa – ou pessoal – não deixa ninguém indiferente (HARARI, 2018, p. 27).

E, dentro dessa esfera de conhecimentos, o autor supracitado também indica o empreendedorismo e a educação como um fenômeno para a solução da escassez de empregos:

Retardar o ritmo das mudanças pode nos dar tempo para a criação de novos empregos capazes de substituir a maior parte das perdas. Porém, como já observado, o empreendedorismo econômico terá de ser acompanhado por uma revolução na educação e na psicologia. Pressupondo que os novos

empregos não serão apenas sinecuras públicas, provavelmente exigirão altos níveis de especialização, e, à medida que a IA continua a se aperfeiçoar, os empregados humanos terão de adquirir constantemente novas habilidades e mudar de profissão. Governos terão de intervir, tanto no subsídio a um setor de educação vitalício quanto na garantia de uma rede de proteção para os inevitáveis períodos de transição (HARARI, 2018, p. 37).

As experiências dos egressos também ratificam que o empreendedorismo é uma maneira de vencer o desafio do desemprego. Para Harari (2018), os empregos e, principalmente, a funcionalidade das profissões estão diminuindo, a tecnologia facilita a vida do homem, e também a aniquila com sua funcionalidade. Portanto, é preciso entender as lacunas do mercado de trabalho e, a partir daí, resignificar os padrões e ser criativo. Para tudo isso acontecer de forma habitual, é necessária uma formação que estimule o empreendedorismo.

Tomado desse ângulo, o egresso E3 também observou o empreendedorismo como a possibilidade de obter empregabilidade na área de formação. Contudo, antes de mais nada, viu a necessidade de aprofundar estudos nessa área, realizando cursos de especialização, como ressalta na fala:

E3: As primeiras coisas que fiz foi me capacitar, procurar cursos de aperfeiçoamento, como a MBA que trouxe uma nova visão sobre o home car, sobre as empresas, sobre a autonomia, em realizar captações com profissionais, diante de vivências.

Dando continuidade ao trabalho, questionei os egressos se, na graduação em Enfermagem, foi adquirido algum conhecimento, habilidade e competência que motivou a empreender.

E1: Sem minha experiência acadêmica, jamais teria tido a ousadia de empreender. Durante as aulas, trocas de experiências, vivências do estágio, palestras assistidas. A ideia do meu negócio foi possível graças uma palestra que assistir em 2013, uma enfermeira empreendedora falava da importância dos negócios em saúde, ela era uma enfermeira que prestara consultoria a clínicas, hospitais, maternidade e realizava a gestão das equipes.

E2: Sim! Lembro-me de um estudo de caso, que refletia sobre ética e saúde, adentrava no perfil do enfermeiro home care e também no projeto integrador, o enfermeiro de UBS atuava com visitas domiciliares na comunidade que o projeto foi executado. Além das discussões dos professores que apresentava as diferentes formas de atuação do enfermeiro.

No tocante ao questionamento, o egresso E3 relatou que sua empresa foi criada durante a graduação, período em que viveu intensamente o ensino com

metodologias ativas. Nesse momento, percebeu que os estudantes tinham dificuldades em encontrar cursos para carga horária complementar da graduação. Desse modo, começou a organizar excursões para participar dos eventos acadêmicos e científicos por todo o Brasil. Quando concluiu a sua graduação, passou a ofertar cursos de extensão para esse público.

Fica evidente, portanto, que os discursos revelam a consciência de um ensino voltado para o empreendedorismo. Nas falas dos egressos E1 e E2, identificam-se potencialidades e passagens desse ensino em promoção à autonomia da profissão do enfermeiro. O empreendedorismo surgiu na vida deles motivado pela falta de alternativa, fato que os classifica como empreendedores por necessidade. Já no caso do egresso E3, o despertar para o empreendedorismo aconteceu de forma direta, ou seja, empreendedorismo por oportunidade.

E1: Atuava em uma área totalmente distinta da Enfermagem, mas, sentia a necessidade de ser enfermeira, colocar meus conhecimentos em prática, dar continuidade aos meus estudos, foi quando estudei o mercado de trabalho.

E2: O principal motivo foi a falta de ocupação profissional, estava desempregado, e não queria atuar em outra área e nem ter que ir morar em outra cidade, a exemplo de São Paulo, para tentar emprego. Tenho dois irmãos que foram morar em São Paulo para trabalhar, estavam desempregados por anos aqui no interior. Não queria deixar minha avó sozinha. Foi quando comecei a fazer atendimentos à domicílio, famílias tradicionais da cidade, que tinham idosos acamados, passaram a me procurar para aplicar injeções, auferir pressão e principalmente cuidados com feridas.

Importa salientar, ainda, que os desafios na empregabilidade de egressos e o desemprego devem-se, segundo Martens e Freitas (2006), a uma revolução nas relações de trabalho:

O mercado de trabalho está passando por uma verdadeira revolução com novos padrões de relações de trabalho, onde o emprego formal está desaparecendo e surge a necessidade de se encontrar outras alternativas de colocação profissional. Da mesma forma que a tecnologia tem revolucionado os hábitos de milhões de pessoas, a nova relação entre empresas e funcionários, a forma dos profissionais enxergarem suas carreiras e a mudança na gestão de recursos humanos têm contribuído para formar um cenário empregatício muito diferente de algumas décadas atrás. Com base nesta realidade, emerge o tema empreendedorismo, que já existe de longa data, porém tem sido mais difundido nos últimos no meio empresarial e, especialmente, no meio acadêmico, começando a nortear a forma de agir de algumas instituições de Ensino Superior (IES) que tradicionalmente se preocupavam em preparar profissionais para este mercado de trabalho. O mais novo desafio dessas instituições passa a ser o de inserir o ensino do empreendedorismo como parte de todos os cursos superiores oferecidos, independente da área de conhecimento, focando o desenvolvimento da

capacidade empreendedora dos estudantes, como ferramentas de suporte ao desenvolvimento de novas e inovadoras atividades, buscando assim a geração de novas fontes de emprego e renda e o consequente desenvolvimento local e regional (MARTENS; FREITAS, 2006, p. 1).

Do mesmo modo, Frazini (2006) aborda a importância da cultura empreendedora no desenvolvimento do cenário econômico e, principalmente, uma alternativa para a crise do desemprego. Assim, o autor elenca a importância do estudo do empreendedorismo, seja como disciplina ou ensino através de uma pedagogia empreendedora, estimulando a prática e a criatividade de negócios:

Vive-se no início da era do fim dos empregos e a alternativa que melhor se apresenta para a solução deste impasse é o estímulo ao espírito empreendedor das futuras gerações, não sendo esta uma atribuição exclusiva das escolas de administração ou das instituições de Ensino Superior. Trata-se de uma postura que deve ser tomada desde a infância, no âmbito familiar, e desde o ensino fundamental, no âmbito social (FRAZINI, 2006, p. 01).

Sob essa mesma ótica, o ensino do empreendedorismo e as metodologias ativas são discutidos por Stockmanns (2014) que, em defesa ao pensamento de Paulo Freire, desaprova o ensino bancário e valoriza instrumentos de ensino que estimulem a criatividade, num processo educacional que obedeça a fatores emocionais, sociais, cognitivos e de desenvolvimento. De acordo com o autor,

Para fazer um contraponto na teoria de Dolabela (2003) trago o educador Paulo Freire com sua obra "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários e prática educativa" (1991). Ele já propunha um papel fundamental da escola, especialmente no papel do professor, trazendo uma proposta educativo-progressiva em favor da autonomia dos educandos (STOKMANNNS, 2014, p. 28).

Conforme já referido, os preceitos da educação problematizadora de Freire (2011) estimulam o enfrentamento dos desafios do trabalho e emprego. Outro ponto que favorece esse enfrentamento são as concepções de educação empreendedora, conforme Dolabela (2003), cujos métodos da mesma forma estimulem a criatividade consciente para a empregabilidade. Os dados coletados nas entrevistas com os egressos projetam que a formação através das metodologias ativas foi um facilitador para o empreendedorismo na profissão. Favorecem também para a satisfação da escolha da profissão, como ressaltou o egresso E1:

E1 Hoje reconheço que tenho uma história de sucesso (...) na Faculdade aprendi além dos conhecimentos específicos, aprendi a conquistar meu espaço. Nas metodologias ativas aprendi a ser comunicativa, ser criativa, resolver situações-problemas, a compreender as diferentes faces dos problemas e a ser multidisciplinar.

O reconhecimento do ensino das metodologias na ação empreendedora também é abordado pelo o egresso E2 que abordou: *Hoje sei que essa metodologia me preparou para o mercado de trabalho*. Do mesmo modo, E3 referiu:

E3: Defendo com unhas e dentes a metodologia ativa, muitos alunos quando estão começando, não entendem a importância das metodologias ativas, principalmente quando se está inserido dentro da realidade, está atuando no dia-a-dia, é quando você vai perceber essa visão tão ampla, de realmente entender um problema como um todo, não ficar tão focado em algo biológico, muitas vezes o problema, não é apenas biológico, você precisa estudar todas as dimensões de forma relacionada, dentro de um contexto, traz uma nova visão. Para o mercado do trabalho, consegui ampliar essa visão em relação aos problemas que estão enfrentando no dia-a-dia.

Igualmente, Stockmanns (2014) avalia que o ensino orientado para o empreendedorismo é capaz de formar sujeitos que sobrevivem a situações desafiadoras, como crises econômicas e sociais. Os três egressos empreendedores entrevistados são coesos com a ideia levantada pelo autor, ao avaliaram o método relevante tanto para enfrentar situações desafiadoras, entre as quais refere empregabilidade, como para a aprendizagem dos conteúdos específicos da formação em Enfermagem. Esses elementos contribuem para o desenvolvimento pessoal, profissional e local. Nessa linha, destacou o egresso E1:

E1: A AGES me trouxe um despertar para a vida. Sou outra pessoa, depois que cursei minha graduação nessa Instituição. Não foi fácil, vencer o cansaço das viagens, a falta de recursos, a preocupação em ser liberada toda sexta-feira do meu antigo emprego no comércio local. Mas, valeu a pena cada esforço. Apesar de não ser concursada, como era meu maior sonho ao concluir minha graduação.

Do mesmo modo, Carvalho *et al.* (2016, p. 10) reflete que o empreendedorismo deve ser provocado durante a formação do enfermeiro, com o propósito de desenvolver e transformar o mercado de trabalho, propiciando negócios oportunos.

Importa salientar que ser empreendedor não é apenas criar um negócio, mas conseguir atingir ganhos com essa ação, como lucratividade, expansão, entre outros. Assim, questionei sobre o tempo de atuação dos empreendimentos, seus resultados em paralelo com o piso salarial do enfermeiro. Os egressos avaliaram:

E1: Faz dois anos que atuo como home care (...) Já avalie sim com o piso da minha profissão, estou satisfeita, minha receita atingi o piso salarial, dar até para tirar mais, basta se empenhar com divulgação.

E2: sou um enfermeiro home care há cinco anos (...) No início não, estava pagando os investimentos realizados, mas, hoje consigo captar o dobro do piso salarial, só temo a instabilidade, mas a média é essa.

E3: Desde a Faculdade em 2015 (...) Ganho mais que no hospital que trabalhava 20 horas.

Conforme os diálogos, os resultados financeiros são equiparados e até superiores ao piso salarial e também às experiências profissionais anteriores. Assim, constata-se que os egressos estão satisfeitos com a atividade empreendedora. No mais, o Sebrae (2005) alerta que a sobrevivência dos empreendimentos de carreira no Brasil é efetivada quando atinge cinco anos de atuação com estabilidade ou crescimento financeiro. A mesma publicação do Sebrae (2005) alerta sobre a necessidade da formalidade dos negócios e, principalmente, do plano de negócios. Dos três egressos, o egresso E2 é autônomo informal. Já o egresso E1, que opera em uma empresa prestadora de serviços de consultoria em saúde, e E3, que atua no ramo de cursos voltados para a área da saúde, atuam com registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

Referindo-se ao plano de negócios e ao planejamento de estratégias para o empreendimento, somente o egresso E1 destacou que realizou plano de negócios, com apoio de acadêmicos de Administração, e que, anualmente, organiza metas e resultados financeiros em um planejamento a longo prazo. Já no processo de ampliação do negócio, o egresso E3 buscou apoio com um contador para lhe orientar: *Como era o mundo dos negócios, os trâmites legais e burocracias. Obtive acesso às informações com esse profissional, que era um contador.*

No tocante ao perfil empreendedor de estudantes e profissionais de Enfermagem, Roncon e Munhoz (2009) ressaltam que, para o sucesso do empreendedorismo, é preciso planejamento, plano de negócios, definir metas, buscar informações, ter funções inovadoras. O autor também assevera que o empreendedor precisa:

Transformar sonhos em realidade; identificar com clareza desejos, habilidades, temperamentos e atividades; criar um produto; desenvolver um plano de negócios da própria carreira; fazer o que se gosta; investir no desenvolvimento contínuo; conciliar a vida profissional com a vida pessoal e

familiar; cuidar da saúde física, mental e emocional; seguir a intuição são passos para sobreviver no mundo moderno (RONCON *et al.* 2009, p. 696).

Desse modo, assim como atividades vinculadas a outros ramos de atuação, para os negócios de Enfermagem, é preciso planejamento, principalmente no momento de implantação. É nesse contexto que entra o plano de negócios. Conforme Dolabela (2006), o plano de negócios é um estudo que reúne metodologias que organizam e sistematizam os investimentos, realizam projeções financeiras dos lucros, além de avaliar a viabilidade.

No mais, examinei quais os motivos que conduziram os egressos estudados ao empreendedorismo em Enfermagem, indagando-os acerca dos motivos que os levaram a empreender:

E1: Para não ficar parado, sem exercer minha profissão!

E2: Foi por vários fatores, inicialmente as pessoas da minha cidade, sempre me pediam para administrar medicamentos, fazia isso sem cobrar, para ajudar e também exercer o que aprendi na Faculdade. Depois fui chamado para fazer curativos, eles me pagavam. Estava desempregado, comecei a me dedicar a essas atividades. Aí, hoje trabalho como autônomo.

E3: Já atuava de forma informal, em outro segmento, que era de viagens a eventos de Enfermagem, agora atuo juntamente com minha esposa que também é enfermeira, também professora e egressa da Ages, juntamente com ela tivemos a ideia de empreender, visto a necessidade de capacitar pessoas, de levar conhecimento adiante. Foi quando formalizamos a empresa, detalhamos como público alvo: estudantes de cursos técnicos de Enfermagem, profissionais de Enfermagem já atuantes. Muitos profissionais de saúde, técnicos, auxiliares, agentes da área de saúde eles buscam essas capacitações na sua área.

Nesse contexto, Copelli *et al.* (2010) destacam que o sucesso da profissão está além de concursos públicos. Os perfis autônomos, os negócios estratégicos podem oferecer estabilidade e bons salários, garantindo a vitória profissional. Ainda, de acordo com os autores, empreender na carreira pode surgir pela ação oportuna, que requer autonomia e segurança na tomada de decisões. É uma postura que rompe com a cultura do tão sonhado emprego formal.

Do mesmo modo, Morais *et al.* (2013, p. 696) ressaltam que o empreendedorismo na Enfermagem surge pelos motivos: necessidade e oportunidade. Quando idealizado por oportunidade, visa alcançar uma satisfação profissional, e carece ser organizado, planejado e estruturado conforme estratégias de visão crítica. Nos casos de empreendedorismo por necessidade, requer cautela e

estudos para a sobrevivência e sucesso. Em ambos os casos, não é uma tarefa fácil, pois exige planejamento:

Tornar-se empreendedor, seja pela necessidade, pela ausência de boas alternativas ou pelo desejo inovador, é um trabalho árduo, onde mesmo com os possíveis riscos a satisfação se mostra presente. Porém, para se tornar um empreendedor bem sucedido é preciso se preparar administrativa e financeiramente, saber onde se deseja chegar, fazer as escolhas corretas e inovar sempre (MORAIS, 2013, p. 699).

De acordo com os motivos elencados pelos egressos E1 e E2, o empreendedorismo foi a forma encontrada para o exercício da profissão. Associado a isso está o fato de que o desemprego foi o fator determinante para essa ação. Do mesmo modo, o egresso E3 estava desempregado quando passou a se dedicar a sua empresa, no mais, quando acadêmico já tinha observado a existência de um mercado oportuno, pouco explorado pelos profissionais.

Copelli *et al.* (2010) versam que os empreendimentos em Enfermagem possuem um valor social, visto que há o cuidado à saúde e a transformação dos espaços que atuam. Nesse sentido, os egressos revelaram experiências de um empreendedorismo orientado para dimensões do desenvolvimento local, como ressaltou o egresso E1:

E1: A minha empresa é a Saúde Consultoria e Auditoria, tem como o propósito os serviços de gestão em saúde, facilitando a administração, planejamento, organização e avaliação dos mesmos. Tem como visão ampliar os serviços de saúde pela região, através das empresas parceiras, levar desenvolvimento com negócios de saúde pela região.

Ainda conforme Copelli *et al.* (2010, p. 01), o empreendedorismo em Enfermagem está relacionado a diversos fatores, como atitudes pessoais e aspectos profissionais. De acordo com os autores, ele também tem forte sinergia com o desenvolvimento social, visto que pode haver o resgate de pessoas que estejam em situação de risco social, melhorando a condição de vida dessas pessoas na sociedade. Assim, o empreendedorismo dentro da Enfermagem pode culminar em um empreendedorismo empresarial consciente.

Indaguei os egressos acerca do conceito que eles tinham sobre o empreendedorismo ou sobre ser empreendedor na área da Enfermagem. Diante desse questionamento, E1 ponderou que: “*capaz de reinventar negócios, aquele que cria novos negócios ou explora oportunidades*”. E3 mencionou: “*São pessoas*

inteligentes, consegue vencer desafios”. Já E3 relatou suas experiências profissionais com sua empresa, e afirma que “*ter atitude*”.

Nesse contexto, a literatura científica sobre empreendedorismo é vasta, entretanto, encontram-se poucas teorias que relacionam empreendedorismo e Enfermagem. Copelli *et al.* (2010, p.01) conceituam que:

O conceito de empreendedorismo na Enfermagem está relacionando a características pessoais e profissionais, como autonomia, independência, flexibilidade, inovação, pró-atividade, autoconfiança e responsabilidade. As tipologias encontradas foram: empreendedorismo social, empresarial e intraempreendedorismo. O empreendedorismo social é um mecanismo de mobilização e transformação social, empreendedorismo empresarial é aquele no qual enfermeiros são autônomos profissionalmente e o intraempreendedorismo relaciona-se a empreendedores empregados corporativos (COPELLI *et. al*, 2010, p. 01).

Já Roncon e Munhoz (2009, p. 696) enfatizam que: “Ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias próprias, características de personalidade e comportamento, o que nem sempre é fácil de encontrar”.

Aliado a esse comportamento/perfil/atitude, que alguns autores nomeiam de espírito (empreendedor), está o senso de oportunidade. Isso é, além do enfermeiro possuir uma postura diferenciada, é preciso identificar as oportunidades nos cenários de prática profissional para que o empreendedorismo seja revelado (COPELLI, 2010, p. 04).

Para endossar esses conceitos, as entrevistas constataram que os empreendimentos em Enfermagem buscam a autonomia para o exercício da profissão, sendo negócios criativos com a finalidade de promover o desenvolvimento local, conforme destacam as falas:

E1 É uma empresa da área de consultoria e auditoria em saúde pública e privada, sendo esse seu público alvo, contudo, a maioria dos parceiros são empresas privadas.

E2 A missão do meu trabalho é ir até o cliente, oferecendo cuidados para a sua saúde.

E3 Surgiu à ideia e percebi que realmente a região não tinha empresas que realizam esses eventos e capacitações, foi quando lancei a ideia e deu certo.

Portanto, os diálogos mostram que o empreendedorismo exercido pelos egressos é mais que uma necessidade de satisfação profissional. Compreende um compromisso com a sociedade, através da Enfermagem.

O empreendedorismo empresarial na Enfermagem baseia-se na necessidade de se ter responsabilidade, compromisso pessoal e profissional, boa autoestima, perseverança e determinação para alcançar o sucesso necessário para a empresa(31). Nesse sentido, o enfermeiro empreendedor deve possuir capacidade holística, ou seja, ter visão do todo, independentemente das condições sociais, políticas ou econômicas (COPELLI, 2010, p. 04).

Os dados coletados juntos aos egressos empreendedores constataam que há aproximações do ensino com a capacidade empreendedora. Da mesma forma, mostram que essa atividade surgiu como alternativa para o desemprego, reflexo da solução aos problemas.

No caso estudado, as experiências dos entrevistados evidenciam que o empreendedorismo foi uma resposta à escassez de empregos na região Semiárida do Nordeste. Assim, esses empreendedores representam *cases* de sucesso na profissão, com lucratividade e outros resultados que acarretam satisfação aos profissionais. A metodologia ativa usada no curso de Enfermagem da AGES, colaborou para formar sujeitos que apresentam soluções aos problemas, sejam nas situações científicas, nos assuntos e temas estudados, ou nos desafios pessoais.

Portanto, mediante as considerações elencadas nesse capítulo, que entrelaçou as reflexões da Coordenação de Enfermagem da UniAGES, a análise dos documentos institucionais, as experiências dos egressos empreendedores e os preceitos da literatura científica, destaco que as informações obtidas são, agora, conhecimentos relevantes para a comunidade acadêmica e a para toda a sociedade.

Assim, após apresentar as raízes teóricas e metodológicas deste trabalho, bem como os frutos que dele nasceram, passarei para a etapa da colheita. Imerso nesse pensamento, o próximo capítulo medita acerca das minhas próprias considerações sobre os objetivos e resultados alcançados com este estudo.

5 A COLHEITA

Parafrazeando Jorge Amado (1931): *“Eu acho que o escritor verdadeiro é aquele que escreve sobre o que ele viveu”*. Sob esse viés, trago aqui as minhas considerações sobre os achados na pesquisa. Esses elementos estão em sintonia com essa frase de Jorge Amado (1931), publicada no prefácio da sua primeira obra *“O país do carnaval”*, no qual o autor conta a história do povo baiano que, em meio à penúria da miséria, vive em constante alegria festiva.

Inicialmente, convém referir que essa pesquisa nasceu das minhas próprias relações com o tema, pelo fato de conhecer os problemas regionais, vivenciar os desafios locais, ser egresso e pertencer ao corpo docente da Faculdade AGES. Devido a isso, a pesquisa possibilitou uma introspecção na qual revisitei memórias e emoções. Mas o mais importante de tudo é que, por meio do caminho metodológico e da literatura científica adotados, as conclusões ficaram evidentes: metodologias ativas e empreendedorismo são assuntos próximos; empreendedorismo e empregabilidade são alternativas para o desemprego; Enfermagem e empreendedorismo são possíveis.

Pelo fato de viver esse contexto, conheço os desafios da educação na região, principalmente no tocante à cultura enraizada no método tradicional de ensino e à falta de emprego para o público egresso de nível superior. Apesar de isso estar evidente para mim, eram apenas alusões, visto que não havia estudos científicos que as concretizem. Assim, com o apoio da bibliografia desses temas, do estudo exploratório no universo da UniAGES e da amostra da população egressa do curso de Enfermagem, foi possível solidificar reflexões sobre os resultados do ensino com metodologias ativas e sua eficácia na empregabilidade, através do empreendedorismo neste estudo científico.

Desse modo, como premissa científica, o estudo objetivou investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e para a inserção do egresso do curso de Enfermagem UniAGES no mercado de trabalho. Para desvelar esse objetivo, buscou-se conhecer a percepção de três egressos empreendedores, a ótica da Coordenação do curso de Enfermagem e as diretrizes emanadas do Projeto Pedagógico Institucional (PPI).

Para alcançar esse objetivo central, o primeiro passo foi averiguar como acontece o ensino embasado no método ativo, no curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES. Por meio da entrevista com a Coordenação do curso de Enfermagem, foi explanado que o ensino norteado por metodologias ativas é aplicado desde 2008. Trata-se de um método institucionalizado, tendo como princípio básico formar profissionais com diferenciais competitivos para o mercado de trabalho.

Dessa feita, o método ativo é um dos diferenciais do ensino ofertado pela Instituição, sendo aplicado de forma estruturada. Isso significa que existem passos e instrumentos específicos de problematização, que culminam na aprendizagem. Conforme princípios filosóficos e metodológicos, aulas, estágios e outros espaços de aprendizagem promovem relações e, principalmente, despertam reflexões além dos conteúdos, provocando competências e habilidades impactantes nas relações profissionais.

Tanto o discurso da coordenação do curso quanto o dos egressos, revelaram relações com as experiências do método tradicional no início da trajetória escolar. Ademais, esses discursos ponderaram vivências positivas com o método ativo, o que reflete a satisfação com a aprendizagem. Com base nisso, reafirma-se o potencial das metodologias ativas no desenvolvimento pessoal e, principalmente, profissional.

Do mesmo modo, os referidos relatos dos egressos são condizentes com as diretrizes emanadas do Projeto Pedagógico Institucional. As dimensões filosóficas e metodológicas constantes no documento versam que o ensino na IES está orientado para uma aprendizagem significativa, em que o protagonismo do aluno deve ser instigado. Essa abordagem converge com corrente teórica de Paulo Freire e também com os princípios fundamentais para a educação da Unesco: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser.

Diante desse estudo, constatou-se que o ensino ofertado pela UniAGES possui uma coerência entre os relatos dos entrevistados e as diretrizes emanadas do PPI, o que se deve ao fato de o método ativo ser institucionalizado e organizado de forma

estrutural. Quando implantado, era um ensino voltado à Problematização Baseada em Aprendizagem (PBL). Em 2020, o Manual do Aluno nomeou a metodologia desenvolvida na Instituição como Método AGES, devido às características específicas dos instrumentos de ensino. Esse método abarca passos para a aprendizagem, correlacionados com aulas estruturadas, que atendem a momentos de estudos prévios, prática profissional e resolução de problemas.

Outra dimensão dos objetivos deste estudo foi conhecer adentro do ensino da UniAGES, quais as preocupações com a empregabilidade e o empreendedorismo. Por meio da entrevista com a Coordenação do curso de Enfermagem e das diretrizes do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do curso, ficou constatado que a instituição possui uma política de acompanhamento de egressos através de um setor de pesquisa, que aponta números de empregabilidade. Com esse programa, a instituição tem uma política de valorização aos concluintes, buscando entender a empregabilidade dos egressos. Outro projeto é o Anjo Investidor que fornece apoio financeiro em forma de crédito bancário a empreendimentos na profissão, lançado no ano de 2019.

Ademais, a preocupação com empregabilidade emanada do ensino com metodologias ativas, como destaca o PPI (2017). Essa abordagem de ensino contribui para a formação de um perfil egresso que seja “proativo, crítico, criativo, comprometido com o desenvolvimento da região”, o que convergem com princípios filosóficos da Unesco e com ideais de Paulo Freire, Edgar Morin e outras correntes. Assim, formar sujeitos empreendedores para o desenvolvimento pessoal, na profissão e também da região é um dos preceitos da UniAges.

O último objetivo específico, por sua vez, buscou a análise das percepções de três egressos, já empreendedores, sobre as aproximações entre o ensino de metodologias ativas no curso de Enfermagem e a inserção no mercado de trabalho. Os egressos atestaram, baseados nas experiências com o ensino ofertado pela UniAGES, que os princípios nas metodologias ativas foram determinantes para a empregabilidade, em meio às dificuldades encontradas na busca por uma colocação profissional na região.

Através de suas vivências com o método ativo, o perfil egresso UniAGES é dotado de competências e habilidades que reluzem elementos do empreendedorismo na profissão. Do mesmo modo, tal vivência projetou a empregabilidade na área. Com

isso, os entrevistados são exemplos de uma formação orientada por princípios que organizam o método para o estímulo a um perfil egresso empreendedor.

A pesquisa ainda reflete sobre as dificuldades do mercado de trabalho, situação que assola os setores da economia, especialmente nas cidades interioranas da região Semiárida do Nordeste da Bahia. É, portanto, uma preocupação dos estudantes, egressos e da comunidade acadêmica. Nessa perspectiva, os resultados mostram que o empreendedorismo é uma possível solução para o desemprego, inclusive para a profissão da Enfermagem, que é um ofício tradicionalmente organizado em empregos formais. Portanto, instigar o espírito empreendedor é uma ação plausível nesse contexto.

Em suma, as investigações mostram que o ensino ofertado no Centro Universitário AGES fomenta o empreendedorismo dos egressos. Isso não só se deve ao fato de o ensino ser ancorado pelo método ativo, como também se deve aos princípios filosóficos da instituição. Assim, sem pôr um fim nas reflexões, conclui-se que o ensino norteado por metodologias ativas acarreta em um perfil profissional empreendedor, capaz de vencer os desafios não só do desemprego como também os da seca.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, M. M. **Empreendedorismo**: Coleção Debates em Administração. São Paulo: Thompson, 2007.
- AMADO, J. **O País do Carnaval**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.
- AMADO, J. **Seara Vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- AMATUCCI, M. Método para a construção do perfil de Competências do egresso de curso de Administração. **Revista Administração e Diálogo**, v. 12, n. 1, 2009, p. 89-108. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/rad/article/download/2723/1775>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ANDRADE, S. R. de; COPELLIL, F. H. da S.; ERDMANN, A. L.; SANTOS, J. L. G. dos; LANZONIL, G. M. de M. Empreendedorismo na gestão universitária pública de Enfermagem: entraves e estratégias. **Rev Rene**, 2017.
- ARAÚJO, J. C. S. **Fundamentos da Metodologia de Ensino Ativa (1890 – 1931)**. 37ª Reunião Nacional da ANPED, 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4216.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- ASSARÉ, P. **Patativa Assaré**: uma voz do Nordeste. Introdução e seleção Sylvie Debs. São Paulo: Hedra, 2000.
- BACKES DS, O. MK; CA GOMES, P.; AL ERDMANN, B. Learning Incubator: an instrument to foster entrepreneurship in Nursing. **Rev Bras Enferm**, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680615i>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- BACKES, D. S.; GRANDO, M. K. G.; GRACIOLI, M. da S. A.; PEREIRA, A. D.; COLOMÉ, J. S.; GEHLEN, M.H. Vivência teórico-prática inovadora no ensino de Enfermagem. **Esc. Anna Nery**, v. 16, n. 3, Rio de Janeiro, 2012.
- BACKES, M.T.S. A visibilidade da profissão de enfermeiro: reconhecendo conquistas e lacunas. **Rev Bras Enferm**, v.62, n. 4, Brasília, jul/ago. 2009.

BAGGIO, A. F., BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, 2014.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Rev. Lisboa, 2009.

BERBEL, N.A.N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas. Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BOSZCZOWSKI, A. K.; TEIXEIRA, R. M. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. **Rev. Economia e Gestão**. Minas Gerais, v. 12, n. 29, maio/ago. 2012.

BULGACOV, Y.L. M.; CUNHA, S. K. da; CAMARGO, D. de C.; MEZA, M. L.; BULGACOV, S. **Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?** RAP: Rio de Janeiro, maio/jun. 2011.

CAGED. **Dados do SEI**. Disponível em:
http://www.sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/caged/rel_CAGED_jan13.pdf.
Acesso: 04 maio de 2019.

CARÁCIO, F. C, C. A experiência de uma instituição pública na formação do profissional de saúde para atuação em atenção primária. **Revista Ciênc. saúde coletiva [online]**. v.19, n.7, pp.2133-2142, 2013. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014197.08762013>. Acesso em: 14 mai. 2019.

CARREGOSA, A. S. **Entre padres e coronéis**. Editora: SERGIPE, 2019.

CARVALHO, D. P; VAGHETTI H. H; DIAS, J. S; ROCHA, L. P. Características empreendedoras de enfermeiras: um estudo no sul do Brasil. **Rev Baiana Enferm.** 2016. Disponível em:
<https://portalseer.ufba.br/index.php/Enfermagem/article/view/16803>. Acesso em: 24 jul. 2020.

CARRARO, T. E.; PRADO, M. L. do; SILVA, D. G. V. da S.; RADUNZ, V.; KEMPFER, S. S.; SEBOLD, L. F. Socialização como processo dinâmico de aprendizagem na Enfermagem. Uma proposta na metodologia ativa. **Invest. educ. enferm**, v.29, n. 2, Medellín July/Dec. 2011.

CHIAVENATO, I. **Gestão de Pessoas**. 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio**. 2.ed. Rev. e atualizada. - São Paulo: Saraiva, 2007.

CIDRAL, A.; KEMCZINSKI, A.; ABREU, A. **A abordagem por competências na definição do perfil do egresso de cursos de graduação**. COBENGE, 2001.

Disponível em:

<http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/18/trabalhos/APP042.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

COLOSSI, N. **Empreendedorismo contemporâneo**. Caçador-SC: Visão, 2014.

COPELLI, F. H. da S.; ERDMANN, A. L. E.; SANTOS, J. L. G. Empreendedorismo na Enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Rev Bras Enferm [Internet]**, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000700289&tlng=en. Acesso em: 24 jul. 2010.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985

DEMO, P. **Conhecer e aprender**: Sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEWEY; J. **A escola e a sociedade**: a criança e o currículo. Lisboa: Relógio d'Água; 2002.

DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado**: Sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

DIESEL, A.; BALDES, A. L.S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas/RS, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Editora de Cultura, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. São Paulo: Campus, 2001.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)**: prática e princípios. Tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

FACULDADE AGES. **Faculdade Age de Paripiranga BA** - excelente desempenho ENADE. <https://www.youtube.com/watch?v=bM-Xdj9sIDk>. Acesso em: 06 jul. 2020.

FACULDADE AGES. **Jornal comunicação.**

<https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wpcontent/uploads/2018/12/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Edi%C3%A7%C3%A3o-26.pdf>; Acesso em: 04 maio 2020.

FACULDADE AGES. **Projeto Pedagógico Institucional 2015.** Disponível em:

<https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wp-content/uploads/2015/10/PPI.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019

FACULDADE AGES. **CPA - Comissão Própria de Avaliação - Programa de acompanhamento ao perfil do egresso.** Disponível em:

<https://www.faculdadeages.com.br/uniages/programa-de-acompanhamento-do-egresso/>. Acesso em: 20 maio 2020.

FINI, M. I. **Inovações no Ensino Superior metodologias inovadoras de aprendizagem e suas relações com o mundo do trabalho: desafios para a transformação de uma cultura.** Administração: Ensino e Pesquisa RAEP, 2018.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRAZINI, D. Q.; SELA, V. M.; SELA, F. E. R. Ensino do empreendedorismo na educação básica: estudo da metodologia “Pedagogia empreendedora” de Fernando Dolabela. In: PREVIDELLI, J. J.; SELA, V. M. (Orgs.). **Empreendedorismo e educação empreendedora.** Maringá: Unicorpore, 2006.

GADOTTI, M. Por que continuar lendo Pedagogia do Oprimido? In: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 1-5. Disponível em:

http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/2901/FPF_PTPF_24. Acesso em 04 de maio de 2019.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** São Paulo: Perspec. [online], v. 14, n.2, p.03-11, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. Acesso em: 23 maio 2019.

GADOTTI, M. **Trabalho e educação numa perspectiva emancipatória.** II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica. Florianópolis, 28 de maio a 01 de junho de 2012.

GEMIGNANI, E. Y. M. Y. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. **Revista Fronteira das Educação [online]**, Recife, v. 1, n. 2, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, W. **Fenomenologia e pesquisa em psicologia.** Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 1998.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ILIAS, M. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2010.

JARDEL, A. J. R.; OLIVEIRA, A. A. F. de; FIGUEIREDO, C. A. D. de M.; RESENDE, É. A. B.; FELIX, N. M. R. **Unis na escola**: uma proposta inovadora para um professor reflexivo e empreendedor. Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, v. 5, n. 5, 2017.

JOHAN, D. A.; MINELLO, KRUGER, C.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre a produção científica recente. **Rev. Navus**: Florianópolis, set./dez. 2018.

JORNAL CIFORM. **Faculdade Ages é destaque na avaliação do MEC**. Disponível em: <https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wp-content/uploads/2015/03/uniages19.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

JORNAL COMUNICAÇÃO. **Centro Universitário AGES é o 7º melhor do Brasil, segundo MEC**. Disponível em: <https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wp-content/uploads/2018/12/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Edi%C3%A7%C3%A3o-26.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANA, B. M. H. **Intraempreendedorismo**: uma análise das percepções do gestor sobre o perfil de seus funcionários. Dissertação de mestrado, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, publicado em 2016.

LEITE, V.F. **Crescente demanda pela educação empreendedora com métodos apropriados e o caso UNIFEI**. XIII ENANGRAD, realizado no Rio de Janeiro/RJ, de 22 a 24 de agosto de 2002. Disponível em: http://www.angrad.com/XIII_enangrad_anais.html. Acesso em: 10 abr. 2019.

LEVINE, D. M. **Estatística**: teoria e aplicações. 5. ed. Rio de Janeiro: TLC, 2008.

LIMA, J.G. **Lembranças do meu tempo de escola**: História e memória de vida educacional de graduandos em cursos de licenciatura através de memorial. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014. Disponível: http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397001287_ARQUIVO_O_LembrancasdoMeuTempodeEscola_HistoriaeMemoriadeVidaEducacionaldeGraduandoemCursosdeLicenciaturaAtravesdeMemorial.pdf. Acesso em: 23 jun. de 2020.

MARIN, M.J.S. **Pós-graduação multiprofissional em saúde**: resultados de experiências utilizando metodologias ativas. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.33, p.331-44, abr./jun. 2010.

MARCUZZO, M. M. V.; GUBIANI, J. S.; LOPES, L. F. D. **A satisfação dos alunos de educação à distância em uma Instituição de Ensino Superior**. Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

MARTENS, C. D. P; FREITAS, H. **A Influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes de Curso Superior**: uma Avaliação a partir da Percepção dos Alunos. Anais Gramado/RS, ANPAD, 2006.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria Geral da Administração**: Da revolução Urbana à Revolução Digital. São Paulo: Atlas, 2002.

MEC. **Censo da educação superior idealizado pelo MEC/INEP/ Diretoria de estatísticas educacionais em 2009**. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/objetivos-e-diretrizes.html>. Acesso em: 06 de julho de 2020.

MEC. **Índice Geral de Cursos (IGC)**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indice-geral-de-cursos-igc->. Acesso em: 06 de julho de 2020.

MEIRA MDD, K. P. Educação em Enfermagem: avaliação da formação por egressos, empregadores e docentes. **Rev Bras Enferm [Internet]**. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690102i>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

MELO, A. DE; WOLF, L. A pedagogia vai ao porão: notas críticas sobre as assim chamadas “pedagogia empresarial” e “pedagogia empreendedora”. **Revista HISTEDBR On-Line**, 2014.

MESQUITA, S. K. C.; MENESES, R. M. V.; RAMOS, D. K. R. **Metodologias ativas de ensino/aprendizagem**: dificuldades de docentes de um curso de Enfermagem. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p. 473-486, maio/ago. 2016.

MICHELAN, L. S.; HARGER, C. A.; EHRHARDT, G.; MORÉ, R. P. O. Gestão de egressos em Instituições de Ensino Superior: possibilidades e potencialidades. **Anais do IX Colóquio Internacional sobre gestão universitária na América Latina**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/36720/Gest%C3%A3o%20de%20egressos%20em%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20superior%20Possibilidades%20e%20pontencialidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 jul. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466, 12 de Dezembro de 2012**. TCLE. Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 14 abr. 2019.

- MITRE; S. M.; SIQUEIRA, B. R.; MENDONÇA, GIRARDI, J. M.; PINTO, N. M. de M. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2008.
- MORAIS, J. A. de; HADDAH, M. do C. L.; ROSSANEIS, M. A.; SILVA, L. G. de C. Práticas de Enfermagem empreendedoras e autônomas. **Cogitare Enferm.** 2013.
- MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. PROEX/UEPG, 2015.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. DF: UNESCO, 2000.
- MOTA, A.; WERNER, da R. C. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018.
- MUNIZ, R. M.; VASCONCELOS, G. M. R.; BRANDÃO, E. A. **Empreendedorismo e racionalidade**. Pretexto: Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 47-66, jul. /set 2011.
- NATSUME, A. J. **Empreendedorismo: Oportunidade ou necessidade?** Universidade Estadual de Campinas Instituto de Economia CE. Instituto de Economia da Unicamp – Universidade Estadual e Campinas, publicada em 2004.
- PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. Metodologias ativas de ensino aprendizagem. **Sanare: Sobral**, v.15, n.02, p.145-153, Jun./Dez. – 2016.
- PANDOLFI, M. DE A.; LOPES, R. E. A educação voltada para o empreendedorismo: um levantamento do debate acadêmico. **Revista HISTEDBR On-Line**, 2013.
- PRESSE, Paulo. **Análise setorial da Educação Superior Privada - 2017**. 10. ed. Paraná: Hoper Educação, 2017. Disponível em: http://sys.hoper.com.br/webinar/WEBINAR_Lancamento_AS_BR_2017.pdf . Acesso em: 06 de julho de 2020.
- QUARESMA, V.B.; JUREMA, S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n, 1, jan./jul. 2005.
- RIBEIRO, A.T. V.B.; KRAKAUER, P. V. de C. Empreendedorismo por estilo de vida: estudo exploratório sobre fatores motivacionais, características e gestão. **Revista de Gestão e Secretariado - GeSec**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 112-131, jan./abr. 2016.
- RONCON, P. F; MUNHOZ, S. Estudantes de Enfermagem têm perfil empreendedor? **Rev. bras. enferm.** [Internet], 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/07.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- RUPPENTHAL; J. E.; CIMADON, J. E. O processo empreendedor em empresas criadas por necessidade. **Gest. Prod.** v. 19, n. 1, p. 137-149, 2012.

SANNA, M. C.; BEN, A. de C. A. Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Enferm.** v.68, n.1, jan./fev. 2015.

SANTOS, A. M. dos; ACOSTA, A.de C.; BORGHETTI, L. B.; BALBINOTI, S. G. Empreendedorismo: inovação, criatividade e liderança. **Visão**, v. 5, n. 1, p. 56-68, jan./jun. 2016.

SANTOS, S. A. dos.; BOAS, E. P. V. Empreendedorismo corporativo: estudo de casos múltiplos sobre as práticas promotoras em empresas atuantes no Brasil. **Rev. Adm.**, São Paulo, v.49, n.2, p.399-414, abr./maio/jun. 2014.

SOUZA, A. L. de A.; VILAÇA, A. L. A.; TEXEIRA, H. J. B. **Os benefícios da metodologia ativa de aprendizagem na educação** In: Metodologias ativas: métodos e práticas para o século XXI. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.

SEBRAE. **Sobrevivência e mortalidade das empresas paulistas de 1 a 5 anos.** Marco Aurélio Bedê, (coordenador). São Paulo: SEBRAE, 2005. Vários colaboradores. Bibliografia.

SEI. **Texto para discussão [recurso eletrônico]**. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Salvador: SEI, 2017.

SILVA, E. M.V. da; OLIVEIRA, R. S. de. Aprender a empreender: o estímulo ao aprendizado do empreendedorismo nos bancos escolares e acadêmicos como fator de desenvolvimento e fortalecimento econômico e social de um país. **Prâxis - Revista do ICHLA**, 2009.

SILVA, D. B. da; HENZ, F.; MARTINS, S. N. Pedagogia empreendedora na universidade: diversas percepções. **Revista Signos**, Lajeado/RS, v. 38, n. 2, p. 40-55, 2017.

SOBRINHO, R. S. Empreendedorismo na Enfermagem mineira. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, 2013.

SOUZA, E. C. L., SOUZA, C. C. L., ASSIS, S. A. G.; ZERBINI, T. Métodos e técnicas de ensino e recursos didáticos para o ensino do empreendedorismo em IES brasileiras. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Curitiba, PR, Brasil, 2004.

STOCKMANN, J. I. **Pedagogia Empreendedora**. Paraná: Unicentro, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/840/1/Pedagogia-empreendedora.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2020.

TEIXEIRA, D.M.; SANTOS, J.M.; FORTES, G.P. Por uma sala de aula mais interessante! Se não for isso o que será? A educação empreendedora abrindo portas para o futuro da educação e da economia. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 3, n. especial, p. 139-163, dez. 2018.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Tradução de João Távora. 26ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIAGES. **Conheça a Metodologia Ativa da Faculdade AGES**. Disponível em: <https://www.faculdadeages.com.br/uniages/conheca-a-metodologia-ativa-da-faculdade-ages/>. Acesso em: 14 jul 2020.

UNIAGES. **ReAGES apresenta o PEAGES à comunidade acadêmica**. Disponível em: <https://www.faculdadeages.com.br/uniages/portfolio/reages-apresenta-o-peages-a-comunidade-academica/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

UNIAGES. **Mérito UniAGES aos acadêmicos e egressos empreendedores**. Publicado em 20/04/2018. Disponível em: <http://faculdadeages.com.br/uniages/portfolio/merito-uniages-aos-academicos-e-egressos-empreendedores/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

UNIAGES. **Manual do aluno**. Disponível em> <https://www.faculdadeages.com.br/uniages/manual-do-aluno/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

UNIAGES. **Projeto Pedagógico Institucional 2017**. Documento de arquivo interno. Paripiranga/BA.

UNIAGES. **Nossa missão**. Disponível em: <https://ages.edu.br/a-ages/>. Acesso em: 10 jun.2020.

VALE, G.M. V.; CORRÊA, V. S.; REIS, R. F. dos. **Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade Versus Oportunidade?** RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, art. 4, p. 311-327, Maio/Jun. 2014.

VÉRAS, G. C.; DE SOUZA, M.; TEOTÔNIO, L.; FÉLIX, T.; PEREIRA, A. S.; SOARES, F. W.; DA SILVA, M. S. Círculos de cultura e qualificação profissional para agentes comunitários de saúde da unidade básica de saúde são José/PAPS – relato de experiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 6, n. 1, p. 53-58, 6 out. 2015.

WERTHEIN, J. **Educação, trabalho e desemprego: novos tempos, novas perspectivas**. Brasília: Unesco, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA SECA: UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO DESENVOLVIDO NA UNIAGES, promovido por Mirelton Souza Santos, discente do Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silvana Neumann Martins.

O objetivo central do estudo é: Investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES no mercado de trabalho.

Com a sua participação, objetivamos conhecer, sob a ótica do Coordenador do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES, quais as preocupações com a empregabilidade e o empreendedorismo emanados do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) do curso, assim como as ações e vivências aplicadas em sala de aula.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, é muito importante para a execução dessa pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Ademais, qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

De tal modo, a qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador do projeto. Devido à pandemia de Covid-19, seguindo as orientações de isolamento social preconizadas pela Organização Mundial de Saúde, a entrevista será realizada de forma virtual e online pela plataforma de

videoconferência Zoom, será gravada com prévia autorização do entrevistado, com tempo e duração total da mesma.

Ademais, as entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 05 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ao participar desta pesquisa o Sr. (Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo provoque reflexões importantes sobre a prática empreendedora e o método de ensino da sua formação, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ponderar outros conhecimentos que o auxiliem na sua caminhada profissional, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida. Alguns dos riscos desse estudo consistem na invasão de privacidade e de constrangimento durante a entrevista. Portanto, elaboramos o roteiro de entrevista com cuidado, e evitamos questionamentos constrangedores, ademais, estamos atentos aos sinais verbais e não verbais de desconforto. No mais, outra maneira é a garantia de liberdade para não responder questões constrangedoras.

Por fim, os resultados serão divulgados na dissertação escrita. Será muito gratificante contar com sua participação nesse estudo.

Este termo é assinado em duas vias, sendo uma delas retida pelo sujeito da pesquisa e a outra será arquivado em local seguro pelo pesquisador.

Mirelton Souza Santos
Telefone: (75) 991796104
e-mail: mirelton@hotmail.com

(LOCAL E DATA)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Assinatura do participante da pesquisa)

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA SECA: UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO DESENVOLVIDO NA UNIAGES, promovido por Mirelton Souza Santos, discente do Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silvana Neumann Martins.

O objetivo central do estudo é: Investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES no mercado de trabalho.

O convite da sua participação se deve a um estudo de casos de enfermeiros empreendedores egressos da UniAGES diplomados entre os anos de 2012 à 2015 que desenvolve suas ações na região do semiárido baiano, desse modo, esses são os critérios que movem a sua participação nessa pesquisa.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, é muito importante para a execução dessa pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Ademais, qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

De tal modo, a qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador do projeto. Devido à pandemia de Covid-19, seguindo as orientações de isolamento social preconizadas pela Organização Mundial de Saúde, a entrevista será realizada de forma virtual e online pela plataforma de

videoconferência Zoom, será gravada com prévia autorização do entrevistado, com tempo e duração total da mesma.

Ademais, as entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 05 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ao participar desta pesquisa o Sr. (Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo provoque reflexões importantes sobre a sua prática empreendedora e o método de ensino da sua formação, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ponderar outros conhecimentos que o auxiliem na sua caminhada profissional, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida. Alguns dos riscos desse estudo consistem na invasão de privacidade e de constrangimento durante a entrevista. Portanto, elaboramos o roteiro de entrevista com cuidado, e evitamos questionamentos constrangedores, ademais, estamos atentos aos sinais verbais e não verbais de desconforto. No mais, outra maneira é a garantia de liberdade para não responder questões constrangedoras.

Por fim, os resultados serão divulgados na dissertação escrita. Será muito gratificante contar com sua participação nesse estudo.

Este termo é assinado em duas vias, sendo uma delas retida pelo sujeito da pesquisa e a outra será arquivado em local seguro pelo pesquisador.

Mirelton Souza Santos
Telefone: (75) 991796104
e-mail: mirelton@hotmail.com

_____, ____/____/____ (LOCAL E DATA)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Assinatura do participante da pesquisa)

APÊNDICE C- Entrevista semiestruturada destinada ao coordenador do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniAGES

Objetivo dessa pesquisa é investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem UniAGES no mercado de trabalho.

Sujeito da pesquisa: _____

DADOS/INFORMAÇÕES DA INSTITUIÇÃO

Quando foi institucionalizado o ensino com metodologias ativas?

Número de egressos concluintes do curso de Enfermagem até o presente momento?

Número de acadêmicos do curso de Enfermagem com matrícula ativa na instituição?

INFORMAÇÕES DO COORDENADOR

Há quanto tempo você trabalha na UniAGES? Comente sua experiência com o ensino do método desenvolvido na IES.

Antes de trabalhar na IES UniAGES, já conhecia/possuía experiências ou até mesmo formação com a metodologia ativa? Se sim, comente suas experiências com o método!

Acerca da função de professor, quanto tempo desempenha ou desempenhou essa função na IES UniAGES?

Qual o tempo de atuação na instituição como coordenador do curso de Enfermagem?

INFORMAÇÕES DA METODOLOGIA, CURRÍCULO E PROJETO PEDAGÓGICO.

Em ênfase ao ensino da UniAGES, há quanto tempo as metodologias ativas embasam as práticas pedagógicas dos professores no curso de Enfermagem?

Quando a IES UniAGES admite (contrata) professores, oferta treinamentos/formações específicas para o ensino orientado por metodologias ativas? Se sim, comente como é realizado.

Como funciona o apoio pedagógico aos professores do curso de Enfermagem em desempenho da metodologia ativa? É oferecido pela coordenação de Enfermagem? Se sim, comente como é realizado.

Como é realizado o ensino de metodologias ativas no curso de Enfermagem?

A matriz curricular do curso de Enfermagem contempla disciplina(s) direcionada(s) para o ensino do empreendedorismo? Se sim, comente.

Diante de suas experiências com educação, ensino, metodologias e disciplinas, conhece o termo educação empreendedora? Comente.

No projeto político pedagógico são definidos objetivos, ações e políticas de educação empreendedora para o curso? Se sim, comente.

No projeto político pedagógico do curso são elencadas preocupações com a empregabilidade dos egressos? Se sim, comente.

A IES acompanha a situação de empregabilidade dos egressos? Se sim, como é realizado esse acompanhamento?

A IES possui algum projeto que auxilie na empregabilidade para os egressos? Se sim, como funciona esse(s) projeto(s)?

Que outras questões você gostaria de comentar sobre o ensino das metodologias ativas, empreendedorismo e empregabilidade dos egressos na região em que está inserida a IES?

APÊNDICE D- Entrevista semiestruturada destinada aos egressos do curso de Enfermagem da UniAGES

Objetivo dessa pesquisa é Investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem UniAGES no mercado de trabalho.

Sujeito da pesquisa: _____

EDUCAÇÃO/ ESCOLARIDADE/ ENSINO

Em qual cidade realizou e concluiu o ensino infantil, fundamental e médio? Escola pública ou privada?

Quando concluiu a graduação em Enfermagem na IES UniAGES? Possui mais de uma graduação?

Após a conclusão da graduação, realizou ou realiza cursos de extensão, pós-graduação, especializações? E qual a área?

O ensino tradicional é marcado pela transmissão do conhecimento, o professor detentor do saber, alunos com função de memorização de informações, ouvintes e propagador de conteúdos. Já o ensino ativo é caracterizado pela expansão do conhecimento, autonomia e protagonismo do aluno em aprender a pensar através de uma postura ativa, contextualização dos conteúdos, professor motiva o ensino problematizado com situações, que movem o aluno buscar informações e aprender de forma dinâmica. Diante desses dois tipos de metodologias, como ocorreu o ensino nos anos iniciais da sua trajetória escolar? E Como era o ensino das disciplinas durante a graduação?

Além dos conteúdos da Enfermagem, o ensino estava orientado a outras dimensões da formação, com preocupações para empregabilidade e capacidade empreendedora? Gestão?

EMPREGABILIDADE/ EMPREENDEDORISMO

Foi difícil obter uma ocupação profissional no mercado de trabalho após concluir a graduação? Comente.

Como você analisa o mercado de trabalho para enfermeiros aqui na sua cidade?

Na graduação foi adquirido algum conhecimento, habilidade e competência que motivou a empreender?

Quais motivos levaram a idealizar o negócio? Quando surgiu a iniciativa e a implantação do mesmo?

Já possuía alguma experiência com gestão de empresa, negócios ou é a primeira vivência?

No processo de implantação criação do negócio realizou estudos prévios de viabilidade, como o planejamentos/plano de negócio? Buscou alguma ajuda do Sebrae ou outro órgão especializado no assunto? Se sim, comente!

Fale um pouco da sua empresa! Missão? Visão? Qual o seguimento? Público alvo? Possui registro formal? Colaboradores? Parceiros? Quantos anos de atuação?

Quais suas considerações sobre a importância do ensino com metodologias ativas desenvolvido na UniAGES, na sua formação profissional e no empreendedorismo?

TERMO DE ANUÊNCIA

Autorizo que o pesquisador Mirelton Souza Santos, mestrando devidamente matriculado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, pertencente à Instituição de Ensino Superior UNIVATES, desenvolva nesta Instituição sua pesquisa intitulada SEMEANDO IDEIAS EMPREENDEDORAS NO POLÍGONO DA SECA: UM ESTUDO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO ENSINO DESENVOLVIDO NA UNIAGES, sob orientação da professora Dra. Silvana Neumann Martins, com o objetivo geral de investigar como um ensino, norteado por metodologias ativas, pode contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo e a inserção do egresso do curso de Enfermagem no mercado de trabalho.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usadas nesta pesquisa, concordo em fornecer subsídios para seu desenvolvimento, acesso às informações: Projeto Político-Pedagógico, Manual do Aluno e informes/arquivos institucionais selecionados para o estudo, assim como, autorização da identificação do Centro Universitário AGES na divulgação das informações e resultados obtidos apenas para fins científicos vinculados à pesquisa em questão.

1) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;

2) Não haverá nenhuma despesa para esta Instituição que seja decorrente da participação na pesquisa;

4) No caso do não cumprimento dos itens acima, há a liberação de retirar a minha anuência a qualquer momento da pesquisa, sem penalização.

Paripiranga/Bahia, _____ de _____ de _____.

Diretor



UNIVATES

Rua Avelino Tallini, 171, Bairro Universitário
Lajeado | RS | Brasil CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Telefone (51) 3714.7000
www.univates.br - 0800 700 809